Renata Martins

PRÁTICAS SOCIAIS, COTIDIANO E LAZER:

um estudo de caso na e com a Comunidade Quilombola de São Julião

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2023

Renata Martins

PRÁTICAS SOCIAIS, COTIDIANO E LAZER:

um estudo de caso na e com a Comunidade Quilombola de São Julião

Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Doutora em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2023

M386p 2023

Martins, Renata

Práticas sociais, cotidiano e lazer: um estudo de caso na e com a Comunidade Quilombola de São Julião. [manuscrito] / Renata Martins – 2023.

103 f.: il.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 98-100

1. Lazer – Teses. 2. Lazer – Aspectos sociais – Teses. 3. Quilombos – Teses. I. Debortoli, José Alfredo Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: n° 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

ATA DA 100ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

RENATA MARTINS

Às 14h00min do dia 27 de novembro de 2023 reuniu-se de no MiniAuditório na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "*PRÁTICAS SOCIAIS, COTIDIANO E LAZER: um estudo de caso na e com a Comunidade Quilombola de São Julião*", requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Dabortoli, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respec va defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	**Aprovada**	**Reprovada**
Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)	X	
Profa. Dra. Cris ane Myrian Drumond de Brito (UFMG)	X	
Profa. Dra. Conceição Clarete Xavier Travalha (UFMG)	X	
Profa. Dra. Sônia Cris na de Assis (UEMG)	X	
Profa. Dra. Ivana Cris na Lovo (UFVJM)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 27 de novembro de 2023. Assinatura dos membros da banca examinadora:

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)

Profa. Dra. Cris ane Myrian Drumond de Brito (UFMG)

Profa. Dra. Conceição Clarete Xavier Travalha (UFMG)

Profa. Dra. Sônia Cris na de Assis (UEMG)

Profa. Dra. Ivana Cris na Lovo (UFVJM)

Documento assinado eletronicamente por **Jose Alfredo Oliveira Debortoli**, **Professor do Magistério Superior**, em 14/12/2023, às 09:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Ivana Cris na Lovo**, **Usuário Externo**, em 14/12/2023, às 10:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Sônia Cris na de Assis**, **Usuário Externo**, em 15/12/2023, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Conceição Clarete Xavier Travalha**, **Professora do Magistério Superior**, em 18/12/2023, às 20:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Cris ane Miryam Drumond de Brito**, **Professora do Magistério Superior**, em 20/12/2023, às 10:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2805880** e o código CRC **EB8EE7BA**.

Dedico este trabalho aos meus filhos, Davi e Elis.

É uma alegria partilhar essa existência com seres tão especiais.

A vocês, todo o meu amor!

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a todos os seres do mundo espiritual, que me possibilitaram trilhar esse caminho.

A toda a Comunidade Quilombola de São Julião, em especial Kátia e Carlinha. O tempo que compartilhamos, para além desta tese, rendeu amizades que levarei para sempre. Com vocês aprendi sobre lutar, existir e (re)existir. A vocês, todo meu respeito e minha admiração.

Ao Zé, meu orientador e amigo, pois, sem ele, nada disso seria possível! Zé é a personificação do amor e da generosidade. Muitas vezes, ele me segurou pelas mãos. Com ele compartilhei minhas dores e minhas alegrias ao longo desse tempo. Torço para que a academia tenha cada vez mais sujeitos como ele, para que mulheres, mães e outras minorias possam acessar esse lugar (se quiserem), com dignidade e respeito.

A minha família de origem, pai, irmãs (Fernanda e Ana Paula), sobrinhas (Anna Luiza e Larinha), sobrinho (Arthurzão). É uma alegria tê-los comigo. Em especial a minha mãe, que acredita em mim mais do que eu mesma. Às vezes, é o não querer frustrá-la em suas certezas sobre a minha capacidade que me faz seguir. Com ela compartilho a vida mesmo à distância. Obrigada!

Ao meu companheiro Rodrigo, por ser parceiro de todas as horas, por me incentivar e acreditar que seria possível, além de cumprir vários papéis para que eu pudesse me dedicar à pesquisa.

Ao grupo de estudos *Na Prática*, pelos encontros, estudos e contribuições.

Aos amigos e parceiros da vida, que dividiram comigo as belezas e ausências desse percurso.

RESUMO

Este é um trabalho de pesquisa desenvolvido a partir da imersão, que adotou uma metodologia relacional, tendo como objetivo compreender os sentidos que o lazer estabelece a partir do cotidiano da Comunidade Quilombola de São Julião. Para isso, foi preciso compreender e descrever as práticas sociais vivenciadas no cotidiano da comunidade e relacionadas a esse campo de estudo. Ao descrever tais práticas, para compreender os sentidos que o lazer assume a partir do cotidiano, busco contribuir com o meio acadêmico, tecendo reflexões acerca do campo dos Estudos do Lazer. A compreensão pelo viver e pelo sentir possibilitou um olhar para o cotidiano como campo de possibilidades, tendo clareza sobre o lugar do tempo e do território enquanto produção da vida, numa perspectiva estética, ética e comunal.

Palavras-Chave: Práticas sociais. Cotidiano. Lazer.

ABSTRACT

This is a research project developed through immersion, adopting a relational methodology with the aim of understanding the meanings that leisure establishes from the daily life of the Quilombola Community of São Julião. To achieve this, it was necessary to comprehend and describe the social practices experienced in the community's daily life related to this field of study. By describing these practices in order to understand the meanings that leisure takes on from daily life, I aim to contribute to the academic community by weaving reflections on the field of Leisure Studies. The understanding through living and feeling enabled a perspective on daily life as a field of possibilities, with clarity regarding the role of time and territory as a production of life, from an aesthetic, ethical, and communal perspective.

Keywords: Social Practices. Daily Life. Leisure.

LISTA DE FIGURAS

figura 1 - Músicos que fazem parte do grupo de capoeira 27
figura 2 - Apresentação de Pereira da Viola 28
figura 3 - Corrida de tampinhas 29
figura 4 - Brincando o batuque 32
figura 5 - Folia de Santos Reis 37
figura 6 - Presépio 38
figura 7 - Abertura da bandeira 41
figura 8 - Nos caminhos da Folia de São Sebastião 42
figura 9 - Passando a bandeira dentro da casa 43
figura 10 - Passando a bandeira no dono da casa 44
figura 11 - A senhora e a bandeira 45
figura 12 - Tocando a folia 47
figura 13 – Kátia, Carlinha e o altar de São Sebastião 49
figura 14 - Depositando velas, pedidos e agradecimentos no pé do mastro 51
figura 15 - Olhar aproximado do altar de Bom Jesus 54
figura 16 - Altar de Bom Jesus 54
figura 17 - Hasteamento da bandeira de Bom Jesus 56
figura 18 - Leilão de Bom Jesus 57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
2 OS CAMINHOS DE IMERSÃO COMO EXPERIÊNCIA DE PESQUISA 20
2.1 Primeira imersão em campo: 5º Festival de Cultura Quilombola de São Julião 22
2.2 1º dia do Festival 26
2.3 2º dia do Festival 28
2.4 3º dia do Festival: dia de brincar o batuque 32
2.5 Outras imersões em campo e desenho da pesquisa 33
3 UM COTIDIANO DE EXPERIÊNCIAS FESTIVAS 35
3.1 As folias 35
3.1.1 Folia de Santos Reis 36
3.1.2 Folia de São Sebastião 40
3.1.2.1 A participação das crianças 46
3.1.2.2 Viva São Sebastião! 48
3.1.3 Bom Jesus 53
3.1.4 Santa Luzia 57
3.2 Brincando o batuque 58
3.3 Espiritualidade 60
4 PRINCÍPIOS E REFLEXÕES PARA PENSAR SOBRE O LAZER, O TEMPO E O TERRITÓRIO 65
4.1 Desenhando o território: outras formas de ser e estar no mundo 68
4.2 Um diálogo com o Norte epistêmico: a temporalidade, a compreensão do mundo atual e as diversidades possíveis 78
4.3 Compreendendo o sentido que o lazer estabelece a partir do cotidiano da Comunidade Quilombola de São Julião 86
5 REPERCURSSÕES 92
REFERÊNCIAS 101

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, situada no campo dos Estudos do Lazer, propôs compreender e valorizar as experiências culturais vividas no cotidiano, pensando o lazer e sua relação com a educação, como um conjunto, um contexto de relações integradoras das experiências dos sujeitos. A experiência cultural[1] configurou-se como um caminho para problematizar outras possibilidades de produção ética, estética e temporal da vida. Busco trabalhar com elementos que permitam uma reflexão acerca do que o cotidiano nos convida a perceber e das diversas formas de produção de conhecimento que os sujeitos trazem a partir das próprias experiências.

A experiência cultural e o cotidiano me aproximaram da noção de "práticas sociais" que utilizo ao longo desta tese. A "prática" está relacionada ao corpo, ao encarnado, à experiência corporal, ao vivido. Já o termo "sociais" está relacionado à noção de situado que, na perspectiva de Leave e Wenger, implica numa compreensão abrangente, envolvendo a pessoa como um todo, "na atividade no e com o mundo; e na visão de que agente, atividade e mundo se constituem mutuamente" (Leave; Wenger, 2022, p. 29).

Nesta pesquisa, vinculada ao Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer, direciono o olhar para as "práticas sociais" vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, sem desconsiderar o que aponta Gomes (2014), quando diz que, nem sempre, em contextos minoritários, é possível designar uma palavra ou conceito para descrever as festas, as celebrações, os ritos, as práticas corporais, os jogos, as músicas, entre outras experiências, mas que é possível designar a feição de lazeres, com seus sentidos e significados singulares. Nesse âmbito, Gomes (2014, p. 7) compreende o lazer "como uma necessidade humana e dimensão da cultura que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, estando presente na vida cotidiana em todos os tempos, lugares e contextos". Diante disso, a presente proposta de pesquisa focaliza tais práticas, considerando as vivências e o cotidiano da Comunidade Quilombola de São Julião.

A Comunidade Quilombola de São Julião é composta, atualmente, por uma média de 350 habitantes. Localizada na zona rural do município de Teófilo Otoni, Vale do Mucuri-MG, configura-se como um lugar que abriga uma comunidade disposta a valorizar e a preservar suas

[1] A opção por "experiência cultural" foi para não remeter a algo objetivado, que preenche todos de uma mesma maneira, mas que, de certa forma, dá sentido às relações cotidianas que os sujeitos sociais encarnados num dado contexto vivem. Como apontam Lave e Wenger (2022), o conhecimento de uma regra prática geral não garante que, qualquer que seja a generalidade executada, esteja disponível nas circunstâncias específicas em que é relevante. Nesse sentido, qualquer "força de abstração" está totalmente situada na vida das pessoas e na cultura que a torna possível.

experiências culturais. A exemplo disso, implementaram um local denominado “Casa do Batuque”, que é considerado lugar de abrigo do “batuque”, das folias, das festas, da capoeira, das espiritualidades e do encontro entre gerações - da infância, dos jovens, das mulheres e homens que ali habitam. A “Casa do Batuque” foi um projeto de tecnologia social de bioconstrução, desenhado e executado pelas mãos da Comunidade de São Julião, pela Carretel Cultural e pela Associação Mucury Cultural, com o objetivo de que

> [...] as memórias e conhecimentos ancestrais sejam identificados, registrados, salvaguardados e promovidos; que as mestras e mestres detentores desse conhecimento sejam reconhecidos e valorizados; que as crianças sejam reconhecidas como sujeitos e a cultura da infância seja fortalecida, celebrada e promovida; que a juventude seja protagonista e fortalecida nesse processo, como herdeira de uma tradição e senhora de sua narrativa; e que as mulheres tenham seu papel reconhecido, protegido, valorizado e apoiado (Bento; Botelho, 2019, p. 4). No prelo.

Ao escolher a Comunidade Quilombola de São Julião, a fim de descrever as práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, algumas perguntas se impuseram: que comunidade é essas? Quais são suas práticas sociais de lazer? Como elas se desenvolvem nesse contexto? Quais são seus sentidos e significados?

Ao pensar sobre o problema de pesquisa, estabeleci o princípio de me encarar como a professora/pesquisadora que sou. Busquei compreender as práticas sociais dessa comunidade sem me furtar de refletir sobre seus processos de educação e suas singularidades, bem como tentei trazer o que eu, como professora/pesquisadora, vivenciei como possibilidade de aprendizagem na relação com esse grupo.

Assim, ao tratar das práticas sociais vividas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, considerei o conceito de Participação Periférica Legitimada (PPL), de Leave e Wenger (2022), apreciando a aprendizagem dessas práticas como algo que ocorre horizontalmente, tendo a prática social como um fenômeno generativo primário e sua aprendizagem como uma característica desse fenômeno. Ao trazer as folias, as festas, o batuque, o brincar, entre outras práticas sociais de lazer, a aprendizagem é focalizada “como um aspecto integral da prática (num sentido histórico, generativo) [...] um elemento integral da prática social geradora do mundo-vivido” (Leave; Wenger, 2022, p. 30).

De acordo com a noção de PPL, nenhum aspecto pode ser considerado de forma isolada, cada um é necessário para definir o outro, formando uma paisagem (formas, graus, texturas) de pertencimento à comunidade.

> A forma que a legitimidade da participação assume é uma característica definidora dos meios de pertencimento, por isso não é apenas uma condição crucial para a aprendizagem como um elemento constituinte de seu conteúdo. De modo semelhante, em relação a "periferalidade", é muito possível também que não exista uma "participação central" numa comunidade de prática. A periferalidade sugere que há múltiplas maneiras, variadas e mais ou menos engajadas e inclusivas, de se localizar nos campos de participação definidos pela comunidade. A questão da participação periférica aborda o estar localizado/situado no mundo social. A mudança de situação e perspectiva é parte das trajetórias de aprendizagem dos atores, bem como o desenvolvimento das identidades e as formas de pertencimento (Leave; Wenger, 2022, p. 31).

Considerando essa noção de PPL, foi definido como objetivo deste trabalho compreender os sentidos que o lazer assume a partir do cotidiano da Comunidade Quilombola de São Julião. Para isso, foi preciso descrever as práticas sociais relacionadas a esse campo de estudo, adotando uma perspectiva que extrapola minha visão de pesquisadora em campo, por considerar como princípio a relação e a escuta daquilo que é fundamental e pertinente para aqueles que vivenciam tais práticas e que fazem parte dessa pesquisa.

Ao compreender as experiências culturais e o cotidiano da comunidade de São Julião, bem como, ao descrever as práticas sociais da comunidade, elucidou-se possíveis sentidos que o lazer estabelece a partir do e no cotidiano. Assim, busquei contribuir academicamente, tecendo reflexões acerca do Campo de Estudos do Lazer, a partir de um contexto de vida cotidiana de uma comunidade quilombola como possibilidade de compreendermos a vida a partir de suas perspectivas estéticas, éticas e comunais.

Através de uma metodologia qualitativa, com o intuito de valorizar a ótica dos sujeitos envolvidos no processo, busco entender fatos sociais impregnados de valores e subjetividades, tomando cada fato estudado, um sentido próprio. Os percursos foram traçados tendo em vista o procedimento que Segato (2012) chama de "escuta etnográfica", enfatizando "conhecimento e reflexão em resposta às perguntas que me colocam aqueles que, numa perspectiva clássica, constituiriam os objetos de observação e estudo" (SEGATO, 2012, p.107). Desenvolvendo a pesquisa de forma a tornar possível, através dos sujeitos, traçar novos caminhos a qualquer tempo, para que a escrita da tese fosse a partir do que realmente importa para eles.

Extrapolando a noção de "voz" apenas como narrativa falada, compreendendo-a como aquilo que se diz de maneiras diversas. A escolha da "escuta etnográfica" vem tornar possível uma pesquisa intercultural, que entente que é necessária a escuta daquilo que os sujeitos apontam em relação a sua realidade vivida. Através da aproximação e da escuta dos sujeitos individuais e coletivos, busquei reconhecer, junto com eles, os saberes que a vida deles trazem,

tendo a vida cotidiana como potência reflexiva. Procurei traçar aproximações com a (re)apropriação do tempo e de materialidades que possibilitassem que esses sujeitos se apropriassem das suas histórias, das suas percepções de mundo, como forma de compreender a vida.

Ao trazer a descrição das práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer da Comunidade Quilombola de São Julião, estabeleci a provocação de um "outro" olhar sobre a vida como experiência sensível, no sentido de dar transparência a essas práticas, ao cotidiano, a processos situados, lembranças e histórias, num exercício de leitura das condições de produção deles mesmos e da vida.

Assim, o presente trabalho foi desenvolvido tendo em vista o que Escobar (2020) chamou de "epistemologias colaborativas", que seria uma possibilidade de trabalhar uma noção "outra" das formas de participação dentro da pesquisa, favorecendo um envolvimento que extrapola a noção domesticada e superficial de participação, vinculando-se à noção de "comunalidade". O autor sugere que, se queremos uma participação "outra", precisamos de "epistemologias outras", que superem a divisão entre pesquisador e comunidade pesquisada.

Nesse sentido, a produção dessa pesquisa passa por uma organização onde eu, como pesquisadora, assumo a responsabilidade de produção deste trabalho, que passou pelas escolhas em relação a diálogos teóricos, processos metodológicos, entre outras questões que um trabalho acadêmico exige. Dentre essas escolhas está o fato de não colocar o outro, o sujeito pesquisado, como objeto de pesquisa, o que se deu com a emergência do diálogo e das relações. Nesta tese, o outro também é sujeito no processo, tanto da produção dos dados quanto da centralidade da prática e da palavra. É importante deixar claro que são esses sujeitos que abrem possibilidades para o desenvolvimento desta pesquisa na medida em que compartilham suas vidas, suas experiências e suas palavras.

Para favorecer a compreensão dessa "epistemologia outra", o autor traz o papel do design e o lugar do design na modernidade. Ele chama atenção sobre a consciência crescente de que o design é um domínio ou espaço importante para a produção da vida e de criação de mundos, por meio dele, criamos o mundo em que vivemos e esses mundos nos projetam, de modo que o design tem uma dimensão ontológica. Ele aponta a necessidade de pensar "designs outros" e "designs de outro modo", que considerem formas outras, não dicotômicas, pensadas de dentro para fora. Ao adotar uma epistemologia feminina, que é para homens e mulheres, me coloco na posição de questionamento da divisão entre sujeito e objeto de pesquisa.

Escobar (2020) aponta que estamos presos a um ciclo tóxico da existência cotidiana, por cultivarmos crenças da modernidade, dentre elas a de que somos indivíduos separados,

autônomos; que temos uma economia separada; que a ciência nos dá uma verdade; além da crença em um mundo objetivo e real. Ele defende que a tarefa é reconectar aquilo que a modernidade separou e diz que é isso que o design está problematizando. O autor aponta as tendências do design no Norte e no Sul Global e o que ele denomina de "estudos transnacionais críticos do design", de forma que a ideia de interdependência seja abraçada, superando uma visão antropocêntrica e instigando uma vontade de operar na realidade do mundo contemporâneo.

Logo, Escobar (2020) tenta elucidar a ideia de interdependência ou relacionalidade, afirmando que

> Surgimos de uma complexa rede de relações entre o humano e os mais-que-humanos e que, então, o princípio que chamamos de relacionalidade emerge de uma forma ou de outra para entender a realidade. Também os chamamos de "interdependência radical", no sentido que não apenas tudo está relacionado a tudo, mas tudo depende de que todo o resto exista. Para que algo exista, todo o resto deve existir. Sempre vivemos contra essa percepção, com todas as separações e binários da modernidade. [...] A vida é fluxo, é inter-relação. Tudo se relaciona com tudo e, portanto, se soubermos habitar o planeta de forma pluriversa, segundo esse princípio da interdependência, estaremos avançando muito. Reaprenderíamos a caminhar pelo mundo como seres vivos [...] (Escobar, 2020, p.4).

A partir dos conceitos de inter-relações, interdependência e "relacionalidade", ele chega à noção de "comunalidade", que emergiu na América Latina na última década. O autor aponta "que se olharmos para o panorama político e vital dos povos de hoje, nos deparamos com uma situação em que temos 'tramas comunitárias', por um lado, que são todas as realizações comunais dos povos e coletivos contra essas colisões e tramas de corporações transnacionais que querem incorporar-se de tudo" (ESCOBAR, 2020, p.5). A partir dessa perspectiva, Escobar (2020) aponta que, o comunitário é um horizonte de luta, é construção contínua da vida, mas também é habitado pelas formas de poder.

Ao analisar as "tramas comunitárias" trazidas pelo autor, é possível perceber a proximidade com a Comunidade Quilombola de São Julião, que existe e (re)existe, considerando complexas relações de poder exercidas tanto de fora para dentro como internamente. Elas e eles criam e exercem movimentos que os possibilitam se manterem vivos, em constante luta pela manutenção de uma experiência cultura viva, expressa diariamente no cotidiano. Não sendo essa uma forma de voltar ao passado, nem continuação do presente, mas sim, desenvolvendo economias sob princípios comunais, voltadas para produção do comum, ainda que articulado ao mercado.

Escobar (2020) também traz algo que é muito caro e que conduz o fio desta pesquisa. Trata-se da chamada "política do feminino", conceito já apresentado por outras pesquisadoras

feministas e que inaugura uma proposta outra de refletir com criticidade sobre as estruturas patriarcais, que se mantem ao longo de muitos anos, embricadas com o capitalismo e o racismo presentes fortemente ao redor do mundo e, naturalmente, em comunidades como São Julião. Assim, ele propõe uma estratégia feminina que também adoto aqui. Opto por realizar uma escrita coletiva, principalmente ao lado de duas mulheres que lutam diariamente na comunidade para a construção de um novo cenário nesse sentido. Assim, como aponta Escobar (2020, p.6), sigo "adotando uma retórica de valor às formas de felicidade comunais, que possam se opor a poderosa retórica do projeto de coisas, ao projeto de globalização", trazendo para o cenário um conceito que, segundo Escobar (2020), foi galgado por Rita Segato (2012).

As duas mulheres com as quais estabeleço essa relação, de forma mais direta dentro da pesquisa, são: Kátia[2], atual presidente da Associação Vaz Pereira (primeira mulher a assumir esse cargo na história da comunidade), líder comunitária, agricultora, quilombola, nora de Pai João Preto e Mãe Augusta; Carlinha, líder comunitária da juventude, atual secretária da Associação Vaz Pereira, agente comunitária de saúde (no período de realização da pesquisa), filha de Kátia e Range, neta de Pai João Preto e Mãe Augusta. Essas duas vozes serão perenes nesta tese.

Ainda me aproximo do que Escobar (2020) traz como algo desenvolvido por diferentes grupos da América Latina, pesando nas epistemologias participativas, que seria a participação militante, onde descrevo aproximações e desenvolvimentos de ações concretas possibilitadas por essa experiência de pesquisa. Nessa proposta, toda pesquisa deve ser para transformação social. Como também, adoto um caminho de pesquisa de construção coletiva, para que os resultados e escrita dessa tese também fossem de interesse da comunidade. Para além, me proponho a um exercício de trazer as vozes, onde a escrita foi parte de um processo também coletivo.

Tendo em vista a Participação Periférica Legitima, trazidas por Leave e Wenger (2022), na busca de um "outro olhar", trabalhei a partir das epistemologias colaborativas, através da noção de comunalidade, adotando a política do feminino e a participação militante em uma construção coletiva, baseada em Escobar (2022) e adotando a "escuta etnográfica" de Rita Segato (2012). A partir dessa construção, assumo um processo metodológico relacional de

[2] Ao longo desta tese, são usados nomes e cognomes não fictícios, obedecendo ao critério de nomear os sujeitos da mesma forma como são nomeados no cotidiano da comunidade. O uso de nomes e cognomes estabeleceu-se de comum acordo com os envolvidos, principalmente com Kátia e Carlinha, que ocuparam lugar central de produção do processo de pesquisa.

pesquisa, onde cada capítulo foi pautado nos processos que foram emergindo a partir das formas relacionais e engajamento no cotidiano na e com a Comunidade Quilombola de São Julião.

Ao considerar esse caminho de imersão, preciso deixar claro que não considero essa pesquisa uma etnografia, do ponto de vista do que o campo antropológico aponta como uma construção etnográfica, mas ela não abre mão de um olhar etnográfico, sobretudo no que diz respeito à "escuta etnográfica" que, conforme Segato (2012), faz relação com uma participação e um envolvimento de corpo inteiro.

Nos identificamos com Favret-Saada (2005), no seu texto "Ser afetado", quando ela fala que, ao tentar realizar um trabalho etnográfico sobre feitiçaria no Bocage francês, oscilava entre dois obstáculos: caso "participasse", o trabalho de pesquisa se tornaria uma aventura pessoal; e se "observasse", se mantivesse à distância, não teria nada para observar. A autora diz isso para descrever um processo metodológico por meio do qual ela tentava fazer da "participação" um instrumento de conhecimento. Assim, nos encontros com os enfeitiçados e desenfeitiçadores, ela se deixava afetar, sem procurar pesquisar, nem compreender e nem reter qualquer aspecto, entretanto, ao chegar em casa, redigia uma crônica dos eventos enigmáticos vivenciados.

Favret-Saada (2005) aponta que, ao assumirmos esse lugar de aceitar participar e sermos afetados, abre-se uma comunicação específica com os nativos (que prefiro chamar de sujeitos da pesquisa), que é sempre uma comunicação involuntária e desprovida de intencionalidade, que pode ser verbal ou não verbal. A proximidade com esse modo de fazer pesquisa de Favret-Saada permitiu que eu me encontrasse, inúmeras vezes, ao longo do trabalho em campo, imersa em processos de alegria e envolvimento perenes e, por vezes, angustiantes, pois as regras e o tempo limitado do mundo acadêmico me assombravam.

> Nesses momentos, se for capaz de esquecer que estou em campo, que estou em trabalho, se for capaz de esquecer que tenho meu estoque de questões a fazer... se for capaz de dizer-me que a comunicação (etnográfica ou não, pois não é mais esse o problema) está precisamente se dando, assim, desse modo insuportável e incompreensível, estou direcionada para uma variedade particular de experiências humanas – ser enfeitiçada por exemplo – por que estou afetada (Favret-Saada, 2005, p. 159 -160).

Seguindo tais processos relacionais, bem como, por ser afetada, adoto determinados caminhos de pesquisa que se expressam em três eixos: no primeiro tratei dos caminhos de imersão como experiência de pesquisa, descrevendo minha primeira imersão em campo e as escolhas de pesquisa que se desenharam no decorrer desse período. No segundo, descrevi as práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo dos Estudos do Lazer. Como

experiências empíricas, apresento as folias, o brincar o batuque e a espiritualidade, temas levantados de forma coletiva com a comunidade e em especial com a líder comunitária (Kátia). No terceiro, busco dialogar com autores que me ancoram em discussões sobre a temporalidade dos sujeitos, bem como, contribuições com o campo de Estudos do Lazer. Por fim, nas considerações finais, compartilho outras experiências concretas da vida cotidiana, ao descrever um projeto de acesso e permanência da juventude quilombola de São Julião na Universidade e seus desdobramentos.

2 OS CAMINHOS DE IMERSÃO COMO EXPERIÊNCIA DE PESQUISA

O projeto inicial desta pesquisa, escrito para a seleção do curso de doutorado em Estudos do Lazer, tinha a proposta de pesquisar as "práticas sociais" relacionadas ao campo de Estudos do Lazer e seus diálogos com a educação, estabelecendo uma relação direta com o curso de Licenciatura em Educação do Campo, que trabalha com a Pedagogia da Alternância[3]. Sendo assim, meu contato seria com os estudantes, a partir da Universidade, depois, a ideia era eleger um local com um número considerável de estudantes, de modo que eu pudesse acompanhar o "tempo comunidade". Porém, os caminhos da pesquisa nem sempre são tão óbvios, os meus, particularmente, costumam ser bastante sinuosos.

Existia uma certa ansiedade para passar por esse caminho descrito, para chegar ao campo de fato. Procurei por uma professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, campus Diamantina. Ela, prontamente, mostrou onde estavam no mapa do curso, indicando os locais onde havia um número considerável de estudantes. Diante do que eu havia falado para ela sobre os meus objetivos de pesquisa, em uma conversa informal, chegamos à conclusão de que Ouro Verde de Minas poderia ser um bom lugar para realizar a pesquisa.

Tive a oportunidade de conhecer Ouro Verde, mais especificamente o Quilombo de Santa Cruz, onde a realidade foi transformada a partir da entrada de boa parte da juventude na universidade, cursando "Licenciatura em Educação do Campo", curso que tem como cerne a valorização dos povos do campo e seus saberes. As pessoas desse lugar estão ligadas a diferentes universidades, como Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Viçosa.

O acesso e a permanência de pessoas dessa comunidade nas universidades tornaram-se realidade a partir da atuação de uma mulher, que entrou na universidade e procurou meios para

[3] A resolução CNE/CP N°1, de 16 de agosto de 2023, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares da Pedagogia da Alternância na Educação Básica e na Educação Superior. Em seu capítulo II, art. 5°, diz que são princípios e valore dessa pedagogia: "I - ensino e aprendizagem interligando conhecimento científico e tecnológico a saberes populares e tradicionais; II – articulação entre ensino, pesquisa e extensão, considerando o trabalho, a história e a cultura das comunidades envolvidas como princípios e fins da educação; III – o processo formativo deve considerar o contexto sócio-cultural-educacional dos estudantes e seus territórios; IV – o compartilhamento da gestão administrativa e pedagógica entre estudantes, famílias, docentes e comunidades envolvidas; V – alternância de tempos, espaços e saberes entre a escola e universidade, família e comunidade, com vistas ao desenvolvimento crítico da teoria e da prática; VI – a consideração dos conhecimentos das comunidades e suas experiências de vida enquanto fonte de saber para o processo de ensino-aprendizagem; e VII – a pesquisa como princípio metodológico do processo formativo tendo em vista a produção de conhecimento por meio da interação entre teoria e prática" (Brasil. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP N°1, 2023).

que as pessoas de sua comunidade pudessem também ter acesso, desenvolvendo formas de apoio e de incentivo. Por lá, é fácil escutar falas como “educação é nossa bandeira de luta”, ou “aqui você pode ser vaqueiro, mas vai ser um vaqueiro por escolha e não pela falta dela”, “todo mundo aqui tem que ir para a universidade”.

Elas (conversei com um grupo composto majoritariamente por mulheres) relatam que desenvolveram uma forma de organização, uma estruturação da comunidade. Por meio desse processo, conseguiram ter seu próprio laticínio, pequenas hortas e formas de escoar a produção, escola de qualidade dentro da comunidade e uma microempresa denominada “Kilombus Modas”. Nessa pequena fábrica, elas importam tecidos vindos do continente africano, idealizam, customizam e fabricam suas próprias peças, num reconhecimento da ancestralidade, num movimento de fortalecimento das mulheres negras, permitindo que seja possível assumir e reafirmar a importância desse lugar.

Porém, como disse anteriormente, os caminhos da pesquisa, no meu caso, são sinuosos. Antes de conhecer o Quilombo de Santa Cruz, que fica localizado em Ouro Verde de Minas – Vale do Mucuri, tive contanto com a Comunidade Quilombola de São Julião, que fica relativamente perto de Ouro Verde. Essas comunidades, de alguma forma, se relacionam, assumem algumas lutas em comum, mas as realidades são distintas.

São Julião não tinha, até então, nenhum jovem frequentando uma universidade. Essa questão seria algo que me afastaria dessa comunidade - pelos objetivos iniciais de pesquisa, que consideravam fazer uma relação direta com o curso de Licenciatura em Educação do Campo. Porém, São Julião tem uma riqueza de experiências culturais e vive atualmente uma luta por educação básica de qualidade. A comunidade estabelece, nessas experiências, uma relação de proximidade, de intimidade e preocupação com a infância em particular.

Após esse encontro com a comunidade de São Julião, defini, juntamente com meu orientador, que era preciso considerar essas experiências das festas, das folias, do batuque, das músicas, dos encontros entre gerações, questões espirituais, que são importantes experiências de aprendizagens no cotidiano. Apesar de não haver estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo, essa comunidade trazia experiências culturais que se aproximavam dos objetivos do meu projeto de pesquisa inicial. Diante da encruzilhada, definimos que seria importante reconsiderar, mudar a rota. Assim, esta pesquisa tomou o caminho de compreender e descrever as “práticas sociais” relacionadas ao campo dos Estudos do Lazer, a partir de um estudo de caso na e com a Comunidade de Quilombola de São Julião, pertencente à cidade de Teófilo Otoni, Vale do Mucuri – MG.

2.1 Primeira imersão em campo: 5º Festival de Cultura Quilombola de São Julião

O 5º Festival de Cultura Quilombola de São Julião[4] é um projeto financiado pela Lei Aldir Blanc, que prevê auxílio financeiro ao setor cultural. Foi realizado pela Associação Quilombola Vaz Pereira, Associação Mucury Cultural, Carretel Cultural e Mútua Criativa. A associação Quilombola Vaz Pereira é composta por pessoas da Comunidade de São Julião e as demais instituições parceiras atuam em diferentes projetos realizados nesse contexto. Esse festival teve início há 10 anos e, inicialmente, tinha como objetivo a comemoração do aniversário de Pereira da Viola, violeiro conhecido nacionalmente, que é natural de São Julião.

Ao longo dos anos, o festival foi assumindo diferentes formatos. Nessa edição, a programação contava com três dias de evento, indo do dia 16 ao dia 18 de agosto de 2021. No primeiro dia, estava previsto um momento de saudação aos ancestrais, com shows de Pereira da Viola e Tony Mega Boy; no segundo dia, aconteceria o encontro para brincar na natureza, destinado às crianças, e a conversa com o coletivo de mulheres "Célia Soares"; no terceiro e último dia, a programação previa um novo encontro pra brincar na natureza, além da apresentação do "Grupo de Batuque Pai João Preto" e da exibição do filme *Os bichos de Nalva*[5], que fala sobre uma mulher da comunidade que constrói obras de arte, transformando materiais achados na natureza em bichos.

Na terça-feira que antecedia o evento, recebi com alegria o convide para participar do 5° Festival de Cultura Quilombola de São Julião, pois seria a oportunidade de entrada, de forma presencial, no campo de pesquisa. Naquele momento, a entrada em campo de forma presencial parecia algo impossível, pois vivíamos, de forma intensa, a pandemia de covid 19, que impôs restrições como o uso de máscaras e, principalmente, o isolamento social.

Iniciar um processo de pesquisa em um contexto de pandemia fez com que alguns percursos precisassem ser modificados. Todo o mundo, nesse momento, estava se adaptando a novas formas de trabalhar e de se relacionar, de modo que, na pesquisa, não foi diferente. Como a pretensão, desde o início, era estabelecer uma relação de proximidade com a comunidade e com os sujeitos, fiquei, durante algum tempo, pensando de que forma seria possível realizar a

[4] O convite para participar do 5º Festival da Cultura Quilombola de São Julião aconteceu a menos de uma semana do evento. Devido à pandemia, causada pela covid-19, o evento estava previsto para acontecer de forma on-line, mas como toda a comunidade (pessoas acima de 18 anos) estava vacinada, acharam por bem que o evento acontecesse de forma presencial, com a presença física apenas dos sujeitos da comunidade. Os poucos que viessem de fora, deveriam seguir de forma rigorosa os protocolos de segurança, que incluía uso contínuo de máscaras do tipo N95 ou PFF2, uso de álcool em gel e distanciamento.

[5] Disponível em: https://youtu.be/O4Ckdz1Q_aw?si=huK6aZlqvFTYMiDp. Acesso em: 28 out. 2023

pesquisa, tendo clareza de que os movimentos do contexto da vida também nos convidam a outras formas de relação.

Até então, em uma pesquisa exploratória, eu havia participado, de forma on-line, do "Encontro dos povos Quilombolas do Mucuri" e mantinha contanto direto com a presidente da Associação Mucury Cultural, que mediava minha conversa com Kátia, a líder comunitária. Essa primeira entrada presencial possibilitaria o encontro, a escuta atenta e, para além das palavras ditas de forma virtual, sentir os cheiros, os sabores e viver as experiências culturais corporalmente.

No dia que antecedia o festival, passamos na casa da presidente da Associação Mucury Cultural – em Teófilo Otoni. Ela era a responsável pela produção do evento, além de ser a pessoa com quem eu havia estabelecido contato desde o início da pesquisa e quem possibilitou e acompanhou essa minha entrada de forma presencial em campo. Tomamos um café e foi possível que ela me falasse sobre a programação do evento e um pouco sobre a comunidade de São Julião.

Saímos de Teófilo Otoni com um certo atraso em relação ao horário que havíamos combinado anteriormente. São Julião está situada a 83Km de Teófilo Otoni, próximo ao distrito de Maravilha. A estrada que dá acesso à comunidade, com cerca de 50 km, é de terra, o que dificultou nossa chegada – gastamos, em média, 2 horas de viagem.

Desde que iniciei as conversas para realizar a pesquisa na Comunidade de São Julião, fui informada de que as questões espirituais, para eles, são caras, a ponto de as entidades interferirem diretamente no planejamento e na execução de projetos. Na estrada, a poucos quilômetros da nossa chegada, fui alertada da existência de uma ponte que é tida como uma espécie de portal de proteção da comunidade, onde as espiritualidades limitam a entrada de alguns que não devam adentrar. No primeiro momento, achei que se tratava de uma brincadeira, mas era verdade.

Confesso que fiquei insegura. Eu teria a permissão para entrar? Meu trabalho de pesquisa seria aceito? Essas questões surgiram mesmo já tendo recebido a permissão de Kátia, líder comunitária. Chegando perto da ponte, reduzi a velocidade. Era uma ponte pequena, estreita, mas aparentemente segura. Tratava-se de uma ponte composta por várias tábuas na horizontal, com duas na vertical que as ligavam, tinha, no máximo, três metros de comprimento e era um pouco mais larga que um carro. Apesar da baixa velocidade do carro, passei rapidamente por ela, devido ao seu tamanho. A partir dali, fiquei mais segura, pois as entidades permitiram minha entrada!

Devido ao atraso da saída, chegamos depois que já havia sido iniciado o ritual de oferenda que seria realizado no alto da mata. Logo que chegamos, fomos recebidos por uma das filhas de Kátia, que nos informou que as pessoas já haviam subido há algum tempo. Ela nos levou em direção ao local, fizemos uma curta caminhada, passando por uma pequena trilha e por lugares significativos, como a horta das mulheres; atravessamos uma pinguela (ponte estreita de um pau só) que passa sobre um riozinho estreito, percorremos lugares que foram ganhando significado no decorrer do tempo em que permaneci na comunidade. Logo vimos uma pequena casa de madeira que abrigava os participantes daquele ritual.

Para nossa surpresa, havia outras pessoas de fora da comunidade, que por terem estabelecido uma relação de cunho religioso com o lugar, vieram especificamente para essa oferenda, que fazia parte do ritual de saudação aos ancestrais, primeira programação do festival. As experiências espirituais, por eles denominadas de "umbanda", são consideradas de suma importância para esses sujeitos, como será aprofundado ao longo deste trabalho. É importante ressaltar que essas experiências, apesar de se manterem vivas na comunidade, não eram nomeadas e o termo umbanda representa a junção de experiências espirituais que "sempre" existiram na comunidade com algo que vem de fora, a partir de um movimento do atual secretário de cultura do município de Teófilo Otoni, Pereira da Viola.

Ao chegar próximo à casinha de madeira, mantivemos distância, de modo que os que ali estivessem não se sentissem invadidos. Logo, Ana Maura se aproximou, se apresentou a mim e nos convidou para receber um passe[6]. Ela pediu que nós esperássemos próximos à casa, e ali eu permaneci. Primeiro ela chamou a presidente da Associação Mucury Cultural e, logo depois, ela apareceu na porta da casa e me convidou para entrar. Confesso que ali existia, para mim, uma certa tensão, como pesquisadora que chegava ao campo no dia de um ritual tão significativo.

Entrei na casinha e fui direcionada ao Preto Velho, ele me recebeu com um cachimbo na boca, e pediu que eu me aproximasse, ajoelhei-me bem perto dele, a casinha estava cheia. Ele me questionou se eu gostaria de perguntar algo, eu com a cabeça e com a voz embargada, disse que não. Ele perguntou, quase afirmando: "você é nova aqui na comunidade, né?". Eu sinalizei com a cabeça, dizendo que sim. Segurando minhas mãos, ele fez movimentos repetidos de cruz, nas palmas das minhas mãos, primeiro na esquerda, depois na direita e, em seguida,

[6] "[...] movimentos com as mãos, feitos pelos médiuns passistas, nos indivíduos com desequilíbrios psicossomáticos ou apenas desejosos de uma ação fluídica benéfica. […]. Os passes espíritas são uma imitação dos passes hipnomagnéticos, com a única diferença de contarem com a assistência, invocada e sabida, dos protetores espirituais" (Paula, 1970, p.32).

me disse: “todo trabalho que vem para o bem é bem-vindo, seus caminhos estão abertos!”. Quando ele disse que eu poderia ir, saí da casinha, recebi, na porta, uma sacolinha com uma vela de citronela, um incenso e um melzinho. Os significados atrelados a esse ritual são desvelados, para mim, ao longo do caminho.

Voltamos para a casa de Kátia, onde iríamos almoçar. Saímos antes das outras pessoas, o sol já estava muito quente. Chegamos, cumprimentamos os que estavam na casa e, logo depois, chegaram todos os outros que participavam do ritual. Ali eu tinha uma certa ansiedade em conhecer pessoalmente a Kátia, que já era pra mim uma referência. Com os olhos, eu procurava por ela, pensava que seria fácil identificá-la em meio ao encontro, a cumprimentos e apresentações. Ana Maura, que havia nos convidado a tomar o passe, chegou e me cumprimentou novamente, deu as boas-vindas e falou comigo rapidamente, de forma afetuosa.

O almoço estava servido, em uma cozinha com janelas de madeira, uma mesa grande no centro, prateleiras, fogão à lenha e uma comida que cheirava lá fora. Nessa cozinha, já havia muitas pessoas, além de um grupo de homens que conversava perto de uma das janelas. Fiquei perto da porta para observar a melhor forma de me servir. Quando me aproximo desse grupo de homens, onde estava também Pereira da Viola, ele me oferece uma cachaça, fico receosa em aceitar, mas me lembro de que a partilha de momentos como esses podem ser determinantes para a pesquisa. Aceito, bebo a cachaça! E Pereira me diz “é preciso que você beba, para abrir”, eu questiono “o apetite?” e ele responde “não só o apetite, mas também os caminhos”. Logo percebo que era mesmo necessário.

Almoçamos no quintal, evitando a proximidade com tantas pessoas devido à pandemia. Nesse momento, pergunto à presidente da Associação Mucury Cultural onde estava Kátia, que ainda não havia encontrado. Ela sorri e, em tom de brincadeira, me diz “como não?”. Ali eu descubro que a Ana Maura, que nos convidou para o passe e que me cumprimentou ao chegar em sua casa, como quem já sabia que eu estaria ali, era a Kátia, a líder comunitária que eu esperava encontrar[7], pessoa com a qual escrevo coletivamente esta tese.

Junto-me ao grupo que iria avisar as crianças da comunidade da nossa chegada e também convidá-las para o “encontro para brincar”, previsto na programação do festival. Nesse grupo, já contávamos com a presença de duas crianças da comunidade, Manoel e Samuel, moradores

[7] Isso virou uma história da qual rimos muito nos encontros subsequentes, e ela me contou que Kátia é seu apelido e que, de alguma forma, virou seu nome. Para além, entendo que essa pode ter sido uma estratégia de reconhecimento, de um primeiro contato, onde ela pudesse me observar de um outro lugar, afinal ela estava abrindo as portas da comunidade para mim.

da Pixana[8], que faz parte da comunidade. A estrada utilizada para a subida é bem íngreme e apresenta grandes dificuldades[9]. Abandonamos o carro e fomos ao encontro das crianças, naquele mesmo dia combinamos como nos organizaríamos no dia seguinte e voltamos para casa.

Voltamos à casa de Kátia para o jantar, tenho consciência de que minha chegada à comunidade, acompanhada pelos representantes das instituições que realizavam o festival em parceria com a comunidade, facilitou a minha entrada em campo. Nesse jantar, muitos assuntos foram tratados, como a realização do festival, questões políticas, convivência dentro da comunidade, violência familiar e a recente eleição de Kátia como presidente da associação comunitária, sendo a primeira mulher a assumir esse cargo, assunto delicado naquele momento.

2.2 1º dia do festival

No primeiro dia de festival, as crianças chegaram cedo. Apesar de o encontro estar marcado para às nove da manhã, às sete, algumas já estavam aguardando no local combinado, umas chegam e outras vão se juntando ao grupo ao longo da caminhada, elas caminham pela comunidade, vão brincar na mata, de longe, é possível escutá-las. Nesse dia, eu optei por não as acompanhar, preferi me encontrar com Kátia para conhecê-la melhor, estreitar laços, ouvir, viver a experiência dessa relação que se iniciava.

Cheguei à casa dela e de lá fomos à horta, colhemos verduras e legumes para o almoço, encontramos outras mulheres da comunidade. Nessa conversa, elas disseram que essa horta é coletiva, as mulheres plantam e cuidam juntas. Kátia coordena esse trabalho, que é feito a muitas mãos. De lá, sai alimento para as casas e, em algum momento, elas escoam parte da produção para venda e doação, mas, atualmente, a comunidade enfrenta problemas com o transporte dos produtos da horta. Retornamos para a casa, onde ajudei no preparo do almoço. A cozinha é sempre movimentada, toda a comunidade passa por lá.

Nesse mesmo dia, tive a oportunidade de conhecer outras casas, a estrutura é precária em muitas delas, em algumas falta saneamento básico, mas a realidade é diferente em cada local dessa comunidade, que é dividida em três grandes áreas/famílias. A maioria das casas possui

[8] Essa parte da comunidade é denominada como Vaz, porém é popularmente conhecida por Pixana, que faz referência às onças que são encontradas na região.

[9] Nessa saída, encontro alguns desafios. O morro que leva à Pixana é muito íngreme, eu estava dirigindo o carro, mas não sabia se conseguiria subir. Manuel, que é uma criança moradora daquela área, me diz que já viu muito carro subindo ali. Então, mesmo com medo, subo o primeiro morro, o segundo, que é virando à esquerda, é ainda mais íngreme, tento subir, mas não é possível, é muita poeira solta, preciso descer de ré, onde tinha um barranco à direita e um abismo à esquerda (o primeiro morro que subimos). Ali Manoel me diz "eu disse que já vi muito carro subindo, só não disse que já vi muito descendo também".

jardim com flores, muito bem cuidadas. As flores são cultivadas em vasos, que são colocados próximos das paredes das casas. Existem muitos animais domésticos, como cachorros e gatos, e, em algumas casas, é possível encontrar maritacas que vivem livres.

Após o almoço, fomos lavar a Casa do Batuque, uma casa construída por meio de um projeto realizado com a Associação Mucury Cultural, Carretel Cultural e, principalmente, por pessoas da comunidade. A casa consiste em um salão com duas paredes de adobe, duas laterais fechadas de tela e uma varanda, que é um pequeno teto trançado de bambu. No momento da lavagem, algumas mulheres da comunidade vieram nos ajudar. Toda conversa é regada a muito café.

Foi montada uma estrutura de som e câmera para transmissão, em live, do evento, aberto pela representante da Associação Mucury Cultural, e por Kátia, representante da comunidade. Elas logo apresentaram um grupo de músicos que compõem o grupo de capoeira da comunidade, eram três homens, um menino e uma jovem. O grupo entoou músicas de capoeira que falavam dos negros, da luta e da resistência de seus povos.

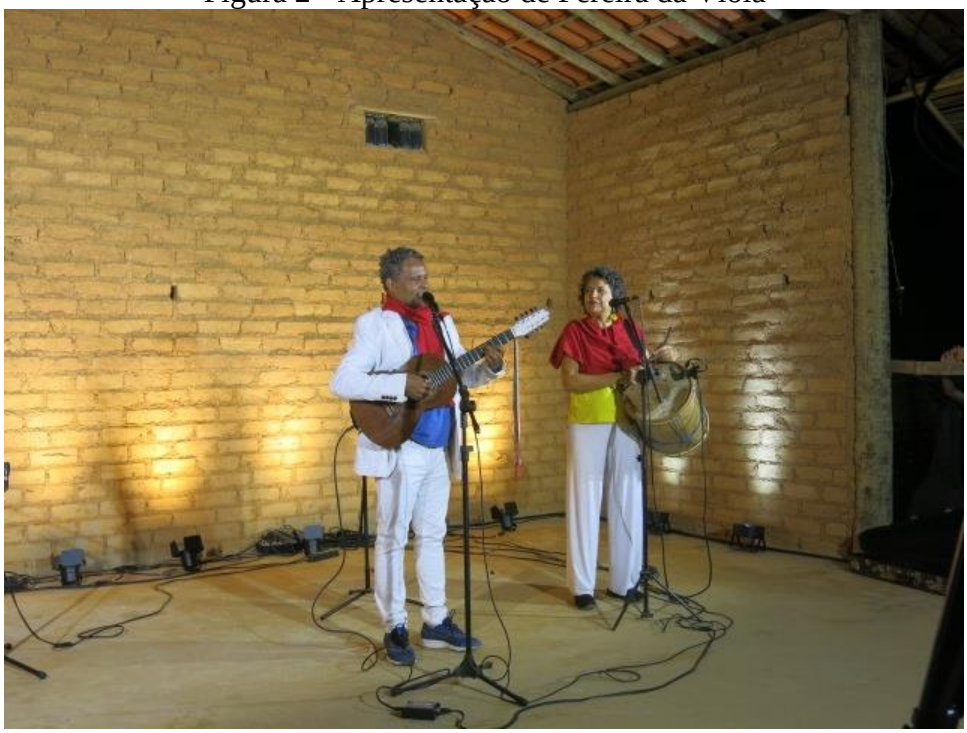
Figura 1 - Músicos que fazem parte do grupo de capoeira

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2021.

Em seguida, houve a apresentação de Pereira da Viola que, ao longo da sua apresentação, convidou pessoas da comunidade para tocarem com ele. Elas se revezavam no violão e no pandeiro. Ao longo do festival, é possível perceber como é forte a presença da música dentro da comunidade, pessoas de diferentes idades têm habilidades diversas, com diferentes instrumentos e vozes. Esse primeiro dia de festival foi encerrado com o show de

Tony Mega Boy, que faz uma apresentação de voz e teclado, o gênero musical é o forro. A comunidade se anima, muitos dançam e cantam junto com ele.

Figura 2 - Apresentação de Pereira da Viola



Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2021.

2.3 2º dia do festival

No segundo dia de festival, acordamos e tomamos um bom café, elemento sempre presente. O café é tempo de pausa e profundidade nas conversas. Nesse dia, optei por acompanhar as crianças. Esse momento faz parte da programação e é denominado “Encontro para brincar na natureza”. Trata-se de momentos que não costumam ter um roteiro fechado, as crianças é que apontam os caminhos.

Elas optaram por brincar no quintal da casa onde estávamos hospedados, é um local agradável, perto da mata, um terreiro com árvores e plantas diversas; ficamos embaixo de um jambeiro, que faz uma grande sombra. As crianças iniciam a brincadeira com a construção de barquinhos e pretendiam fazer um moinho, para irmos para um riozinho que fica bem próximo à casa.

Começo a construir uma pista para brincarmos de corrida de tampinha[10]. Fizemos a primeira rodada, com apenas quatro jogadores, mas a empolgação era grande, as risadas ecoavam, rapidamente chegaram mais pessoas, entre adultos, adolescentes e crianças que vieram ver o que estava acontecendo. A segunda rodada já contava com um número bem maior de participantes. Após a segunda rodada, já era hora do almoço.

Figura 3 - Corrida de tampinhas

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2021.

Quando chegamos para o almoço, mostramos para Kátia o barquinho que foi construído pelo grupo de crianças em homenagem a Lei - um morador querido da comunidade que havia desencarnado há pouco tempo - é perceptível que os moradores ainda estão muito afetados por essa passagem considerada prematura. Ao ver o barquinho, Kátia diz que ele deve ser entregue ao homenageado em um lugar especial. Ela diz “Após o almoço vou levá-los a esse lugar, o

[10] A pistinha é feita com uma enxada que, ao ser arrastada na terra, faz um caminho que toma a forma de uma pequena estrada, com curvas e retas que vão ganhando elementos como quebra-molas, buracos, túneis, balizas, construídos com elementos da natureza. Cada corredor deve ter uma tampinha de garrafa pet. As regras, como quantidade de toques e punições, são elaboradas ao longo da brincadeira, de forma coletiva.

barquinho poderá ser entregue e ele vai receber". Eu permaneci quieta, queria ir, mas não sabia se seria convidada. Kátia estava sentada à mesa, eu, parada perto dela, em pé. Então, ela levanta a cabeça, me olha e diz "Você também pode ir". Fico ali na expectativa de conhecer esse lugar.

Após o almoço saímos numa caminhada, subimos a mata, passamos pela casinha de madeira e seguimos numa trilha. Ao longo desse caminho, Kátia nos fala da relação com a natureza.

Em alguns momentos, sentamo-nos, conversamos e descansamos, depois voltamos a caminhar, subindo por um lajedo mata adentro. Depois de uma boa caminhada, chegamos ao local da oferenda, o mesmo em que se realizou o ritual de saudação aos ancestrais, que deu início ao festival – aquele do qual não chegamos a tempo para participar. Lá estava uma toalha vermelha e verde estendida no chão, com muitas bebidas e comidas, compondo uma mesa farta e bem arrumada, os alimentos estavam dispostos com uma certa organização. Kátia indica o lugar onde deveria ser colocado o barquinho (que foi feito em homenagem a Lei), próximo de onde estava disposta a oferenda, em uma pedra onde outrora passava um rio.

Todo o caminho pela mata foi feito por onde corria o rio, ela nos relatou os diversos usos que faziam dele "[...] a gente tomava banho, lavava roupa [...]", mas, segundo ela, há algum tempo, a água foi represada no alto do morro, por um fazendeiro, para dar água ao gado. Desde então, o rio secou, tendo água em abundância apenas nos períodos de chuva, o que gera dificuldades para a comunidade.

Descemos a mata e precisamos seguir rápido para a reunião com o coletivo de mulheres, num encontro que faz parte da programação do festival. É uma sessão da programação exclusiva para o coletivo de mulheres "Célia Soares". Nesse encontro, foi possível conhecer um pouco da história do grupo.

O coletivo de mulheres foi fundado por uma geração que antecede a atual e o seu nome, "Célia Soares", é homenagem a uma das mulheres da comunidade que já desencarnou.

> Célia era uma das mulheres que abraçava a causa de toda a comunidade, além de ser uma moradora, fez um trabalho muitas vezes voluntário, até ela ocupar um cargo de técnica de enfermagem, contratada para cuidar da própria comunidade. Mas ela fazia além do que ela podia como técnica. Antes o coletivo tinha o nome de "Viva a vida", depois ele ganhou o nome de "Célia Soares", por conta da luta dela com as mulheres na comunidade. Ela desenvolvia trabalhos bacanas, entre eles o trabalho com remédios alternativos, mesmo servindo ao poder público, ela avançava além do poder público, nesses trabalhos coletivos e comunitários, quando ela prestava o trabalho da medicina alternativa [...]. Ela, para nós, foi uma referência, ela veio depois de Mãe Augusta, primeira mulher tida como referência na comunidade (Kátia).

Elas ressaltam a importância de dar continuidade ao processo de aprender umas com as outras. Ao longo da conversa, são feitas referências às mulheres que as antecederam, reforçando a importância da manutenção do grupo, dos encontros e da responsabilidade de trazer a juventude e as crianças para o diálogo. Também ressaltam a importância de os encontros serem lugar de amparo, de cuidado, de conversa entre mulheres e de tomada de decisões.

> [...] a importância das mulheres mais velhas, do trabalho que elas fizeram e a nossa responsabilidade de continuar com o coletivo, com as meninas mais novas, as crianças acompanhando, porque amanhã vão ser elas, que vão dar continuidade. Mas se nós não fizermos nossa parte, como as mulheres mais velhas fizeram, isso vai ser esquecido. [...] a gente ainda batalha com a questão da renda na comunidade, isso ainda não é fácil, o acesso, mas a importância maior é ter essas mulheres nesse calor humano, dialogar, desabafar, tirar esse lugar de mulheres silenciadas, que muitas vezes vão guardando coisas dentro de si, que vai prejudicando e adoecendo nossas mulheres. Então, quando tem um coletivo, que é colocado, que há essa oportunidade de nós dialogarmos, de ver o que é necessário, o que é bom para cada uma, de como está vivendo, quais dificuldades, isso ajuda a cada uma de nós a ter uma segurança do olhar de uma para a outra (Kátia).

O grupo esteve desativado por um tempo, e as mulheres se movimentaram para ativá-lo novamente, com a resistência de parte dos homens da comunidade, pois as mulheres se reuniam e tratavam de assuntos que, muitas vezes, poderiam ser considerados desconfortáveis para eles. Elas compartilham ali a vida, as dificuldades, e amparam umas as outras. Assim como em muitos lugares, elas sofrem as consequências de uma sociedade machista e patriarcal[11].

As conversas são permeadas por cantos e versos, como em quase todas os encontros nos quais estive presente. Reforçando a importância da música para a comunidade, apresento dois pontos que foram cantados nesse encontro:

> Dona Mariana ô leu..eu..eu...
> Dona Mariana ô leu...eu...eu...
> Dona Mariana ô leu..eu..eu....
> Dona Mariana ô leu..eu..eu...
>
> Lava roupa um sol ali,
> Um trouxão de roupa assim,
> Uma tabinha desse tamanho assim,
> Um bolinho de sabão assim.
>
> Lava lava, lavadeira
> Lava roupa do seu senhor
>
> Dona Mariana ô leu..eu..eu...
> Dona Mariana ô leu...eu...eu...
> Dona Mariana ô leu..eu..eu....

[11] Nesse dia, antes do encontro, alguns homens permaneceram no lugar, mesmo o encontro sendo intitulado "Coletivo de Mulheres". Alguns disseram "a gente costuma marcar presença", "viemos ouvir o que vocês falam de nós". Elas iniciam e eles, passado um tempo, se retiram.

Dona Mariana ô leu..eu..eu...

***

O vaqueiro abaixa a rama,
Deixa meu gado passar,
Se meu gado passa depressa,
Meu amor é devagar.

As músicas e as danças são vivenciadas no cotidiano desse povo, seus cantos e versos são marcados pela história de escravidão, pelo trabalho e também pelo amor, retratando suas histórias atuais e também de seus ancestrais.

2.4 3º dia do festival: dia de brincar o batuque

O terceiro e último dia do festival é dia de "brincar o batuque". O encontro está marcado para as 16 horas, com ensaio às 15 horas. Porém, aqui o tempo é marcado de uma forma outra. Existe uma relação com o relógio, mas eles funcionam em um outro tempo, os horários são estipulados como uma referência e eles se organizam no tempo da comunidade[12]. O ensaio começou, de fato, às 18 horas.

Eles se encontraram na Casa do Batuque, todos vestidos com a camisa azul do "Grupo de Batuque Pai João", as mulheres usam uma saia de chita florida. As pessoas vão chegando, se vestindo e entrando na roda. Quando sentem falta de alguém, no meio do ensaio, eles mandam chamar, alguns saem em busca dessas pessoas; dependendo da distância das casas, eles apenas gritam para sinalizar que o ensaio começou.

Figura 4 - Brincando o batuque

[12] Essa o[illegible]as também em outras idas a campo. Não estive em nenhum encontro que tenha sido marcado e de fato tenha acontecido no horário, é como um acordo entre eles. Como pesquisadora, achei estranho inicialmente, mas depois, no decorrer da pesquisa, me acostumei com esse acordo.

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2021.

O grupo é formado por idosos, adultos, jovens, adolescentes e, mesmo não fazendo parte oficialmente da roda, as crianças são presença constante. Elas sempre estão por ali, brincam o batuque, cantam, dançam e vivenciam outras brincadeiras em meio àquela atmosfera da festa. O tempo, o brincar o batuque, bem como a participação dos sujeitos, são temas que merecem ser discutidos e aprofundados a partir dessa primeira experiência.

2.5 Outras imersões em campo e o desenho da pesquisa

A pesquisa, como propus, foi se desenhando ao longo do processo da imersão em campo e da relação com os sujeitos envolvidos. Sendo assim, essa primeira entrada em campo, no Festival de Cultura Quilombola de São Julião, possibilitou-nos fazer um mapa das questões que deveriam ser aprofundadas na tese, sempre buscando o diálogo com a comunidade, entendendo os sentidos e significados que cada ponto teria para eles, além de apresentar disposição de mudança de direção a qualquer tempo.

Ao longo de dois anos, as relações foram se estreitando, os caminhos que seguimos foram desenhados a muitas mãos, e algumas questões extrapolaram a pesquisa. Já nesse primeiro encontro, muitos registros foram feitos, optei por trabalhar com a participação (onde eu me envolvia e vivencia no corpo cada experiência) e com a observação - de forma que uma não limitasse a outra - com o caderno de campo, registros de áudios, vídeos e fotos. A maior parte das entrevistas foi feita com o apoio de um aplicativo de gravação de voz do aparelho celular. As entrevistas foram realizadas, com Kátia, por exemplo, enquanto ela fazia o almoço. Era preciso estar atenta em todos os momentos, porque entendi que a vida ali não daria pausa para que eu pudesse fazer os registros.

Porém, após voltar de uma dessas viagens, tive o celular danificado e ainda não tinha feito backup dos arquivos. Esse ocorrido trouxe uma grande preocupação, pois precisaria fazer as entrevistas novamente, mesmo sabendo o conteúdo de todos os áudios, eu precisaria me encontrar novamente com essas pessoas. As entrevistas eram abertas, as conversas eram iniciadas com um tema, mas os sujeitos podiam extrapolar a pergunta inicial ou mesmo extrapolar o tema. Essas entrevistas, de um tempo que antecedia algumas vivências na prática, foram perdidas. Por exemplo, eu sabia sobre o batuque pelas conversas com algumas pessoas,

por ter assistido a uma única apresentação no festival, mas ainda não havia vivenciado no corpo aquela experiência.

Após vivenciar as experiências que irei descrever daqui em diante e voltar para refazer as entrevistas, percebi que as falas daquelas pessoas passaram a fazer sentido. Algumas explicações que tive acesso anteriormente apenas pela oralidade, que parecia algo complexo, tornaram-se palpáveis e passaram a fazer sentido, pois as experiências vividas, o envolvimento, o conhecimento dos signos pelo corpo faziam com que eu pudesse entender profundamente.

É importante destacar que, muito tempo depois, consegui resgatar os arquivos perdidos e todas aquelas conversas que foram refeitas tomaram um sentido espiralado. Foi possível, ao longo dessa pesquisa, conversar, vivenciar, aprender, registrar, em diferentes tempos, com a possibilidade de aprofundamento constante das práticas, na pesquisa, nas relações, no envolvimento com a vida cotidiana e com os saberes.

Dentre os pontos destacados ao longo dessa primeira imersão, percebemos a necessidade de discussão e aprofundamento de temas como: as folias, o brincar o batuque e a espiritualidade, bem como os desdobramentos que essas práticas sociais possibilitam. Com esses temas apontados, construímos coletivamente a agenda das imersões no ano de 2022. Para isso, Kátia me apresentou o calendário festivo e religioso da comunidade. No próximo capítulo, faço a descrição e busco uma compreensão dos pontos que essa primeira imersão nos possibilitou desenhar.

3 UM COTIDIANO DE EXPERIÊNCIAS FESTIVAS

Ao tratar das experiências festivas me aproximo de Lea Perez, que diz que, na festa, o coletivo experimenta uma outra existência, uma visão alternativa de si mesmo, onde, por um breve instante, tudo se torna possível. Ela diz que a festa é "[...] campo do possível e do desafio, inventa/fantasia outras relações do homem com a natureza, com o mundo e consigo mesmo, outras formas de ligar, pois coloca em ação o excesso e a transgressão" (Perez, 2009, p. 12).

> Festa diz respeito não a um evento delimitado no tempo e no espaço, mas há um tempo/espaço (efemêro e transitório) de exuberância e de explosão da vida, do fazer-se humano, que está fora e alheio ao devir, fora e alheio à duração, mas ancorada no por-vir (Perez, 2009, p. 12).

Entre tantas práticas sociais vivenciadas no cotidiano e que estabelecem relação com o campo dos Estudos do Lazer, definimos, de forma coletiva, pela vivência e descrição de três delas, que aqui vão compor três eixos, sendo eles: as folias, o batuque e a espiritualidade.

3.1 As folias

Cheguei em São Julião no início do segundo semestre de 2021, a partir das primeiras imersões, busquei traçar, junto com os sujeitos da comunidade, quais eram as principais práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer. Assim, foi possível perceber as folias como elementos centrais, pois expressam a marcação temporal no calendário da comunidade. Essas informações se tornam relevantes para traçar os caminhos dessa pesquisa e, consequentemente, o cronograma de imersão em campo.

Ao longo do ano, acontecem quatro folias na comunidade de São Julião. Para compor o conjunto das práticas descritas nesta pesquisa, acompanhei as folias realizadas durante o ano de 2022. Cada uma delas foi introduzida na comunidade de uma forma diferente e também ocorre com uma dinâmica única. Atualmente, são realizadas as folias de Santos Reis, São Sebastião, Santa Luzia e Bom Jesus.

Renato (folião, morador da comunidade, filho de Mãe Augusta e de Pai João Preto) diz que a iniciação religiosa da comunidade tem como marco o ano de 1929, com a chegada de seus pais (Pai João Preto e Mãe Augusta) em São Julião. Eles eram pessoas religiosas, que

ensinavam e incentivavam as pessoas daquele lugar a se reunirem para rezar e cantar. As folias foram introduzidas algum tempo depois, por esses mesmos sujeitos.

Em janeiro de 2022, dia posterior ao término da Folia de São Sebastião, estávamos todos sentados na cozinha da casa de Kátia, falando sobre a folia, relembrando os acontecimentos, tomando um café com broa e biscoito de polvilho. Por ali passavam alguns foliões, as crianças brincavam, aconteciam as arrumações do dia posterior à festa e a organização do ambiente. Eu também me organizava, me despedia das pessoas e aproveitei para escutar as histórias que estavam aguçadas na memória daqueles sujeitos devido à energia da folia, ainda presente. Aquela conversa atrasou muito minha partida, mas foi ali que surgiu muito do que trago nesta tese, histórias cruzadas sobre as folias, a espiritualidade, o batuque e a vida em comunidade.

Em determinado momento, Range (folião, tocador de viola, esposo de Kátia e filho de Pai João Preto e Mãe Augusta) lembrando de como nascem as folias em São Julião, nos diz:

> Na verdade, foram nossos ancestrais, pai foi um dos mentores de trazer a folia. Segundo o que foi passado, pai teve um problema de saúde muito complicado, inclusive foi na época que eu nasci, 1964. Ele teve um problema de saúde e foi para Belo Horizonte tratar, quando ele veio de lá, ele já veio com essa... que ele já cantava antes, mas ele já veio com essa questão de chegar e cantar a folia, era uma forma de agradecer a Deus pela saúde reestabelecida. Daí pra cá, ele foi cantando, tanto é que a folia aqui tem várias melodias, mas a melodia que nós adotamos mais foi essa aí, uma melodia mais diferente, mas nós sabemos cantar na melodia que ele cantava. [...] As pastorinhas foi uma criação de mãe, ela que trouxe essa questão das pastorinhas de Jequitinhonha, da região que ela morava, ela já trouxe para cá, praticamente menina, mãe veio com 15 anos e pai com 18. Boa parte da comunidade fala que o que eles aprenderam religiosamente, eles aprenderam com mãe, ela foi uma professora da religiosidade, ela sabia, não que ela soubesse várias orações, ela conduzia as orações obrigatórias (Range).

3.1.1 Folia de Santos Reis

> Santos Reis, pra nós, além de ser tradição a muitos anos, vem a história de Jesus Cristo, do nascimento de Jesus Cristo, isso pra nós é muito forte, isso é importante. E assim, eu sinto que há também uma energia muito boa, de nascimento, de viver, de crescimento (Kátia).

A Folia de Santos Reis está associada a uma tradição cristã celebrada pela igreja católica, que festeja a visita dos três reis magos (Gaspar, Belchior e Baltazar) ao menino Jesus. Os três reis magos teriam avistado no céu a estrela de Belém e foram ao seu encontro, levando mirra, incenso e ouro, para dar de presente ao menino Jesus, que havia nascido. Essa folia, pelo calendário litúrgico da igreja católica, tem a duração de 12 dias, com início no dia 24 de dezembro, véspera do nascimento de Jesus, e término no dia 06 de janeiro (Caetano, 2023).

> *Acompanhei a folia de Santos Reis em São Julião no início do ano de 2022. A folia estava prevista para iniciar no dia 01 de janeiro e findar no dia 06 (dia de Santos Reis), que é um período menor do que prevê o calendário litúrgico da igreja católica. Porém, esse é um período chuvoso e as estradas de chão se deterioram. Permaneci em Teófilo Otoni a partir da segunda quinzena de dezembro de 2021, esperando um momento oportuno para ir até São Julião, monitorando e recebendo notícias diárias. Como pesquisadora, essa espera me gerou uma certa ansiedade. Para além das chuvas, vivíamos nesse momento o surto de uma nova gripe (H1N3), que adoeceu boa parte dos foliões. A folia aconteceu do dia 02 ao dia 06 daquele ano. Eu cheguei a São Julião, para acompanhar a Folia de Santos Reis, no dia 03 de* janeiro (Nota do diário de campo).

Durante a realização da Folia de Santos Reis, conversei com diferentes sujeitos ao longo dos dias, sendo possível entender que essa folia foi introduzida no calendário da comunidade por Pai João Preto, um senhor que é pai e avô de boa parte da comunidade, reconhecido como dono da folia. Quando ele faleceu, seu filho, Pereira da Viola, assumiu a folia, em cumprimento a uma promessa.

> Meu avô que era o dono dela, quando ele faleceu, passado tempos, Pereira aprendeu a folia [...]. Na verdade, é uma promessa dele, para a filha dele... Começava no dia 01 e ia até o dia 06 de janeiro, dentro da comunidade, e já cantamos fora também (Carlinha).

Figura 5 - Folia de Santos Reis

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

Ao acompanhar a Folia de Santos Reis na Comunidade de São Julião, foi possível perceber que cada folia tem uma organização própria, essa é cantada à noite, passando por cada casa da comunidade que tenha montado o presépio. Ao fazerem o trajeto de uma casa para outra, os foliões cantam pelas estradas e trilhas músicas específicas da folia. Chegando na casa em que um presépio foi montado, as portas estão fechadas e assim permanecem por um tempo e, em

determinado momento, os foliões cantam para que a porta se abra. Então, eles entram e cantam pelo nascimento do menino Jesus, num ritual que é denominado como a louvação do presépio.

Logo após esse momento, que tem cunho religioso, os foliões cantam músicas de batuque, que são músicas mais animadas. Comem e bebem o que for e se for ofertado pelo anfitrião. Depois, cantam a música que anuncia a saída e partem para a próxima casa. Durante o período que os foliões permanecem na casa, a bandeira é passada por todos os cômodos e toda a folia é cantada próximo ao presépio, que é determinante para que a casa esteja no roteiro. A bandeira sempre sai à frente dos foliões, o dono da casa é responsável por levar a bandeira até a próxima casa.

> Ela é cantada à noite, canta-se na casa que tem o presépio, só na casa que tem o presépio que canta a folia de Santos Reis. A gente já deixa pra cantar à noite, pra cantar o Reis de fora, para abrir a porta e o Reis de dentro, que é a louvação do presépio. Faz a função dos três pastores, no tempo de Jesus Cristo. Jesus nasceu, tinha os três pastores, Baltasar, Belquior e Gaspar, reis magos, e eles foram em busca de mirra, incenso e ouro (tanto que na folia tem esse verso) e faz a função deles, que eles foram buscar os presentes para Jesus Cristo que tinha nascido, então a gente faz isso à noite, por conta disso (Carlinha).

Figura 6 - Presépio

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

> A gente canta na porta, a pessoa abre a porta, mas a gente já canta sabendo que tem o presépio, quando vai sair com a folia, já passa sabendo onde tem os presépios e faz questão de sair de surpresa, não avisa que vai sair, sai o boato, as pessoas sabem que é por aqueles dias, mas não sabe exatamente o dia que vai passar em cada casa. Então, o pessoal da comunidade faz o presépio e fica esperando, canta-se do dia 01 ao dia 06 (Carlinha).

Range descreve a importância da Folia de Santos Reis para a comunidade, como ela acontece, seus signos e como ele, como folião, se sente quando os ritos são cumpridos, como por exemplo, quando as pessoas abrem a porta para receber não apenas os foliões, mas também o menino Deus. Fala ainda da relação com os espíritos de luz e os espíritos que estão em busca de luz, por acreditar que a folia é um momento de conversa e comunhão com Jesus Cristo.

> Na Folia de Reis, a hora mais tocante é a hora que você canta do lado de fora, que você pede para abrir a casa para entrar, a folia que, no caso, representa o menino Deus. Aquela hora ali é muito importante, porque, na verdade, ele vem andando, na nossa concepção, ele vem andando conosco, nós chegamos na casa, cantamos a folia, a Folia de Reis, e a pessoa abre a casa, abre a porta, acende as luzes para o menino Deus entrar, essa hora é muito gratificante. Seria muito triste se você chegasse, cantasse e a pessoa não abrisse a porta e não aceitasse, essa hora seria muito triste, mas de nenhum que a gente chega, canta e pede para abrir a porta para o menino Deus entrar, eles negam (Range).

> A quantidade de gente que tinha aqui acompanhando na procissão, por cima tinha também aquele mesmo número de espíritos de luz, mas também os que estão procurando a luz, porque naquele momento ali, nós estamos falando com Deus, e eles que estão à procura da luz, que é Jesus Cristo, eles estão procurando também, eles estão ali como se fosse um passarinho voando por cima. Por isso a gente entende que, em um momento daquele, tem que deixar todas as maldades para o lado e seguir aquela parte que é nosso senhor Jesus Cristo, naquele momento estamos falando com ele, cada eco da sanfona, cada eco do violão, cada voz que bate lá, nosso senhor está ouvindo, tenho certeza absoluta. É muito forte, nós temos essa cultura, essa tradição, essa é a melhor parte do ano para nós, que nós falamos com Deus. O Natal, para nós, é festejado dessa forma, falando com Deus, com o próprio Jesus Cristo. Porque tem gente que não acredita, mas nós sabemos da história. A história foi iniciada assim e, para nós, permanecerá desse jeito (Range)

A Folia de Santos Reis tem a tradição de ser cantada na comunidade de São Julião à noite e, durante anos, ela teve seu início por volta das 22 horas. Cheguei à comunidade em um dia, a folia tinha começado no dia anterior e muito mais cedo do que eu imaginava, as pessoas estavam se organizando para ir para a casa de Zinha e Valmir (casal de moradores da comunidade e foliões), de onde a folia sairia naquele dia. Como haviam me informado anteriormente que a Folia de Santos Reis era cantada à noite, já no caminho, procuro saber o motivo da mudança de horário, o que me surpreende positivamente.

Entre uma conversa e outra, com diferentes sujeitos, enquanto algumas pessoas afinavam seus instrumentos e algumas músicas eram cantadas, fico sabendo que os foliões se reuniram e acharam por bem que a folia mantivesse sua tradição de ser cantada à noite, porém estipularam que ela seria cantada logo após o pôr do sol. Essa mudança foi feita levando em consideração a participação das crianças. Eles relatam que, nos anos anteriores, em muitas das casas, quando a folia chegava, as crianças já estavam dormindo, logo elas não participavam.

Dessa forma, segundo eles, o processo de aprendizagem das crianças sobre a Folia de Santos Reis estava comprometido.

> Na Folia de Santos Reis foi bacana compadre Zé ter mudado, a gente conversou e mudou, porque às vezes a gente chegava nas casas, as crianças estavam dormindo, e eles não presenciavam aquele momento de chegar. Esse ano foi totalmente diferente, as crianças viram a folia chegando, acompanhou, os que puderam acompanhar. (Kátia)

3.1.2 Folia de São Sebastião

> A diferença das folias é de um santo para o outro, todas as folias eu acho bastante forte, a de São Sebastião, eu acho com a energia mais elevada, muito mais forte. Quando falo da energia, eu acho que é os dois junto (do santo e do envolvimento da comunidade), mas o santo é mais forte nesse sentido. Não que um seja diferente, seja melhor que outro, não é isso, mas, na compreensão da gente, espiritualmente, existe uma energia muito mais radiante, vamos dizer assim. Claro que vai do encontro das pessoas, a energia que as pessoas estão naquele momento e, assim, eu creio que é uma energia positiva, que está todo mundo feliz, festejando, gostando de participar. Então, cria-se uma energia muito forte (Kátia).

Assim como relata Kátia, percebo, como pesquisadora, que essa folia é de uma importância ímpar na comunidade. Como havia participado há poucos dias da Folia de Santos Reis, ao chegar para participar da Folia de São Sebastião, fica fácil perceber a diferença de energia uma da outra, o clima parece mais festivo. Chego antes do que havia previsto, pois os foliões de São Julião foram convidados para cantar a Folia de São Sebastião em uma comunidade vizinha e fui convidada a acompanhá-los. Nesse momento, pude conhecer um pouco dessa folia e tive a oportunidade de conversar e me aproximar dos foliões, de maneira a compreender a dinâmica do que aconteceria nos próximos dias a partir da narrativa deles.

Em São Julião, é feita a peregrinação por todas as casas da comunidade, e muitas questões estão envolvidas: as rezas, a devoção, a participação, a fé, a alegria, a dança, o festejar, a comida, o sentido comunal, dentre outras coisas. Especialmente no último dia, acontece uma grande festa, onde toda a comunidade se faz presente para o hasteamento da bandeira, para rezar, comer e dançar juntos. Na Folia de São Sebastião, fecha-se um ciclo e se inicia um novo ciclo para a comunidade.

> A Folia de São Sebastião é cantada no dia 20 de janeiro, essa aí, na verdade, era a promessa de mãe e tia Glória, mas não havia a folia, era somente o terço, era promessa delas de servir a janta no dia de São Sebastião, elas andavam três dias com a bandeira passando nas casas. A bandeira de São Sebastião passa-se de dia, não é cantada à noite, antes do sol se pôr tem que fechar a bandeira e é cantada em todas as casas, não pode pular casa, tem que cantar em todas as casas da comunidade, a não ser que o dono da casa não queira, aí a gente não passa, do contrário tem que passar. Entra, faz o ritual de passar a bandeira e pede a esmola, que, no caso, é um valor ou qualquer

> coisa que a pessoa queira dar para ajudar no dia do terço, que pode ser, rezar, fazer os biscoitos, essas coisas. [...] O pai de Tuta era folião de São Sebastião e Tuta aprendeu a folia, aí um ano a gente começou. Ele falou: "Vamos começar a cantar!". E sempre foram os jovens que fizeram essa folia aí. A de Santos Reis é o povo mais velho, a de São Sebastião são os jovens. Na verdade, são os mesmos foliões, mas de puxar (o mestre que canta primeiro para o coro acompanhar). No caso de São Sebastião, ficou sendo Tuta, que o pai dele era folião, aí é passado... e aí a gente canta a folia há 3 anos. Três dias antes, a gente canta nas casas da comunidade, no dia 20 de janeiro, finaliza com o terço e a levantada da bandeira de São Sebastião, aí serve o jantar e é uma festa enorme. [...] Eu canto em todas as folias, mas só respondo nessas duas (São Sebastião e Santa Luzia), Tuta fica sendo mestre, que puxa a folia, ele tira o primeiro verso, ele que encaminha a folia, porque ele sabe puxar e encaminhar na viola e eu respondo. Toda folia é feita de perguntas e respostas, ele fala um verso e eu respondo outro (Carlinha).

No ano de 2022, a folia passou nas casas nos dias 14, 15 e 16 e a festa aconteceu no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião. Toda a comunidade estava envolvida. No primeiro dia, a folia saiu da casa de Kátia, onde foi feita a abertura da bandeira logo cedo, na sala, em frente ao presépio, que conta também com a imagem de São Sebastião. Cada folião se ajoelha próximo a bandeira, faz um movimento de reverência e se levanta. Dali partimos em direção a Pixana, o percurso já havia sido combinado entre os foliões.

> Aquela hora é uma hora muito concentrada, cada um entrou ali, ajoelhou, fez seu pedido...vê que tem uns que demoram mais, outros menos. É uma questão que quem não sabe, as vezes não vê, né!? Mas quem está fazendo, é que vê tudo, é que sente tudo. [...] No dia de abertura da folia, a gente fez o compromisso de cantar, a gente fez o compromisso com o santo, de cantar. Então, nós abrimos, cantamos e, no último dia, nós fazemos o fechamento (Range).

> *O primeiro dia, a meu ver, foi o dia mais difícil, pois o caminho é íngreme, existe uma distância entre as casas e algumas delas estão localizadas no meio da mata e o acesso é feito por trilhas. Pela manhã a folia foi cantada em cinco casas, na hora do almoço foi preciso descer toda a trilha, o almoço foi servido em uma casa no pé do morro. Após o almoço, pegamos a trilha novamente e retomamos do ponto onde paramos. Tínhamos ainda 6 casas para entrarmos. Eu já estava exausta! Dali para frente, eu pensava em desistir a cada casa, mas era tomada por uma emoção, por perceber o nível de comprometimento daquelas pessoas, isso, de alguma maneira, me inspirava a seguir. Pessoas de todas as idades acompanham a folia, desde uma menina de 3 anos, aos vários idosos. [...] As pessoas foram solidárias a minha dificuldade, e uma criança em especial começou a caminhar bem próxima a mim. Em todas as casas que chegávamos, ela providenciava água e ciriguela com sal. Depois de um tempo, ele me trouxe um cajado. Quando já não parecia possível, ele me disse "Pega com São Sebastião, se você pedir com fé ele vai te ajudar" (Notas do diário de campo).*

Figura 7 - Abertura da bandeira

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

Figura 8 - Nos caminhos da Folia de São Sebastião

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

Apesar de já conhecer a dinâmica da folia pela narrativa dos sujeitos, a experiência de viver no corpo cada momento daquele, me trouxe um conhecimento mais profundo sobre a folia de São Sebastião e sobre a comunidade. Além de conhecer as pessoas, agora eu conheço suas casas, suas histórias e os caminhos que levam até elas. No primeiro momento tudo é novo, então cada movimento me chama atenção, observo o que acontece em cada casa que passamos, o que se repete e o que modifica e as razões para cada mudança.

Na Folia de São Sebastião, as pessoas já sabem o dia que a folia vai passar em cada casa e mais ou menos a sequência das casas. Logo, eles e elas já esperam pelos foliões. Ao chegar à casa, os foliões entram, cantam toda a folia e a bandeira é passada por todos os cômodos da casa, para limpar qualquer energia que não seja bem-vinda. Os versos, são na maioria das vezes os mesmos, mas em algumas casas, em casos específicos, são cantados versos para aquela família. Os versos podem modificar em caso de doença na família, perda de um ente querido ou outra necessidade que o mestre da folia identificar. Após esse momento, em algumas casas é brincado o batuque, para o tempo de espera de um café, uma água ou uma cachaça. Com músicas mais animadas, o batuque é um momento de festejar. Logo é hora da partida para a próxima casa, que pode ser perto, mas também pode ter distâncias consideráveis.

A Folia de São Sebastião mobiliza a comunidade de uma forma peculiar, tudo roda em torno da folia nos dias que ela acontece, mesmo os que não acompanham os foliões, fazendo a peregrinação, se envolve de alguma maneira. A comunidade permanece em estado de festa.

Figura 9 - Passando a bandeira dentro da casa

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

Após cantar a folia dentro da casa, o dono da casa tem a função de levá-la até o lado de fora, onde Kátia pega e passa a bandeira pelo seu corpo, para proteger e curar. Caso o dono da casa esteja disposto a acompanhar os foliões, ele tem quem leva a bandeira para a próxima casa. Nesse movimento de passar a bandeira para as mãos do próximo morador, vi acontecer de pessoas que não se falavam, ou que tivessem algum estranhamento se reconciliarem, se abraçarem em nome da fé, a devoção ao santo, a relação de respeito com a bandeira e seguindo algo que é importante para eles, que é não quebrar uma corrente que é do coletivo.

> No meu ponto de vista, quando a folia vem das casas e ela vai pra lá, ela tem esse compromisso de chegar no ouvido do dono da casa para que ele compreenda que ao ficar de mal de alguém ele não está ganhando nada com aquilo, que o trabalho do ser humano é estar unido um com o outro. O outro pode até ser seu inimigo, mas você não pode ser inimigo do outro. Se alguém feriu, aguarda um pouquinho, depois resolve aquilo, a gente sabe que não é fácil, mas essa questão da folia, é mostrando esse caminho.
>
> O Santo que escolhe as pessoas. Você pode ver que no percurso, isso é natural, não é que alguém escolhe. Muitas vezes nós nem sabemos quem está de mal de quem, é coisa interna. Mas a folia vem, entra e faz o papel dela, de forma que nós (os foliões) não sabemos. É o Santo que escolhe para resolver aquela questão. Agora cabe ao escolhido compreender que veio pra resolver aquilo e resolver (Kátia).

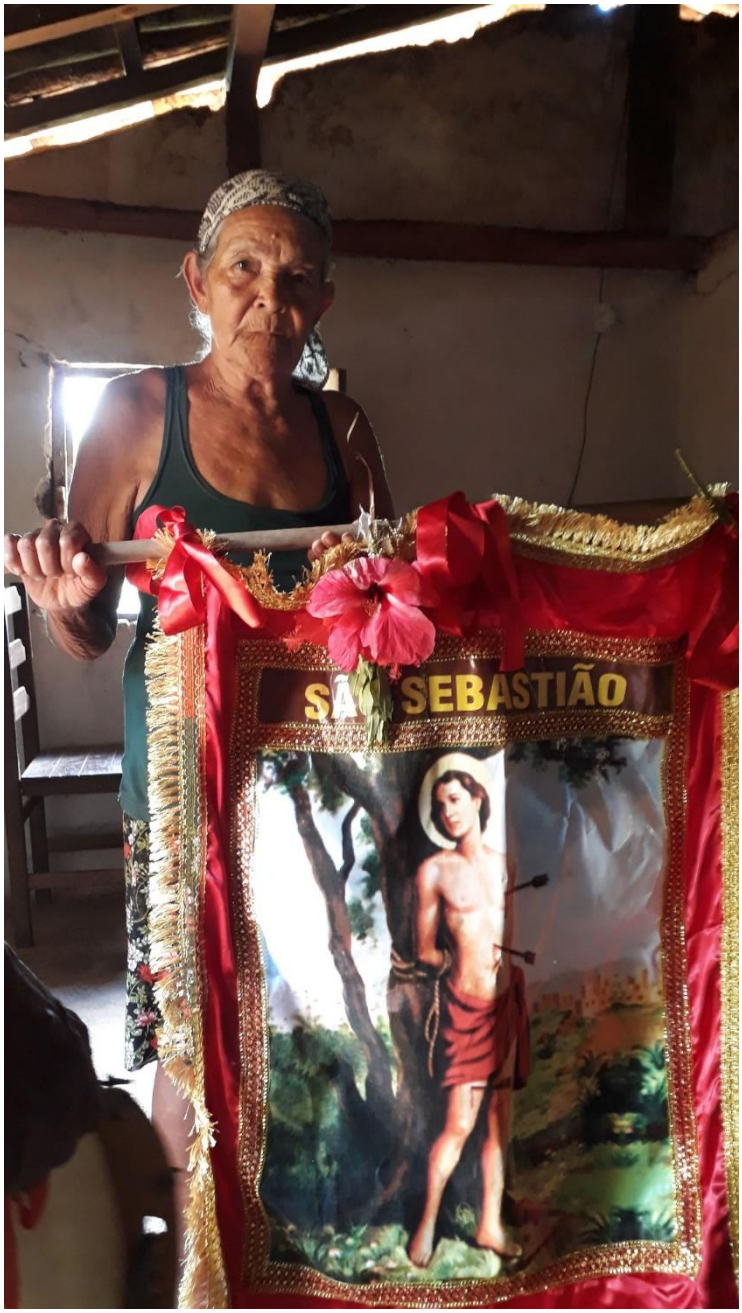
Figura 10 - Passando a bandeira no dono da casa

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

Nos dias seguintes, fomos para outras partes da comunidade, a exaustão, no decorrer dos dias, era visível naqueles que acompanhavam toda a peregrinação. O que mais me chamou a atenção, nesse momento, foi a fé, de modo que pude observar como pessoas com questões a serem resolvidas, entregam seus problemas à São Sebastião. Como elas recebem os foliões, a

bandeira, e como se doam para aquele momento. Esses dias de peregrinação são exaustivos, pois a bandeira é aberta por volta das sete horas da manhã (na última casa em que ela esteve no dia anterior) e se fecha no pôr do sol, sendo dias inteiros de caminhada, de reza, de dança, de canto, de conversas e trocas.

Figura 11 - A senhora e a bandeira



Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

> *Entre o dia 16, último dia de peregrinação nas casas, e o dia 20, permaneço na comunidade. Nesses dias encontrei com as crianças para brincar, com a juventude para pensar futuros projetos com eles, visitei algumas casas a convite dos moradores. Foi um tempo importante de estreitamento de laços, conversas e aprendizagens. [...]*

> *Nesse intervalo entre os dias de peregrinação e o hasteamento da bandeira, a comunidade permanece em clima de festa. Em um desses dias encontrei Onofre (um senhor, morador da comunidade, sanfoneiro e folião) que, por estar debilitado pela gripe H1N3, não pôde participar da folia naquele ano, ele passava com um porco no carrinho de mão. Paramos para conversar e ele nos contou que estava indo entregar o leitão, que ele estava doando para o jantar da festa. Nos disse que aquela era uma promessa feita a São Sebastião - que se ninguém daquela comunidade sofresse com a pandemia de covid-19, ele doaria o leitão - alegremente nos diz que estava engordando o leitão desde a promessa, feita no ano anterior. Como o seu pedido foi atendido, aquele era o dia do cumprimento da sua promessa. Assim como Onofre, outras pessoas entregavam suas doações e relatavam suas promessas, demonstrando a fé depositada em São Sebastião* (Nota do diário de campo).

3.1.2.1 A participação das crianças

> A folia em si, todo o processo, eu desejo que as pessoas peguem como uma leitura do evangelho, eu vejo a folia acontecendo e as pessoas que estão ali, proporcionando aquele momento, são como os discípulos de Jesus naquela época, que semeou a palavra. Então, a folia é a palavra de Deus, traduzida para as pessoas de forma clara, por isso que a gente faz o capricho de expressar as palavras de uma forma que as pessoas entendam. As crianças compreendem isso numa dimensão muito maior do que nós, elas conseguem compreender numa instância, que quem somos nós para chegar. Por isso que eu os vejo como foliões de muita competência para levar esse trabalho a diante (Kátia).

No decorrer dos dias, participando da folia, percebo que a presença e a participação das crianças chamam a atenção. Elas fazem parte do grupo que faz a peregrinação, mas elas não estão necessariamente participando do coro ou tocando algum instrumento. A maioria das crianças fica por ali, faz o caminho brincando, aposta corrida pela trilha, recolhe flores, fica do lado de fora das casas. Entre uma parada e outra, elas brincam de pique, fazem piada, riem dos adultos, colhem frutas, dançam, pegam pauzinhos ou outros objetos que acham pelo caminho, batem um no outro no ritmo da caixa. Elas estabelecem um diálogo com os mais velhos, não existe uma obrigatoriedade, mas elas já são comprometidas, estão em um processo contínuo de aprendizagem.

Fico próxima delas, ora sigo o ritmo dos foliões (jovens e adultos), ora sigo o ritmo das crianças. Elas ensinam. Muitas dúvidas que tive, foram elas que sanaram. Elas sabem a sequência das músicas, as melhores formas de trilhar o caminho, o roteiro das casas onde são servidos os lanches. Elas me contam sobre o parentesco, encontram seus parentes próximos, contam histórias que lhes são familiares. Quando é cantado um verso específico, elas dizem o que aconteceu naquela família e o porquê de o verso ser cantado. Como relatei anteriormente, elas também me ampararam, cuidaram e são testemunho de fé.

Entre uma brincadeira e outra, em algumas casas, a partir do desejo de cada uma, elas entram e fazem parte do coro. Às vezes, mesmo do lado de fora da casa, é possível escutá-las

cantando em voz alta, no mesmo tom e, se observamos seus pés, é comum vê-los dançando no mesmo ritmo. Algumas delas se comprometem em uma outra medida, já acompanham mais de perto, ficam mais próximo, assumem responsabilidades, em um processo orgânico.

Figura 12 - Tocando a folia

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

> Na folia, a gente tem feito esse trabalho, fazer algo que puxe as crianças para dentro, na verdade, os futuros foliões são eles, a diferença dos outros lugares que a cultura, a folia acaba, é justamente esse o contexto, é porque, muitas vezes, os foliões na questão de colocar as crianças... Ah, mas não sabe cantar, isso não importa, porque não sabe, mas ele vai aprender no dia a dia, só dele está ali acompanhando, ele está aprendendo. A gente explicou em relação aos rituais que nós fazemos, ontem por exemplo, o ritual que nós fizemos, eles estavam presente no dia da abertura, o folião vem, ajoelha de frente a bandeira e faz seu compromisso, ontem foi o fechamento, eles viram a gente fazer no dia que abriu, mas o dia que fechou, eles viram e participaram. Eles participaram da abertura e do fechamento. Isso, daqui 50 anos, que não existir mais Range, Pereira, Renato, Zorra, Dito, Kátia, esse povo sabe o processo como é, porque eles viram fazer e eles vão conduzir o processo, então, por isso, a meninada participar é importante. Ontem, a última folia que nós cantamos, que foi da festa, você viu que na hora de eu responder a folia, foi um coral de todo mundo que estava ali, não estava só os foliões cantando, foi todo mundo, do grande ao pequeno. A importância dos meninos está nisso, é importante demais! (Range).

3.1.2.2 Viva São Sebastião!

No último dia, o movimento começa cedo, chego à casa de Kátia, onde vai acontecer a grande festa. A comunidade está agitada entre o preparo da comida, a limpeza do quintal e o preparo do altar de São Sebastião. Muitas doações chegam de forma anônima, pois a pessoa que roubou a bandeira do mastro, do ano anterior, não pode deixar que os outros saibam quem é ela, isso só acontece no momento da festa. Logo ao amanhecer, o tanque que fica do lado de fora da casa estava cheio de refrigerantes e alimentos a serem preparados para o jantar que seria servido. Além disso, os que não precisam estar em anonimato, trazem flores para o altar, hortaliças, enfeites em geral, foguetes, entre outras coisas.

> *Participo do preparo da comida, me disponibilizo para buscar em diferentes locais da comunidade as pessoas com dificuldade de mobilidade, ajudo também no preparo do altar. Nesse momento, já estou completamente imersa na festa e aprendo como é viver em comunidade, de uma forma muito diferente do que vivencio na minha vida urbana.*
>
> *No dia anterior à festa, Kátia me chama e me diz para convidar a minha família para participar - eles estavam em Teófilo Otoni, a minha espera. Fico receosa, converso com ela e digo sobre a minha dificuldade em conciliar o meu trabalho de pesquisadora e a dedicação aos meus filhos, de 2 e 7 anos na época. Ela, com muita tranquilidade, me diz que ela gostaria que eles estivessem ali, pois seria uma oportunidade para eu aprender a partilhar e receber o cuidado da comunidade. Disse que ali, onde um come, todos comem e que todos ajudariam a cuidar deles, assim como eu cuido dos filhos deles enquanto permaneço na comunidade. Apesar do receio, chamei a minha família para fazer parte da festa e essa experiência foi realmente como ela havia dito, percebi o cuidado deles com os meus filhos a todo momento* (Nota do diário de campo).

Figura 13 – Kátia, Carlinha e o altar de São Sebastião

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

A grande festa se inicia com a folia sendo cantada na casa de Glória – uma senhora, moradora da comunidade e a primeira devota de São Sebastião, junto com Kátia. Foi servido um café preparado com muito cuidado por ela, com broas, biscoitos, pães e suco. As pessoas permaneceram sentadas no quintal, chegaram pessoas também das comunidades vizinhas, para prestigiar a festa. Despois, seguimos para a casa de Kátia.

Os foliões chegaram, cantaram, se preparam para o grande momento. Ali foram feitos agradecimentos, conversas sobre o que aconteceu no decorrer daqueles dias. A noite chega, existe um movimento para descobrir quem roubou a bandeira do mastro no ano anterior, os foliões cantam enquanto aguardam os sinais de onde vem a bandeira. Quem roubou a bandeira precisa soltar fogos de artifícios, para sinalizar de onde vem o grupo que fará a entrega da bandeira roubada.

O grupo já está preparado para sair ao encontro daqueles que roubaram. Esse ano, quem leva a bandeira são as crianças[13], elas já estão a postos. A bandeira fica sempre à frente de todo o grupo, cada pessoa carrega uma vela acessa. Logo começa o foguetório, a bandeira vem do alto da Pixana. Entre sorrisos surpresos e uma alegria contagiante, os foliões pegam o caminho para o grande encontro em uma estradinha de terra, sem luz, de modo que é possível enxergar apenas as luzes das velas, de ambos os lados. Sou tomada por uma emoção, talvez seja uma das coisas mais bonitas que eu já tenha vivido e sentido no corpo. Entre arrepios, sorrisos e lágrimas, me desdobro para fazer registros de fotos, áudios e vídeos.

Entre risadas, cochichos sobre quem roubou a bandeira, a música impera e dita o ritmo do encontro. Acompanho todo o percurso com um gravador para capturar as vozes e os instrumentos com clareza, as letras das músicas a seguir foram capturadas no momento da cena descrita no texto, no dia de São Sebastião, 20 de janeiro de 2022.

Quem é aquele povo que vem lá,
É o ladrão da bandeira que veio entregar,
Quem é aquele povo que vem lá,
É o ladrão da bandeira que veio entregar.

***

Você roubou a bandeira,
Eu não mandei cê roubar,
Você roubou a bandeira,
Eu não mandei cê roubar.

***

Quem é aquele povo que vem lá,
É o ladrão da bandeira que veio entregar,
Quem é aquele povo que vem lá,
É o ladrão da bandeira que veio entregar.

(Música da Folia de São Sebastião, cantada em São Julião).

As bandeiras se encontram (a atual bandeira e a bandeira roubada), há foliões de ambos os lados, tocando e cantando. De frente uma para outra, é feito um movimento de reverência às bandeiras, e todos cantam o hino de São Sebastião. Os dois grupos se juntam, as bandeiras à frente, e todos seguem em direção à casa de Kátia, cantando em voz alta e de forma fervorosa.

Vamos lá minha gente,
Vamos todos levar,
A bandeira de São Sebastião,
Pra colocar no altar.

(Música da Folia de São Sebastião, cantada em São Julião).

[13] Esse foi um pedido de um dos orixás que incorpora em uma das pessoas da comunidade.

Ao chegarmos na casa, as pessoas se reúnem na sala para rezar, cantar e agradecer. Logo após esse momento, são dadas algumas voltas ao redor da casa, cantando as músicas da folia, dali eles seguem para o hasteamento da bandeira. A bandeira é hasteada ao som e à luz de muitos fogos de artifícios. Todas a pessoas que estavam presentes colocaram suas velas no pé do mastro. Nesse momento, são colocadas junto com as velas as promessas e os agradecimentos a São Sebastião. Finda-se a parte religiosa, o jantar é servido, todos festejam, brincam o batuque, tocam e dançam também o forró e outros gêneros musicais.

Figura 14 - Depositando velas, pedidos e agradecimentos no pé do mastro

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

Ao terminar a festa, as pessoas retornam para suas casas, as luzes se apagam, e alguém (que pode ser da comunidade ou de fora dela) rouba a bandeira. Essa pessoa se compromete, com o santo e com a comunidade de que, no próximo ano, ajudará na realização da festa[14]. Esse

[14] É importante destacar que Kátia, em uma das nossas conversas, me disse que a questão financeira não pode ser um limitador. Assim, alguém que queira roubar a bandeira e não tenha o dinheiro para realizar a festa, poderá roubar e a festa será realizada por Kátia e por toda a comunidade. Aquele que roubar, irá contribuir dentro das suas possibilidades. Então, eu questiono, "e se não houver o dinheiro para realizar a festa?", ela prontamente me diz que essa não é uma possibilidade, pois São Sebastião é responsável e não deixa faltar.

roubo está relacionado com uma questão de fé, as pessoas roubam para fazerem uma promessa ou um agradecimento a São Sebastião.

No dia posterior à festa, existe um burburinho, as pessoas ficam especulando quem roubou e como a bandeira foi roubada, isso se torna uma grande brincadeira. Fico impressionada como as pessoas ficam durante um ano sem saber quem roubou a bandeira, mesmo sendo São Julião uma comunidade pequena, e isso só é revelado no momento da festa do ano posterior.

Em meio a arrumações e despedidas, em determinado momento, pergunto à Kátia como a folia havia tomado aquela proporção, como e quando ela se torna devota de São Sebastião e em que momento essa devoção, que era dela e de Glória, passa a envolver toda a comunidade. Ela, muito emocionada, me conta:

> Eu sou devota de São Sebastião. A gente começou com uma promessa, quando praticamente todo mundo da família estava caindo doente, eu pensei em São Sebastião. Assim que a esposa de Renato (Célia Rodrigues) faleceu de doença, depois dela veio Renato com cobra na perna, veio Range e assim por diante... a gente percebeu que a doença estava comandando dentro da família e isso poderia ficar mais grave. Aí um dia eu pensei...Tem um santo que é dessas causas, aí fui pesquisar e lembrei que era São Sebastião, que era o santo dessas causas que é livrar das pestes, da fome, da guerra, todas essas coisas ruins que vem perseguir.
>
> Então, decidi, a partir daí, ser devota dele... Eu tenho uma história bem interessante para contar, que eu não sabia que eu já era devota de São Sebastião desde criança e que eu já tinha sido curada por São Sebastião e só fui saber disso quando eu fui comprar o santo para fazer a bandeira. Descobri, quando pedi a moça, que ela veio com a imagem.
>
> Eu falei: Esse é o santo? Esse é o rapaz que eu vi quando eu era criança e ele era vivo. Eu vou contar essa história porque para mim foi muito importante o começo dessa história da folia. Mãe me contou essa história, mas eu mesma lembro dela. Eu era bem pequena, eu tinha uns 7 anos de idade, só que eu não lembrava que eu tinha uma visila nas vistas (doença nos olhos, parecida com catarata), quem me contou a história foi mãe. Eu não sabia, quando eu contei pra ela como começou a folia aqui, ela foi e me contou a história.
>
> Eles estavam em uma comunidade, igual aqui, pelo jeito era lá pelo lado da Fumaça, que foi lá que eu nasci, Fumaça fica próximo a Topázio. Lá o pessoal fazia festa de São Sebastião, levantava mastro e tal. Eles foram para essa festa, de uma parte eu lembro... Eles levantaram o mastro, quando eles levantaram, o tecido brilhava e os foguetes faziam assim na bandeira (demostra com as mãos), aquilo clareava. Para mim, aquilo era uma festa das melhores, a festa mais bonita. Só que eu procurava entender... Por que eles estão levantando esse rapaz vivo? Porque pra mim ele estava vivo. Tinha a marca de sangue e tudo. Por que eles estão fazendo isso? Ele está vivo! Eles levantaram em uma vara, igual a gente levantou aqui ontem. Quando os foguetes lançavam, os foguetes brilhavam naquele tecido e eu via o cara vivo, igual uma pessoa normal. Eu não consegui compreender o porquê. Assim, na cabeça de criança...por isso que eu não duvido de nada que criança fala ou sente. Porque a gente, quando é criança, a gente enxerga as coisas de um outro patamar, enxerga coisas que os adultos não conseguem enxergar.
>
> Mãe conta que todo mundo saiu, mas eu não vi, eu me via ainda na multidão de gente. E aquele cara sendo levantado daquele jeito, vivo. Aí mãe sentiu falta de mim, foi caçar, chegou lá, eu estava no pé do mastro, chega estava com o olho vedado, aí ela

> me tirou dali, me levou para os movimentos, eu lembro dessa parte. E eu fui embora para casa encafifada com isso: Por que eles fizeram aquilo com aquele rapaz? Para mim era uma injustiça, que o povo estava fazendo com ele, sendo que ele estava vivo. Aí, no outro dia de manhã, segundo ela, ela olhou nas minhas vistas e falou: Uai, mas cadê a visila? Não tinha mais. Era uma visila que tampava minhas vistas. Quer dizer, eu recebi um milagre quando criança.
>
> Bem, passou essa fase, eu cresci, vim pra cá, fiquei né...quando foi nessa época que eu fiz esses pedidos a São Sebastião, eu prometi que nós mesmo íamos fazer a bandeira. Que foi bem interessante, que na época eu estava coordenando os jovens, e junto com os jovens a gente construiu aquela primeira bandeira. Que foi colocada ali ontem, a primeira bandeira que reinou por três anos, porque eram três anos para sair com a bandeira.
>
> Cheguei na casa e pedi a moça: Eu preciso de uma foto de São Sebastião para fazer uma bandeira, preciso de um tecido assim, assim. Ela foi lá apanhou a foto, quando ela chegou, que eu bati as vistas nele. Eu: "Uai, mas eu conheço ele, esse rapaz é bonito demais! Eu conheci ele quando eu era criança". A moça riu. Eu disse: "Eu conheço esse rapaz e não é de hoje".
>
> Poxa, nós viemos encontrar de novo, por uma razão de todo mundo, que não era só minha, uma razão de todo mundo da família. Aí eu comprei a foto, aquela primeira foto, que está lá estampada na bandeira e fui na loja comprei o pano, e a gente construiu juntos, tinha os jovens da paróquia que ajudou a construir, foi muito bonito, a participação dos jovens, das crianças, é tanto que ali (na bandeira), tem adereço de todo mundo. Foi muito bacana a construção daquela bandeira. Na época, os meninos da paróquia estavam fazendo um trabalho aqui junto com a gente, então falar dessa questão pra mim é muito especial.
>
> Uma das coisas que eu acho interessante, além da festa ser bonita, o mais bonito de tudo isso é a união (choro de emoção), é uma construção bonita, né!? Nada pra mim pode ser mais importante do que o carinho dos jovens, das crianças, de todas as pessoas que contribuem. Eu sei o quanto, nesse momento, eu sinto, o quanto eu sou querida por todos. Além da devoção deles com o santo, eu sei do compromisso que eles têm, mas o carinho que eles conseguem expressar por mim (que é quem está à frente da festa). Isso não tem dinheiro no mundo que pague. Eu só peço, todos os dias, eu acho que vou morrer pedindo isso, pela comunidade e pelas pessoas que me acolhem tão bem.
>
> Eu sinto o quanto existe um amor grande no coração dessas pessoas, cada um daqueles que estiveram aqui. Claro que cada um de nós tem nossas dificuldades, os momentos de chateação, porque as coisas não dão certo da forma que a gente quer, que a gente sonha, mas eu também sei o quanto meu coração é aberto para esse povo. O quanto o meu desejo de coisas boas que possa fluir na comunidade, que possa vir, e que não é só um que possa ser atendido. É como se fossem meus filhos, minha família daqui de dentro de casa.
>
> Então, quando um na comunidade está doente, eu sei o quanto pra mim é doloroso, quando uma criança está doente, eu sei o quanto é doloroso quando eu não posso ajudar, correr atrás e buscar (Kátia).

3.1.3 Bom Jesus

Seguindo o cronograma pré-estipulado de pesquisa, chego a São Julião para acompanhar a Folia de Bom Jesus, que aconteceu no dia 06 de agosto do ano de 2022. A festa foi considerada neste estudo como uma das folias, porém os sujeitos da comunidade não consideram que essa

é uma folia cantada na comunidade de São Julião. A comunidade entende que uma folia é cantada quando os foliões cantam uma sequência de músicas, numa ordem pré-determinada, que é a louvação do santo de cada folia. No caso de Bom Jesus, Carlinha nos conta:

> A gente não canta a Folia de Bom Jesus, a gente faz o levantamento da bandeira, como você viu ontem, o evento acontece 06 de agosto, que é o dia do santo, que é o padroeiro da comunidade. Isso aí já foi decidido pelos mais velhos da comunidade, que essa tradição é passada de geração para geração, de cantar as folias. As pessoas mais velhas da comunidade, que hoje nem existem mais, cantaram a folia e decretou que ele seria o padroeiro da comunidade, ou seja, é o santo que protege a comunidade, para a igreja católica e tudo. Não se canta a folia porque a gente não aprendeu a folia, mas reza o terço no dia 06 e levanta o mastro (Carlinha).

Figura 15 - Olhar aproximado do Altar de Bom Jesus

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

Figura 16 - Altar de Bom Jesus

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

Apesar de a comunidade não considerar que a Folia de Bom Jesus é cantada, no dia 06 de agosto, todos se reúnem na sede da associação, são feitos pedidos, rezas e agradecimentos. Os foliões seguem para a parte de fora da associação, cada um segurando uma vela acesa, eles cantam e tocam, caminhando ao redor do prédio. O ladrão do ano anterior, anuncia de onde vem a bandeira, soltando fogos de artifício. Eles se aproximam, os foliões pegam o caminho em direção ao ladrão, também soltando foguetes. É feita a entrega da bandeira e, assim como

na Folia de São Sebastião, a bandeira é hasteada novamente, para que alguém roube e seja o dono da festa do ano posterior.

Figura 17 – Hasteamento da bandeira de Bom Jesus

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

Nesse mesmo dia, foi realizado um leilão para arrecadação de fundos, para dar continuidade à construção do prédio da igreja católica. Foram leiloadas várias prendas, doadas pelas pessoas da própria comunidade. Toda comunidade se faz presente, assim como comunidades vizinhas, que vêm prestigiar a festa. É servido cachorro-quente, pipoca, suco e refrigerante para todos os presentes. Logo após o leilão, a festa continua, regada a música e muita dança.

> *Estive presente desde os dias que antecediam a festa, a comunidade fica agitada. As prendas (que eles chamam de leilões) são doadas por pessoas da comunidade, o preparo é feito na casa de Kátia. Algumas mulheres se reúnem, temperam e assam os alimentos. A movimentação é grande!*
>
> *Além do preparo de todos os alimentos que são servidos na festa e das prendas, é preciso preparar os alimentos das pessoas que trabalham para a realização da festa. Assim, a todo tempo são feitos biscoitos de goma, broa, café, almoço e jantar. O que faz com que a festa dure muito além do tempo estipulado, pois, desde o preparo, o clima de festa se instaura.*

> *Ajudo no preparo dos alimentos, na limpeza e na organização da associação (onde é realizada a festa), no transporte dos leilões e das pessoas, ao passo que aprendo, com esses sujeitos, sobre a folia, a festa, a fé, sobre viver em comunidade, sobre partilhar, sobre tantas coisas que não caberiam em uma tese* (Nota do diário de campo).

Figura 18 - Leilão de Bom Jesus

Fonte: Registro da pesquisa de campo, 2022.

3.1.4 Santa Luzia

Apesar de estar no meu cronograma de pesquisa, não foi possível acompanhar de forma presencial a Folia de Santa Luzia, pois, no dia 13 de dezembro de 2022, que é o dia da santa, eu estava envolvida com o projeto de acesso e permanência na Universidade - realizado com a juventude de São Julião e que descrevo adiante. Assim, o que descrevo a seguir são relatos colhidos com os sujeitos participantes nos meses anteriores.

A Folia de Santa Luzia foi cantada no ano de 2021, em cumprimento a uma promessa feita por um dos foliões que já havia falecido. A comunidade, como disse anteriormente, se organiza de diferentes formas em cada folia. Nesse caso, a comunidade se mobilizou para realizar a Folia de Santa Luzia a pedido de uma pessoa das moradoras, para o cumprimento de uma promessa feita por seu pai. No ano posterior, eles ainda não sabiam se iriam cantar a folia de Santa Luzia, pois a promessa já havia sido paga.

> A Folia de Santa Luzia, que são os mesmos foliões de São Sebastião, a gente cantou um ano, por uma promessa do pai de Tuta mesmo, que ele faleceu e a filha dele quis que cantasse a folia, a gente cantou, não sabia, mas aprendeu e cantou. Eu digo não sabe a folia é quando não sabe a letra da música, porque a folia é a música e aí tem que saber os versos direitinho, encaminhar os versos numa sequência, é como se você não soubesse uma música, aí a gente não sabia, mas a gente buscou aprender e cantou um ano, para pagar a promessa, ela é protetora das vistas (Carlinha).

3.2 Brincando o batuque

Acompanhei o batuque em diferentes momentos na comunidade, desde a primeira imersão no Festival Quilombola de São Julião, realizado no ano de 2021, e depois, no decorrer das folias em 2022 e nos ensaios realizados pelo grupo para preparação de apresentações fora da comunidade. Sendo assim, o que apresento neste estudo é parte do que observo, do que experimento no corpo, como também do que aprendo pelas narrativas dos sujeitos.

Ao conversar com Carlinha sobre o batuque, ela diz que, na sua visão, o batuque é uma dança, uma cultura dos quilombolas que tem a ver com a religião, como também com os seus ancestrais, que retrata a forma como eles dançavam e cantavam e que tem seu significado atrelado à espiritualidade.

> O batuque é uma dança, é uma cultura dos negros, mas é dança, uma brincadeira para descontrair. Por exemplo, no final de cada folia, que a folia é um ritual sério, de seriedade, de falar com Deus, despois que termina, pra descontrair, pra trazer alegria, é como se tivesse trazendo alegria para aquele lugar, faz-se o batuque, nas casas, ao final de cada folia. Nós fazemos apresentações e é uma dança mesmo, eu acho que o batuque é uma dança (Carlinha).

A partir da partilha do cotidiano, passo a compreender o “brincar o batuque” como um momento de festejar, onde eles cantam e dançam músicas próprias. Sempre com músicas animadas, o grupo se divide em vozes, um grupo pergunta, o coro responde. As vozes são acompanhadas de instrumentos como sanfona, viola, violão, caixa, pandeiro, triângulo e, às vezes, pratos esmaltados e colheres.

O batuque é uma junção de música e dança. A dança, na maioria das vezes, acontece em uma roda em que as pessoas podem dançar em lugares fixos ou a roda pode se movimentar, fazendo um trançado. Os dançarinos ficam no círculo em duplas, de frente um para o outro, em determinado momento, em reposta à música, eles se movimentam em giros, mudando de lugar e de dupla. Existem ainda as danças que não são em roda, às vezes, no meio da música, eles formam duas filas e fazem um jogo de batidas de mãos e pés, de frente uns para os outros. Outra

hora, o grupo se divide, uma parte faz uma roda dançando em lugares fixos e a outra parte faz uma meia lua com os instrumentos[15], dançando por fora dessa roda.

Kátia ressalta que existe uma diferença entre a folia e o batuque, explica que, quando termina uma apresentação de folia, logo após vem o batuque. Ela descreve, dizendo que, na folia, é como se fosse uma oração, no momento de cantar a folia, é como se eles estivessem falando diretamente com Deus, o que ela denomina como "um sistema de oração", onde as palavras cantadas, de cunho religioso, são acompanhadas por músicas específicas. Já o batuque, segundo ela, é algo aprendido com as pessoas mais antigas da comunidade, ainda ressalta que esses sujeitos brincavam o batuque de forma mais frequente, diz que, nos finais de semana, eles saíam para casa de um dos compadres para tocar o batuque, o forró de sanfona e as cantigas de roda.

> O batuque não tem cunho religioso, o batuque é uma brincadeira, de uma coisa séria que é a folia, que é de um sistema religioso, o batuque vem pra descontrair essa seriedade, que acontece depois da folia e pode acontecer fora da folia também. Mas é assim, pra não chegar na casa só cantar a folia e sair, em algumas casas, a gente faz um trechinho do batuque, pra descontrair a turma e pra festejar a alegria que está sendo louvada e também para não ir embora mais rápido, porque tem pessoas que pedem pra esperar um café, aí, pra não deixar as pessoas sem graça, a gente faz o batuque, pra poder dar um tempinho e agradar todo mundo que recebe a folia em casa (Kátia).

Além de brincarem o batuque na comunidade em dias de folia, eles também brincam de forma desvinculada da folia e fazem apresentações fora da comunidade quando são convidados. O formato dessas apresentações depende do pedido de quem convida, pode ser junto com a folia ou pode ser apenas o batuque.

Apresento, a seguir, alguns pontos cantados no batuque da comunidade de São Julião. Apesar de ter acompanhado o batuque em diferentes momentos, as letras a seguir foram registradas com um gravador, na cozinha de Kátia, onde ela cantou alguns pontos enquanto fazíamos o almoço. Assim, a marcação foi feita ao som do socador de alho, de conversas paralelas das crianças que brincavam por ali, do som do alho caindo na panela com o óleo quente, do arroz sendo torrado, da colher passando no fundo da panela, da lenha estourando no fogo. Posso me lembrar, com clareza, do cheiro que se espalhava no ambiente.

> Eu vou, eu vou, eu vou pra beira mar
> Eu vou, eu vou, eu vou pra beira mar
> Nunca vi machado cego fazer cavaco avoar
> Nunca vi machado cego fazer cavaco avoar.

[15] Os instrumentos sempre são tocados pelos homens, atualmente existe um movimento das mulheres da comunidade, que além de cantar e dançar, querem tocar, mas isso ainda não acontece.

***
Comprei, paguei, dei Maria pra levar
Comprei, paguei, dei Maria pra levar
Mata o frango e faz o almoço que amanhã eu passo lá
Mata o frango e faz o almoço que amanhã eu passo lá

***
Ei morena, corta pau e balança o toco
Corta o pau e balança o toco
Me faz uma caridade desengana esse caboclo
Desengana esse caboclo

***
Enquanto eu te amava...meu cavalo não comia
Viaja sexta e sábado e domingo até meio dia
Viaja sexta e sábado e domingo até meio dia

Chuchu, chuchu de iaiá
Cê vai pra cozinha, cê vai temperar
Chuchu, chuchu de iaiá
Cê vai pra cozinha, cê vai temperar

***
Beija-fulor tomou conta do jardim
Vou pedir Nossa Senhora pra tomar conta de mim
Foi, foi, foi... bateu asa e avoou
Ai ai moreninha foi embora e me deixou
Ai ai moreninha foi embora e me deixou

***
Vovó Joaquina falou pra não deixar de amar
Vovó Joaquina falou pra não deixar de amar
Vovó é filha de Deus, da Nossa Virgem Maria
Vovó é filha de Deus, da Nossa Virgem Maria

Vovó não pensa em dinheiro, vovó só quer alegria
Vovó não pensa em dinheiro, vovó só quer alegria
Vovó é filha de Deus, da Nossa Virgem Maria
Vovó é filha de Deus, da Nossa Virgem Maria

(Pontos do batuque cantado em São Julião).

3.3 Espiritualidade

Trato desse eixo como espiritualidade considerando Travalha (2016) que, baseada em Röhn (2013), diz que o homem é um ser multidimensional, de modo que suas dimensões (a partir de uma divisão que não é fechada e, por isso, dificulta a limitação) vão das mais densas, que seria o corpo biológico, passando pela dimensão sensorial, pela dimensão emocional, pela dimensão mental, que inclui o raciocínio lógico, e vai até o mais sutil, que seria a dimensão espiritual. As dimensões humanas também podem ser entendidas como imanentes, a dimensão mais densa e a dimensão transcendente (da espiritualidade).

Compreendendo tais dimensões, Travalha (2016) ainda baseando-se em Röhr (2013), considera que, ao refletir sobre a espiritualidade, é preciso levar em consideração a

integralidade do ser humano, sendo impossível ver a espiritualidade de forma isolada, dissociada das outras dimensões. Fletindo sobre a dimensão espiritual, ambos, entendem que ela sempre estará ligada à fé e, nesse sentido, não é possível garantir a existência da espiritualidade, somente testemunhá-la. Ademais, não se trata apenas de um ato mental, mas algo que envolve a pessoa por inteiro, exigindo desse sujeito um comprometimento consigo, uma identificação que gera uma sincronia desse sentido com a postura de vida que é assumida.

Outro fato importante a ser considerado é que, apesar de nem toda espiritualidade pressupor uma religião, toda religião pressupõe a espiritualidade. Em São Julião, esses dois termos estão atrelados, como foi possível perceber ao longo da imersão em campo.

> Aqui a comunidade é mista, tem o catolicismo e tem a umbanda, e já tem outras religiões misturadas no meio, evangélica e tal. Mas, pra mim, enquanto jovem, eu sempre participei, fui criada na doutrina católica, fui batizada na igreja e tudo. Vó era muito católica, então fui criada nesse esquema, mas, com certa idade, eu já descobri a mediunidade, com 12 anos, e foi uma dificuldade para a família compreender, porque foi um processo que ninguém...não tinha na família e ainda mais por ser uma criança.
>
> Hoje eu sou umbandista e participo também junto a igreja católica, ou seja, participo de vários núcleos, da folia, da igreja católica, ajudo nas celebrações e estou no centro também. Então, acho que estou misturada em todos os ângulos. Mas, pra mim, é uma experiência ótima, apesar de enfrentar muito preconceito, por questões da umbanda e tudo mais, também enquanto jovem é difícil, porque não é fácil seguir direitinho a doutrina, ainda mais quando se participa de várias coisas, então você vai ser cobrado em todas elas, mas é uma experiência muito massa, eu amo minha religião (Carlinha).

A comunidade de São Julião apresenta uma peculiaridade quando se trata de religião. Quando cheguei a São Julião, eu já sabia das questões espirituais, que são levadas muito a sério na comunidade. Na minha primeira imersão, no Festival de Cultura Quilombola de São Julião, o grupo que eu acompanhava foi convidado para uma oferenda que foi feita no alto da mata. Essa oferenda foi realizada por pessoas da comunidade, mas também por pessoas que vieram de fora, que fazem parte de uma casa que apoia as ações relacionadas à umbanda em São Julião.

Como relatei anteriormente, não chegamos a tempo de participar da oferenda, mas fomos convidados e participamos do momento do passe, o que foi muito significativo, pois recebi do Preto Velho o consentimento para realizar a pesquisa. Logo de início, percebo como as questões espirituais são caras para esses sujeitos. Esse ritual aconteceu em uma casinha de madeira que fica no pé da mata e, do lado dela, é possível ver a base de uma futura construção na comunidade, que será uma “Casa de Umbanda”.

Diante disso, chama a atenção o fato de que, ao mesmo tempo em que a comunidade constrói a Casa de Umbanda, dedica-se à construção de um prédio para abrigar uma igreja

católica. Fisicamente falando, nesse momento da pesquisa, ambas as obras estavam na mesma etapa da construção. E acho ainda mais instigante perceber que os sujeitos envolvidos nessas duas construções são os mesmos.

Para além da construção dos prédios da Casa de Umbanda e da igreja católica, percebo, nesse caminho empírico, que os sujeitos se comprometem na mesma medida nos trabalhos desenvolvidos nos dois lugares. As mesmas pessoas que incorporam, que dão o passe, que atendem sujeitos necessitados espiritualmente são aquelas que são devotas dos santos, que realizam as folias que compõem o calendário litúrgico da Igreja Católica, que fazem os leilões para arrecadação de fundos, que lidam diretamente com o padre que atende a comunidade, entre outras frentes de trabalho.

Diante dessa encruzilhada - que só se torna encruzilhada por estar diante do meu olhar de pesquisadora, oriunda de uma educação monoteísta, apesar do esforço e do exercício diário de uma reeducação nesse sentido – busco compreender empiricamente como se deu essa construção dentro da comunidade São Julião, como começou e como ocorre nos dias atuais.

> Na realidade, nós somos católicos, mas assim, a gente segue o catolicismo, mas o espiritismo vem para casar com essa história do catolicismo. Tem coisas lá (no espiritismo) que a gente entende hoje, que no catolicismo é pregado diferente. Claro que a gente busca entender qual é o jogo de quem prega o catolicismo, não é nem do catolicismo em si, mas de quem prega ele.
>
> Jesus Cristo não teve catolicismo, no meu ponto de vista, ele pregou para todo mundo, para ele não tinha definido se era A, B ou C, era todo mundo, é uma mistura. Então, eu não vejo o lado espiritual diferente do que Jesus Cristo fez, inclusive tem (na bíblia) a parte que Jesus Cristo tirou o demônio do homem, curou muita gente, então, nós devemos lembrar dessa parte. Então, para mim, tudo que Jesus fez quando ele passou na terra, ele fez deixando exemplo para nós. Tudo que ele deixou, que ele pregou, que ele fez, enquanto encarnado aqui, pra mim, é exemplo. Então, nós devemos seguir esse exemplo (Kátia).

Os sujeitos com quem conversei ao longo do tempo em que permaneci na comunidade, quando perguntados sobre que religião professavam, a primeira resposta sempre vem como católicos, mas, ao longo das conversas, da participação no cotidiano, é comum, no final da tarde, um convite a servir um café para o Preto Velho, para fazer a firmeza[16], na casinha de madeira. Além disso, há relatos da existência de algumas pessoas das famílias que são frequentadoras de igrejas evangélicas. Pelo que eu entendi ao longo do percurso, são casos pontuais, pessoas com as quais não tive contato direto ao longo da pesquisa.

[16] A firmeza são, "ativações simples das forças que estão ligadas a nós nesta encarnação, e que através dessas ativações conseguimos nos reequilibrar e reernegizar positivamente [...] para desenvolvimento de trabalhos espirituais[...] o médio de umbanda deve se servir dos recursos necessário para manter-se equilibrado" (Cassola, 2019, p.1)

> Havia antes um embate muito grande dessas questões de religião e ainda existe. Dentro da família, dentro da comunidade, existe ainda um embate das pessoas mais velhas, mas eu vejo isso na compreensão dos mais novos, que vem chegando. Eles buscam a convivência das religiões, indiferente de quais são elas, se é umbanda, se é católico, se é evangélico. Eles têm um foco mais forte de abraçar essas religiões de forma amorosa e traduzir isso de forma tranquila. As pessoas mais velhas que estão aqui, querem a conservação da religião católica. Eu não vejo importância nisso. Porque quando leva pro lado de conservação, acaba defendendo uma tese, né!? E a importância das religiões, de todas, é unificar e eu vejo isso nesse ponto, tá? E, com o tempo, a gente chega nessa unificação na comunidade, tomara que isso abranja o planeta todo. Mas eu não vejo separação (Kátia).

Algo que inicialmente era confuso para eu compreender, foi se elucidando com o tempo de permanência na comunidade, por meio de conversas com diferentes sujeitos, mas também ao vivenciar cada momento com eles. Assim, percebo que a Comunidade de São Julião tem suas raízes, sua história vinculada fortemente aos ensinamentos da Igreja Católica, mas sempre tiveram questões relacionadas a espiritualidade que, extrapolam as questões religiosas. Existem relatos de muitas pessoas que manifestaram a mediunidade, mas, como a comunidade não sabia como lidar, faziam isso de forma velada ou saíam da comunidade em busca de ajuda. Por essas questões, algumas pessoas da comunidade se organizaram para a construção de uma casa que pudesse acolher esses sujeitos e outros que viessem em busca de ajuda espiritual.

> Nós ainda nem consideramos como uma religião. A gente considera assim, que a comunidade é bem frágil nessa questão, a gente tem um número grande de médiuns na comunidade que não exerce, que não desenvolve esse lado espiritual, que é uma coisa que está em todos nós. Não é uma coisa só minha ou sua, de outras pessoas. Creio eu que é um exercício de todos nós, todos nós temos fluídas essa questão espiritual. E a comunidade é bastante frágil nesse sentido, porque todas as pessoas da comunidade têm essa sensibilidade e algumas pessoas têm dado trabalho nesse sentido, porque não é cuidado desde o princípio. Então, a gente entendeu que a comunidade precisava cuidar um pouco desse lugar. Muitas pessoas mais velhas iam em outros lugares, mandava amarrar as forças. Para nós, é considerado amarrar as correntes e ficava como um bolo de carne ambulante. O que a gente compreende é que, se eu venho aqui pra uma função, eu preciso cumprir. A espiritualidade, pra mim, eu entendi, mas meu entendimento não é uma coisa que a gente quer e que a gente adota de uma hora pra outra, é um dom que a gente traz. É uma ferramenta de trabalho pra gente. Por exemplo, você tem a sensibilidade de sentir e incorporar um espírito, é porque você tem um compromisso para esse lugar, de cuidar de alguém, certamente tem um compromisso. Então, pra nós, a gente entende que precisa ser cuidado e compreendido esse lugar, para que as pessoas não ocorram da forma que estava ocorrendo na comunidade. De ir lá amarrar e as pessoas ficarem aí zombeteando (Kátia).

Por perceber, na comunidade, manifestações de médiuns que precisavam ser cuidados, um grupo de pessoas se organizou para construção de um lugar. Mesmo que fosse um fato, que já existisse esse trabalho, esse passo talvez tenha sido apenas para favorecer a abertura de um

lugar não velado, pois existem pessoas contrárias a esse movimento na comunidade. Algumas pessoas envolvidas, como Carlinha, por exemplo, relatam sofrer preconceito por suas escolhas.

> Nós somos católicos e estamos construindo também uma igreja católica para comunidade. Estamos construindo os dois, parece muito louco, mas a comunidade precisa dos dois. Tem gente que não consegue entender isso que eu estou entendendo (Kátia).

Após permanecer algum tempo na comunidade, percebo a amplitude do pensamento ali cultivado quando se trata da espiritualidade. Em diferentes linguagens, tempos e espaço, principalmente Kátia vai desvelando como ocorrem esses cruzamentos e suas necessidades. A essência desses cruzamentos religiosos está no cuidado espiritual. Eles entendem, em diferente medida, que o mundo é diverso, que as pessoas são diferentes, com necessidades múltiplas, mas que todos precisam cuidar de um lado espiritual e que isso pode ser feito de forma coletiva, considerando o lugar em que diferentes sujeitos estão habitando, trabalhando, se desenvolvendo e cuidando uns dos outros, em diferentes espaços e com o mesmo objetivo.

> Tem muita coisa na umbanda, que nem é na verdade a umbanda, ela não é uma religião definida. Ela simplesmente é uma doutrina espiritual pra todos nós aprendermos a lidar melhor com a questão espiritual que está no campo. Está no campo aí, ela é ampla, a questão espiritual é ampla pra todo mundo. Apesar de que muitos enxergam isso como se fosse uma causa sua, não é. Todos nós temos um lado espiritual. Que a gente cuida muito pouco. A gente cuida mais da questão terrena, dos poderes, do trabalho, essas coisas que deixam esse campo aberto, que qualquer momento a gente possa ser invadido por isso. Porque do outro lado tem alguém necessitando dos nossos cuidados, das nossas orações, então eu não vejo isso como um empecilho de estar na igreja católica ou de estar na evangélica. Só muda o ponto de vista de cada um. E é importante porque nem todo mundo vai ter o mesmo pensamento, mas estamos todos seguindo a mesma coisa. Todo mundo cuidando desse lado (Kátia).

O fato de a comunidade ter optado pela construção de uma cada de umbanda causa uma certa curiosidade, diante da diversidade de escolhas possíveis. Assim, questiono alguns moradores e, de forma muito simples, a resposta é dada, não apenas de forma verbalizada, que poderia ser kardecista, poderia ser candomblé, mas a umbanda chega por alinhamentos com sujeitos que estão hoje à frente do trabalho da casa, mas que isso pode ser mudado ao longo do tempo, de acordo com quem estiver à frente da casa e dos trabalhos.

> Não foi uma coisa que nós pensamos, foi uma coisa implantada para nós irmos entendendo, porque certamente nós já havíamos feito um trato, às vezes no primeiro momento, com tanta coisa que o mundo oferece, você não consegue perceber que foi feito um compromisso com o mestre. Então, o que eu vim aqui fazer? Eu não vim encarnar aqui atoa, com certeza! Tem um serviço aqui para eu fazer, né!? Então, eu consigo compreender por esse campo.

> Aqui na comunidade tem gente que é kardecista e tem gente que trabalha com a umbanda, então são essas duas vertentes, até no momento. Claro que isso vai depender de quem vai ser os cabeças dentro da casa, não é especificamente os espíritos que vão dar o destino aos trabalhos, é uma organização de quem está aqui encarnado e que precisa trabalhar essas questões, que é daqui, do encarnado.
>
> O trabalho é para caridade e a gente precisa adotar uma para acolher todos, esse trabalho é extensão duma casa em Belo Horizonte e não sei se você lembra, né? É Casa de mãe Teresa e de Pai Jeremias (Kátia).

Assim, levando em consideração toda a complexidade e as possíveis abrangências, hoje a casa que está sendo construída é tida como uma Casa de Umbanda, mas está aberta a outras possibilidades, desde que mantenha seu objetivo original, que é praticar a caridade e o cuidado espiritual de forma ampla. Ao abrir mão de nomear, de restringir o espaço a determinada religião, o cuidado transcende o nome ou qualquer conceito que possa defini-lo. Considerando essa amplitude, a casa deve se chamar Casa de Mãe Augusta e Pai João Preto, líderes espirituais ligados à Igreja Católica e que realizaram uma iniciação religiosa desde 1929, quando chegam à comunidade, ainda jovens.

> A casa ainda não tem um nome, mas ela deve ter o nome dos dois chefes que começaram tudo, que é Mãe Augusta e Pai João Preto. Mesmo que eles não tivessem consciência do que eles estavam fazendo, eles estavam caminhando para esse lugar, que é quando eles doavam deles, o tempo de aconselhar. Eles já eram chamados de Pai João Preto e Mãe Augusta, então desde que começou (os trabalhos) nesse campo é o que vem na cabeça. Mas eu não sei, é preciso discutir, mas eu tenho quase certeza que vai ser esses nomes que vão estar na cabeça de todo mundo, se for da vontade do mestre, se lá em cima a gente tiver combinado (Kátia).

Ao descrever os processos de imersão e as experiências festivais, tive como primícia o envolvimento com os sujeitos e a construção compartilhada. Isto trouxe como desdobramento e evidência as práticas e as vozes daquelas e daqueles que ocuparam lugar central de produção do processo de vida e de pesquisa. Bem como, um lugar de autoria mais reflexivo, embora compartilhado.

4 PRINCÍPIOS E REFLEXÕES PARA PENSAR SOBRE O LAZER, O TEMPO E O TERRITÓRIO

O encontro com essa comunidade me fez conhecer, na prática, uma outra forma de ser e estar no mundo, não dissociada do mundo contemporâneo globalizado que nos impõem o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, mas que, de alguma maneira, numa dimensão muito

pequena, consegue se organizar minimamente para lidar com as pressões e formas de vida exteriores, mantendo um modo genuíno, orgânico e harmônico de estar no mundo.

Considerando o mundo exterior e as formas de vida de São Julião e pensando na complexidade das formas colaborativas de fazer pesquisa, reflito sobre os apontamentos trazidos por Escobar (2020) sobre as "epistemologias outras", que buscam superar a divisão entre pesquisador e comunidade pesquisada, trazendo o design como espaço importante para a produção da vida e a criação de mundos.

Diante disso, me aproximo de Boaventura de Souza Santos (2019), que traz reflexões importantes sobre a hegemonia do neoliberal e a dominância global nas questões relacionadas a cultura, economia e epistemologias. Ele propõe a construção e valorização de novas epistemologias, assim como a produção de um pensamento de alternativas que fortaleçam a luta contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, trazendo as epistemologias do Sul como alternativas potenciais para a ultrapassagem do norte epistêmico.

A proposta de Santos (2019) não é desconsiderar todos os conhecimentos produzidos no Norte, mas pensar alternativas vindas dos modos de produzir conhecimento nascidas da luta por direitos e saberes invisibilizados. O autor nos aponta alguns dos desafios a serem enfrentados por aqueles que se propõe a desenvolver pesquisa nesse sentido, dentre eles a reinvenção metodológica e o enfrentamento das bases epistemológicas da exclusão abissal. Diz ainda que é necessário um processo de coconhecimento que revolucione a teoria e a epistemologia, articulando ecologias e saberes, intelectualidade de retaguarda e artesania das práticas.

Santos (2019) traz o corpo como centralidade, ele aponta que, enquanto as epistemologias do Norte têm "grande dificuldade em aceitar o corpo em toda sua densidade emocional e afetiva sem o transformar em mais um objeto de estudo" (Santos, 2019, p. 137), as epistemologias do Sul tratam dos conhecimentos situados na resistência e na luta contra a opressão e que, por isso, são conhecimentos que se materializam nos corpos, podendo ser eles, individuais ou coletivos, "O conhecimento corporizado manifesta-se em corpos vivos [...] os que empreendem a luta contra a opressão; são corpos que sofrem com as derrotas e exultam com as vitórias. Tanto corpos individuais como os coletivos são corpos sociais" (Santos, 2019, p. 136).

> As epistemologias do Sul não aceitam o esquecer do corpo porque as lutas sociais não são processos que se desenrolam a partir de *kits racionais*. São produtos de *bricolages* complexas nos quais o raciocínio e os argumentos se misturam com emoções, desgostos e alegrias, amores e ódios, festa e luto. As emoções são a porta que dá para o caminho da vida e são esse mesmo caminho na luta. E os corpos estão tanto no centro das lutas como as lutas estão no centro dos corpos. Os corpos são performativos

> e assim, através do que fazem, renegociam e ampliam ou subvertem a realidade existente. Ao agirem, agem sobre si mesmos; ao dizerem, dizem de si mesmos e para si mesmos. A mobilidade e a imobilidade, o silêncio e o grito, todos são energias vitais que inscrevem marcas nos corpos, marcas que permanecem para além das suas lutas e dos seus sucessos. Os corpos que resistem são muito mais do que a luta, e a luta, por sua vez, abarca muito daquilo que geralmente se crê existir fora dela, seja a dança, o teatro ou a música, o sono, o amor (Santos, 2019, p. 138).

Para as epistemologias do Sul, galgadas por Santos (2019), entre as múltiplas diferenças corpóreas, interessa o que ele denomina como corpo moribundo, corpo sofredor e corpo jubiloso. Aqui, darei destaque ao corpo jubiloso, como o autor descreve:

> O terceiro corpo privilegiado pelas epistemologias do Sul é o *corpo jubiloso,* que se regozija com o prazer, a festa, o riso, a dança, o canto, o erotismo, tudo em celebração da alegria do corpo. As lutas sociais não são apenas morte e sofrimento, são também alegria e júbilo, felicidade e vitórias, sejam grandes ou pequenas, durante as pausas para recuperar as forças, ou mesmo em momentos difíceis para revivificar o espírito de lutas (Santos, 2019, p. 142).

Se as epistemologias do Norte têm dificuldade em valorizar as dimensões cognitivas da festa e da celebração, por estarem permeadas por culpa e melancolia, as epistemologias do Sul têm esse lugar como expressão da força vital e reafirmação da dignidade, que são necessárias à luta contra a opressão, que têm valor epistemológico, ao desenharem seus contornos na dor e na alegria, na energia depositada nos corpos e nos afetos e ao lançarem mão da comunicação e da comunhão com dimensões espirituais (Santos, 2019). Tais considerações nos ajudam a associar os corpos jubilosos, trazidos por Boaventura, aos que descrevo nas festas, nas celebrações e nos ritos da Comunidade de São Julião, sendo eles corpos que dançam, cantam, festejam e exercem a sua fé, ao passo que lutam, existem e (re)existem.

Simas e Rufino (2018), no livro *Fogo no Mato*, possibilitam reflexões sobre o colonialismo e sua edificação, destacando uma agenda que produz a descredibilidade das inúmeras formas de existência e de saber. Eles nos falam das epistemologias da macumba, que buscam transgredir as estruturas coloniais do saber, enunciando e credibilizando a existência e as práticas de conhecimento dos subalternizados.

> Nos inquieta como os discursos, revestidos de sincero viés libertador e boas intenções, são empobrecedores das potencialidades humanas. Educados na lógica normativa, somos incapazes de atentar para as culturas de síncope, aquelas que subvertem ritmos, rompem constâncias, acham soluções imprevisíveis e criam maneiras imaginativas de se preencher o vazio, com o corpo, vozes e cantos. O problema é que para reconhecer isso temos que sair do conforto dos sofás epistemológicos e nos lançar na encruzilhada da alteridade, menos como mecanismo de compreensão apenas (normalmente estéril) e mais como vivência compartilhada. A síncope é a arte de dizer quando não se diz e não dizer quando se está dizendo (Simas; Rufino, 2018, p. 19).

Simas e Rufino (2018) se tornam referência para esse trabalho, que trata dos saberes produzidos e vivenciados na vida cotidiana dos sujeitos da Comunidade Quilombola de São Julião, num exercício chamado por Arturo Escobar (2020) de “epistemologias colaborativas”, por meio do qual busco produzir uma escrita conjunta com o sujeito pesquisado, onde nós traçamos caminhos, onde seus saberes são trazidos à tona, com uma potência que busca romper com determinadas estruturas. Aqui, um saber que, historicamente, sob o viés das epistemologias do Norte, é descartado, toma potência. Aquele que sabe que, em um outro contexto, seria um objeto de pesquisa, aqui é sujeito e também determina os caminhos a serem percorridos.

Nesse exercício, busco a seguir, estabelecer diálogos com dois autores: Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo) e Maria Manuel Baptista. O primeiro - um homem, negro, brasileiro, quilombola – possibilita-nos tecer reflexões acerca das formas de vida que se estabelecem na Comunidade de São Julião, para que o leitor consiga compreender de que lugar e a quais sujeitos e organização me refiro. A segunda – uma mulher, branca, portuguesa, importante estudiosa na área dos Estudos Culturais – oferece-nos um aporte teórico para tentar tecer contribuições com o campo de Estudos do Lazer.

4.1 Desenhando o território: outras formas de ser e estar no mundo

Para melhor compreensão e emersão do experimentado, após o período de imersão em campo, retomo a leitura de Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo), que trabalha com noções importantes a partir da sua história de vida. Ele se descreve como quilombola e não ser humano, "um tradutor do pensamento do seu povo e também como um tradutor do pensamento do colonialista" (Bispo dos Santos, 2018, p.45)[17]. É um lavrador, formado nos saberes de mestras e mestres do Quilombo Saco Curtume, no município de São João do Piauí, e foi incumbido de desenvolver habilidades de traduzir para a escrita as sabedorias de seu povo e de mediar as relações com o Estado (Bispo dos Santos, 2023).

> Quando provoco um debate sobre a colonização, os quilombos, os seus modos e as suas significações, não quero me posicionar como um pensador. Em vez disso, estou me posicionando como um tradutor. Minhas mais velhas e meus mais velhos me formaram pela oralidade, mas eles mesmos me colocaram na escola para aprender, pela linguagem escrita, a traduzir os contratos que fomos forçados a assumir (Bispo dos Santos, 2018, p.44).

[17] Antônio Bispo dos Santos, em todas a citações, será referenciado como “Bispo dos Santos” (como consta no seu último livro “*A terra dá, a terra quer*”), para que em hipótese alguma ele seja confundido pelo leitor com o autor Boaventura de Souza Santos, que é aqui referenciado como “Santos”.

Apesar de Nego Bispo falar de uma outra realidade, de trazer questões relacionadas a sua comunidade, o que ele traz me possibilita entender com profundidade e expressar nesta tese muito do que foi vivido na comunidade de São Julião. Tsing (2018) aponta que novos desafios surgem com novas perturbações e que, mesmo em realidades similares, as respostas de pesquisa podem ser diversas. Para um melhor entendimento, ela nos traz a metáfora do Matsutake, que diz: "[...] nem todas as florestas e coletores de Matsutake são iguais; ambas as perturbações, humanas e não humanas, são geradas de muitas formas. Para apreciar esses eventos, é necessária uma imersão na história desses locais" (Tsing, 2018, p.370)

Essa importante consideração de Tsing (2018) deixa demarcado que, ao estabelecer um diálogo com Nego Bispo, considero as similaridades entre os pontos de discussão estabelecidos por ele e a pesquisa empírica realizada por mim, na Comunidade Quilombola de São Julião. Entretanto, tenho o entendimento de que as comunidades são diferentes, apesar das similares em determinados pontos, há divergências em outros, pois os sujeitos são ímpares. O objetivo desse entrelaçamento é possibilitar que o leitor consiga compreender minimamente os modos de vida que eu, como pesquisadora, pude perceber durante a imersão em campo. Assim, esse autor será um apoio na compreensão daquilo que foi vivido e partilhado no cotidiano da comunidade.

Bispo dos Santos (2023), logo no início do seu livro "*A terra dá, a terra quer*", conta que desde os seus 10 anos, seu tio começou a ensiná-lo a adestrar animais e, após algum tempo contanto a sua experiência, ele tece a seguinte reflexão:

> Quando completei 10 anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-a de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta (Bispo dos Santos, 2023, p. 11).

Diante disso, ele coloca que, ao dominar a técnica de adestramento, logo percebeu que, para enfrentar a sociedade colonialista, em determinados momentos, ele precisaria transformar as armas do inimigo em defesa. Assim, ao trazer escritos ancestrais da geração avó, da oralidade para a escrita, ele trouxe algumas denominações que, na academia, são chamadas de conceitos. A partir daí, seguiu a prática das denominações dos modos e das falas para contrariar o colonialismo. "É o que chamamos guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las" (Bispo dos Santos, 2023, p. 13).

> Para enfraquecer o *desenvolvimento sustentável*, nós trouxemos a *biointeração*; para a coincidência, trouxemos a *confluência;* para o *saber sintético*, o *saber orgânico*; para o transporte, a *transfluência*; para o dinheiro (ou a troca), o *compartilhamento*; para a *colonização*, a *contracolonização*... e assim por diante (Bispo dos Santos, 2023, p. 14).

Apresentada essa questão, aponto que vou considerar aqui algumas das palavras semeadas por Nego Bispo, no intuito de traçar paralelos com a Comunidade Quilombola de São Julião. Na guerra das denominações, Bispo diz que, no quilombo, não há cultura, o que existe são, "modos, modos de ver, de sentir, de fazer as coisas" (Bispo dos Santos, 2023, p. 23). Para Bispo dos Santos (2023, p. 23), "quem não sabe dançar e cantar no batuque, quem não sabe fazer uma comida, quem não se emociona com as cantigas de um pássaro não tem um modo agradável de viver".

Tais palavras incentivaram reflexões importantes sobre a experiência empírica vivida em São Julião, pois, para eles, não existe um conceito fechado de cultura, nem estão habituados a trabalhar com aquilo que a academia denomina de conceito. Assim, diante do que foi vivenciado em São Julião, percebi que era possível traçar paralelos a partir da minha experiência acadêmica, como faço no próximo subtítulo. Reforço que, ao estabelecer um diálogo com a comunidade, foi possível conhecer, a partir da participação no cotidiano, nas festas, no grupo de mulheres, no brincar com as crianças, seus modos de vida, que se aproximam, de certo modo, daquilo que alguns chamam de cultura, mas que, se perguntado de forma direta às pessoas daquele lugar, por certo não será nomeado dessa maneira.

> No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos. [...] Nós contamos histórias sem cobrar nada de ninguém, o fazemos para fortalecer a nossa trajetória. E não contamos apenas as histórias dos seres humanos, contamos também histórias dos bichos: macacos, onças e passarinhos (Bispo dos Santos, 2023, p. 25)

Assim, como aponta Nego Bispos sobre sua comunidade, em São Julião não acontece diferente, por isso fazer pesquisa naquela comunidade requereu de mim, como pesquisadora, tempo de permanência e envolvimento. Era nas caminhadas nas estradas escuras no fim do dia, sem data marcada ou caderno de campo, que histórias vinham à tona, ou ainda a partir de um convite da juventude para um passeio ao bar da Luseni (moradora e proprietária de um bar, anexo a sua casa, localizada na entrada da comunidade) ou lavando a Casa do Batuque para realização de algum encontro, ou fazendo um almoço na casa de Kátia, ou subindo a mata depois do período de chuva, ou fazendo uma reunião com a juventude ao mesmo tempo em que tomamos banho no poço que se formou, ou brincando com as crianças no quintal de Richa

(moradora e professora aposentada da comunidade, filha de Pai João Preto e Mãe Augusta. Sua casa não é atualmente habitada por ela, por isso serve de hospedaria para pessoas que chegam na comunidade, como foi meu caso) ou colhendo as hortaliças para o almoço ou de tantas outras formas.

As histórias são contadas com linguagens diversas e passam por assuntos igualmente diversos. A natureza é presente na maioria delas, como o caso da onça que anda por aquelas bandas. As histórias contadas sobre a onça são muitas, volta e meia ela deixa seus rastros por ali. Em um passeio, falávamos sobre o cuidado necessário para andar em meio à natureza, então eles me contaram que a tal onça tinha comido um homem da comunidade vizinha em tempos recentes. Já as crianças, por exemplo, se encontram para brincar e fazem apitos de passarinho, reproduzem seus sons e contam histórias de caça, suas, de seus pais, ou apenas histórias que ouviram contar, das quais, por vezes, eles mesmos duvidam.

Nas folias e no batuque, suas histórias e de seus ancestrais são contadas com o corpo, suas danças e cantos, seus instrumentos. As batidas de mãos e pés dizem muito sobre seus movimentos de resistência. As histórias são contadas por todos aqueles que habitam aquela comunidade. Por cada lugar por onde passei, em cada troca, foi possível escutar fragmentos de uma mesma história, muito do que ouvi, vivi e senti, em São Julião, não está descrito aqui, mas faz parte de um todo, para que, ao descrever as práticas sociais vividas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, eu não me desconecte de tudo aquilo que elas significam.

Para registro dessas histórias, contadas com diferentes linguagens e em lugares diversos, foi preciso ir me adaptando e construindo estratégias para que esse material não se perdesse em meio a tantas vivências. Comecei carregando a tiracolo um caderno de campo, que muito me serviu. Ao longo do tempo, passei a usar um aplicativo de gravação de áudio do celular, depois, substituí por um gravador mais potente, para garantir a qualidade dos áudios. A máquina fotográfica virou uma companheira para registros de fotos e vídeos e, muitas das vezes, o registro era feito pelo próprio corpo, pois era preciso viver, sentir, para uma compreensão complexa de tudo que se passava.

Ao se identificar como quilombola e não humano, Bispo dos Santos (2023) diz que os humanos se afastaram da natureza e que, ao construir as cidades e os modos de vida, foram se aproximando do desenvolvimento. Então, Bispo dos Santos (2023), nesse jogo de palavras, propõe o que ele chama de “envolvimento”. A palavra pretende nomear uma forma de estar no mundo diretamente ligada ao envolver-se com a natureza e com os outros de forma orgânica.

> *Humanismo* é uma palavra companheira da palavra *desenvolvimento*, cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza. Do lado oposto dos humanistas estão os *diversais* – os cosmológicos, os orgânicos. Se os humanos querem transformar os orgânicos em sintéticos, os orgânicos querem apenas viver como orgânicos. Para os diversais, não se trata de desenvolver, mas de envolver. Enquanto nos envolvemos organicamente, eles vão se desenvolvendo humanisticamente. [...] A humanidade é contra o envolvimento, é contra vivermos envolvidos com as árvores, com a terra com as matas. Desenvolvimento é sinônimo de desconectar, tirar do cosmo, quebrar a originalidade (Bispo dos Santos, 2023, p. 30).

Logo na primeira imersão na Comunidade Quilombola de São Julião, percebi como era forte e orgânica a ligação daquelas pessoas com a natureza do lugar. Em um passeio pela mata com Kátia, subíamos à margem das águas, e ela ia me dizendo para que servem algumas plantas, falava dos remédios que eles e elas fazem com cada erva. Quando escutávamos o barulho de um pássaro, ela dizia o nome dele e o que seu canto significava. Vez ou outra, sentávamo-nos em uma pedra para descansar. Em uma dessas vezes, ela me mostrou uma árvore, ela era alta e frondosa, então me disse: "está vendo aquela árvore ali? É com ela que resolvo meus problemas, quando estou estressada, nervosa, subo aqui, dou um abraço nela, uns gritos e volto mais tranquila para casa".

Kátia contou, ainda, que uma vez, em um tempo de seca, a mata pegou fogo, mesmo ligando para os bombeiros da cidade de Teófilo Otoni, eles não apareceram para prestar socorro. Então, a comunidade se organizou para apagar o fogo. Todos os homens subiram para a mata para tentar contê-lo e as mulheres faziam comida para alimentá-los e providenciavam água para beberem. Em meio a essa organização, eles rezavam e pediam ajuda dos seres divinos para que o fogo cessasse. Ela conta que ouvia uma voz dizendo que era preciso pedir com fé, e assim foi feito por três dias. Na sua cabeça, só vinha a impossibilidade de permanecer naquele lugar se toda a natureza ao redor fosse reduzida a cinzas. Ela relata que não faria mais sentido permanecer ali. Após esses três dias de rezas e muito trabalho, o fogo apagou e, com as chuvas, a natureza se refez.

> Nós temos discutido muito sobre os saberes orgânicos e os saberes sintéticos. Os primeiros são os que envolve envolvendo o ser e os sintéticos são os saberes que se desenvolvem desenvolvendo o ter. Ou seja, a maneira que os povos e comunidades tradicionais se relacionam com a terra é de maneira *biointerativa*, uma maneira orgânica. Nos saberes sintéticos a vida orgânica, a vida *biointerativa*, ou seja, a integração entre todos os seres é desconectada em relação a todos os seres humanos. Esse humano sintetizador se desconecta da natureza e passa a ser ou dono da natureza ou melhor, um explorador da natureza (Bispo dos Santos, 2020, n.p.).

Nesse jogo de palavras proposto por Bispo dos Santos (2023), hoje percebo a Comunidade de São Julião como diversal, cosmológica, orgânica, que se relaciona com a terra de maneira biointerativa, envolvida com a natureza da qual faz parte. Seus membros estão

envolvidos com a mata, com os animais que os rodeiam, com as árvores, com as pedras e com eles mesmos.

As palavras “confluência” e “compartilhamento” também são importantes para esse debate. Talvez essa tenha sido, para mim, das coisas que me causaram maior impacto. Fui criada e educada em uma sociedade capitalista, logo estou acostumada com essa forma de habitar o mundo, onde cada ser humano se preocupa, de forma mais direcionada, ao sustento e desenvolvimento dos seus. Quando chego em São Julião e me envolvo com a comunidade, percebo um cuidado que é compartilhado, cada um em sua casa, com o seu núcleo familiar, mas, ao mesmo tempo, todos parecem pertencer a uma grande família, onde a dor e os problemas de um se tornam de todos numa medida que extrapola o que era comum para mim.

> Não tenho dúvida de que confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida (Bispo dos Santos, 2023, p.15).

Bispo dos Santos (2023) usa a palavra “confluência” no lugar de coincidência, ele diz que não existem coincidências, que existem encontros. Para ele, os seres se encontram, compartilham e confluenciam, tornando-se maiores e melhores, sem deixarem de ser eles mesmos. Mas o autor chama a atenção para o fato de que “nem tudo que se ajunta se mistura e nem tudo que se mistura se ajunta. Assim, o saber orgânico e o sintético se encontram, porém não confluem [...]” (Bispo dos Santos, 2020, n.p). Em São Julião, esse movimento de “confluência” se torna nítido para mim com o passar do tempo, pois a comunidade estabelece uma “confluência” que extrapola o limite das relações humanas e abrange, também, o meio em que vive.

> A confluência é esse grande encontro, cosmológico, de maneira de pensar, de sentir, é um encontro de sentido, de sentimento, é o encontro das vidas. E ela não acontece por acaso, ela não é coincidência, é diferente. A coincidência é uma coisa que não se explica, mas a confluência se explica. A confluência é um encontro de seres, de vidas, que se compartilham e isso só acontece em cosmologias politeístas, porque as pessoas se compreendem como parentes, como amigos, como seres próximos (Bispo dos Santos, 2021, n.p).

A Comunidade Quilombola de São Julião se aproxima do que Nego Bispo (2023) chama de povos “afroconfluentes”. Quando se encontram, se fortalecem, confluenciam. Eles valorizam seus saberes ancestrais, compartilham saberes e modos de vida, da geração neta com a geração pai e mãe, com a geração avó, com o meio. Como também confluenciam com aqueles

que chegam, como eu, que tanto aprendi sobre outras formas possíveis de habitar o mundo. Nesse movimento de confluência, eles não perdem, não se dividem, não se isolam, eles aumentam, experimentam um pouco do que chega e oportunizam, na mesma medida, essa experimentação.

Bispo dos Santos (2023) afirma que, em sua concepção, os povos da cidade se orientam por outra lógica, precisam acumular. Em São Julião, percebi que eles não acumulam, eles compartilham, mesmo que, por vezes, o que eles têm seja pouco. Sempre que eu ia para permanecer durante um tempo em campo, fazia uma compra de supermercado, não muito grande, para ajudar nos gastos. Eu fazia quase todas as refeições na casa de Kátia, logo levava os alimentos para a casa dela. Mas, inúmeras vezes, vi que ela enviava os alimentos para outras casas, mesmo que ela não tivesse estoque de alimentos para sua própria família. E, todos os dias, em todas as refeições que ali fiz, percebi a presença de várias pessoas que passavam e se alimentavam, sem previamente combinar, apenas chegam e compartilham daquele momento.

A casa de Kátia possui uma boa infraestrutura, com água encanada, luz e internet, mas isso não faz com que ela e sua família não se preocupem e procurem solucionar os problemas daqueles que não têm o mesmo acesso. Em tempos de seca, algumas casas têm problema de falta de água e sua luta e de outros da comunidade é constante para que não falte água e outros subsídios para ninguém. Lembro-me de conversar ao telefone com ela, que falava sobre as estratégias de diálogo com o governo municipal, a fim de conseguir recursos para a abertura de poços artesianos nas casas daqueles que enfrentam problemas de escassez de água quando cessam as chuvas.

Bispo dos Santos (2023, p. 36) diz que o compartilhamento se difere da troca, pois troca é “um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham”. Nesse sentido, ele aponta que o compartilhamento pode acontecer entre as pessoas, com uma árvore que oferta seu fruto e sua sombra, com uma pedra usada para se sentar. Entretanto, o mais interessante é pensar na lógica de que, quando eu compartilho algo com outrem, pode não ser esse mesmo sujeito que irá compartilhar outra coisa comigo, se assim fosse, seria apenas troca.

Em São Julião, percebi o compartilhamento acontecendo depois de um certo tempo vivenciando o cotidiano da comunidade. Eles compartilham a vida entre eles em uma relação orgânica com a natureza. Como exemplo, temos o caso da jumentinha que vive solta pela comunidade. Kátia comprou-a de uma outra pessoa, já adulta, com o objetivo de que ela puxasse cargas, mas a jumentinha não quis fazer esse serviço, não aceitou o trabalho. Então, Kátia

respeitou e me contou, entre risadas, que entende que ela já trabalhou muito na vida, então ela vive por ali, se tornou parte, todos a conhecem, ela passeia, come e recebe gestos de carinho. A jumentinha não compartilha doando seu trabalho, mas compartilha a sua presença, que traz alegria, a natureza compartilha com ela o alimento e as pessoas compartilham com ela o afeto.

Ainda pensando na relação com os animais, uma das pessoas da comunidade tem um cachorro que se chama Folião, seu nome foi dado pelo seu envolvimento nas folias. Folião acompanha todas as folias e segue as regras estipuladas, como, por exemplo, nunca passar à frente da bandeira. Ele acompanha, espera, chega nas casas e fica na porta, ganha alimentos no decorrer da peregrinação e compartilha a alegria, pois as pessoas adoram perceber como ele é, de fato, um folião que conhece e segue as regras estipuladas. Há ainda os pássaros, em algumas casas, as pessoas criam pássaros, mas eles são criados soltos, ficam por ali, vez ou outra, entram nas casas, pousam nos móveis, os papagaios conversam com seus donos, ficam nas janelas, e um deles também segue a folia, assim como o cão Folião.

Outro bom exemplo de compartilhamento são as folias, as pessoas se reúnem, fazem movimentos significativos para o pagamento de promessas que não são delas. Isso ocorre na Folia de Santos Reis, que já era cantada há muitos anos por Pai João Preto e que, depois, Pereira resolveu dar continuidade, por uma promessa feita em prol da sua filha, e a comunidade se envolve e realiza a folia. Assim aconteceu com a Folia de São Sebastião, na comunidade, havia apenas duas devotas do santo e o filho de um senhor que era folião de São Sebastião. Quanto ele resolve, juntamente com a juventude, cantar essa folia, isso se torna um movimento de toda a comunidade. A Folia de Santa Luzia, por sua vez, foi cantada, no ano de 2021, em cumprimento a uma promessa desse mesmo senhor, já falecido. A comunidade se reuniu para cumprir uma promessa de um membro que desencarnou.

No compartilhamento, não se espera uma troca direta dos sujeitos. Eu faço para você, você faz pelo outro e o outro faz pelo outro, num movimento que se configura como um grande ciclo de colaboração uns com os outros e com o ambiente onde vivem. “Os povos da cidade precisam acumular. Acumular dinheiro, acumular coisas. Estão desconectados da natureza, não se sentem como natureza” (Bispo dos Santos, 2023, p. 21). Em São Julião, eles não acumulam, eles compartilham, compartilham com os animais, compartilham com o reino vegetal, compartilham as hortas, os frutos das árvores, as festas, a fé, o afeto, o desejo de que o outro viva bem, dentre tantas outras coisas.

Outra palavra importante para compreender a dinâmica de vida naquela comunidade é “transfluência” que, no lugar de “transporte”, foi introduzida por Bispo dos Santos (2023). Ele diz que o transporte ocorre em linha reta, você vai e volta de forma linear para um mesmo

ponto. Já a transfluência, segundo ele, sugere um movimento de circularidade, assim como na natureza. Como exemplo, ele fala sobre o ciclo da água (água que é rio, que evapora, que se torna nuvem, que se torna chuva e que volta a ser rio), onde tudo é começo, meio e começo.

> O povo de cosmologia politeísta [...] é um povo que pensa de forma circular. Pensa de forma circular e age de forma circular. Por isso que os quilombolas e os povos indígenas, tudo que eles fazem é na circularidade. A capoeira é rodando, o samba é rodando, o reggae é rodando, os nossos cabelos quando crescem são redondos. E aí nós temos começo, meio e começo. Nós não temos começo, meio e fim. Porque a roda não tem fim e nem começo. Ela é fim e começo o tempo todo, em qualquer lugar que você entrar na roda. E qualquer lugar que você entrar na roda é meio. Mas não tem fim. A roda só tem começo, meio e começo. E é assim que nós nos comportamos (Bispo dos Santos, 2022, n.p).

Sendo assim, nas relações que se estabelecem, todos importam, crianças, jovens, adultos e idosos. O movimento é de envolvimento entre gerações. Então, se estão na folia, na reunião da associação, em tomadas de decisão, todos estão presentes. As crianças circulam a todo momento, elas brincam em meio a discussão de assuntos complexos. Nesse processo, eles aprendem, na prática, a serem e estarem naquele lugar, aprendem a cantar e dançar o batuque, aprendem a lutar por direitos, aprendem a ser quilombolas. A geração avó confluencia com a geração neta, num movimento de circularidade da vida, o que se aproxima da "transfluência" sugerida por Bispo dos Santos (2021):

> Como compreendemos a transfluência? Nós compreendemos a transfluência pelas forças das águas em superar obstáculos. Ninguém consegue parar as águas. Mas a coisa mais bela que nos mostra a transfluência é como as águas de um rio aqui neste lugar que chamaram Brasil, se misturam com as águas de um rio na África, se tem um oceano de águas salgadas no meio. Ou seja, através da evaporação as águas transfluem nos oceanos, ou através do subsolo, por baixo dos próprios oceanos (Bispo dos Santos, 2021, p. 13).

Bispo dos Santos (2021) divide os povos em erocristãos monoteístas – colonizadores - e povos de cosmologia politeísta. Nesse sentido, ele diz que os primeiros se baseiam na bíblia e reforça a simbologia que existe no fato de que, ainda em gênesis (primeiro livro da bíblia), o único Deus existente amaldiçoa a terra - diz isso fazendo referência à passagem em que Adão e Eva são expulsos do paraíso por terem cometido o pecado original. Nesse desenrolar, a terra em que viviam foi amaldiçoada, não podendo mais lhes dar de comer e de beber, de modo que a fonte do sustento precisaria derivar do suor, do trabalho. Logo, Bispo dos Santos (2021) diz que a memória que se tem é de uma terra amaldiçoada e que esse é o motivo pelo qual eles precisam invadir, roubar, explorar a terra do outro, por isso não conseguem viver sem colonizar.

Diz ainda que, buscando em documentos da Igreja Católica, encontrou a bula Papal de 1455, escrita pelo Papa Nicolau V, onde dizia que "o rei de Portugal poderia invadir, subjugar, escravizar, submeter a escravidão perpetua, todo principado e condado onde o povo fosse pagão" (Bispo dos Santos, 2022, n.p). Então, exclama: "Pronto! Eu encontrei aqui quem foi que determinou qual povo seria escravizado. Foi o cristianismo" (Bispo dos Santos, 2022, n.p). Assim, ele complementa, dizendo que o povo erocristão monoteísta, de um só Deus, determinou que os povos de religiões politeístas ou cosmologias politeístas seriam colonizados. Sobre os povos de cosmologia politeísta, ele diz:

> No mundo politeísta não existe pecado original, ninguém foi expulso do Jardim do Éden, ninguém tem memória de terror. Os deuses e deusas são muitos e não temos medo de falar com eles. No mundo politeísta, ninguém disputa um deus, porque há muitos deuses e muitas deusas – tem para todo mundo. Como no mundo monoteísta só há um deus, é uma disputa permanente. O povo de Israel contra o povo da Palestina, por exemplo. Estão se matando na disputa por um deus. Nosso caso não é preciso: Exu, Tranca Rua, Pomba Gira, Maria Padilha... Se não estamos com um, estamos com outro (Bispo dos Santos, 2023, p. 19).

Como descrito no capítulo anterior, é possível perceber que, em São Julião, a maioria das pessoas se autointitula católico. Embora estejam fortemente ligados ao cristianismo, fazem movimentos diversos para que todos estejam cuidados espiritualmente. Assim, as mesmas pessoas que fazem parte do movimento da igreja católica estão envolvidas na construção da Casa de Umbanda e participam dos trabalhos realizados nesse sentido. Como descrito, eles perceberam a necessidade de fazer outros movimentos para atender as necessidades de todos aqueles que ali habitam. Prezam pelo respeito, pelo cuidado, entendendo que todos os caminhos religiosos levam ao mesmo lugar de desenvolvimento espiritual.

A partir da experiência empírica, percebo que a comunidade de São Julião extrapola o que é trazido por Nego Bispo, pois é uma mesma comunidade – e é importante frisar que é uma comunidade pequena, com cerca de 350 pessoas – que percebe a necessidade de serem diversos quando se trata da espiritualidade. O que importa para eles é o cuidado espiritual e a caridade. Eles são cristãos, ligados à igreja católica, alguns evangélicos, ao mesmo passo em que estão ligados à umbanda, que é uma religião de matriz africana. Eles dizem que nomearam suas práticas religiosas porque foi preciso nomear, mas, dependendo dos sujeitos que iriam encabeçar os trabalhos na Casa de Umbanda, isso poderia mudar. A partir do meu olhar, compreendo aquela experiência como plural, diversa e de cuidado espiritual.

Esse entrelaçamento ocorre até nos rituais direcionados a cada religião, a exemplo disso, posso descrever algo ocorrido na Folia de São Sebastião. Em meio a peregrinação, no primeiro

dia da Folia, após entrar em uma das casas, uma das pessoas que canta a folia se sentiu mal. Toda a folia foi parada, para que ela fosse cuidada. Foi rezado o Pai Nosso e a Ave Maria e, então, foi feito um ritual de passe realizado em religiões espíritas. Nesse momento, um dos foliões pediu novamente que ninguém passasse à frente da bandeira, pois para eles a bandeira tem o poder de carregar as forças ruins que encontra pelo caminho. Nesse sentido, ao entrar em cada casa e passar a bandeira, estão limpando todo o mal que possa estar ali. Ao passar à frente da bandeira, porém, a pessoa está sujeita a pegar essa carga negativa ou abrir passagem para que outros foliões recebam essa carga.

Passado algum tempo, pedi que Kátia me falasse um pouco do que havia acontecido ali. Então, ela me disse que existem sempre espíritos de luz que acompanham a folia, como também espíritos que estão em busca de luz e que, naquele caso, era um espírito em busca de luz que estava causando mal à jovem foliã. Por isso, foi preciso parar, rezar, pedir o amparo de Jesus Cristo, Nossa Senhora e Oxóssi. Nesse momento, ela parou e me disse: "São Sebastião é Oxóssi, você sabe né?". Assim, percebo que essa mistura transpõe as barreiras religiosas.

Por fim, temos o termo "contracolonialismo", que talvez seja a palavra mais importante introduzida por Bispo dos Santos (2023). Ele diz que trouxe o "contracolonialismo" para enfraquecer o colonialismo e explica, de forma simples: "[...] é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonialize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo" (Bispo dos Santos, 2023, p. 58). Trata-se de um movimento contínuo e ininterrupto em São Julião, a comunidade trava uma luta árdua nesse sentido, seus membros fazem um trabalho contínuo para não serem colonizados nos dias atuais, para que seus modos de vida sejam respeitados, para não serem explorados e para que tenham direitos garantidos, mesmo que a luta, por vezes, seja frustrada.

4.2 Um diálogo com o Norte epistêmico: a temporalidade, a compreensão do mundo atual e as diversidades possíveis

Após descrever o que denomino aqui como práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, a partir da participação no cotidiano da comunidade de São Julião, bem como ao trazer elementos que possibilitam uma compreensão das formas de vida ali existentes, busco tecer reflexões acerca do campo de Estudos do Lazer, a fim de contribuir, ainda que inicialmente, para pensarmos formas outras de pesquisa e compreensão, no tange a territórios, tempos e relações que se estabelecem.

Para tornar possível tais reflexões, corroboro os estudos de Maria Manuel Baptista, autora de origem portuguesa que faz importantes reflexões no campo dos Estudos Culturais. Sobre essa área, ela aponta:

> A área dos estudos culturais é intrinsicamente paradoxal, objeto de discussão e incerteza, caracterizando-se por uma forte presença acadêmica nos discursos intelectuais, revela discórdias internas profundas em relação a quase tudo: sobre para que serve, a quem serve os seus resultados, que teorias produz e utiliza, que métodos e objectos de estudos lhe são adequados, quais os seus limites, e etc. (Baptista, 2009, p.452).

Apesar dos conflitos, discordâncias e amplitude inerentes ao campo, Baptista (2009, p. 452) aponta que essa área de conhecimento vem funcionando como agente de um processo de reconfiguração da estrutura disciplinar tanto nas Ciências Humanas, como nas Ciências Sociais. Em suma, Maria Manuel diz que os Estudos Culturais "[...] estão geneticamente ligados a um modo de produção de análise cultural que faz convergir princípios e preocupações acadêmicas com uma exigência de intervenção cívica, ou seja, articula inquietações simultaneamente teóricas e preocupações concretas com a *polis*" (Baptista, 2009, p. 453).

Essas reflexões nos ajudam a dizer de um campo igualmente interdisciplinar, os Estudos do Lazer, que se ligam aos Estudos Culturais que, neste estudo, me ajudam a descrever o cotidiano da Comunidade Quilombola de São Julião, com implicações práticas, ao passo que me comprometo - ao exercer esse espaço de fala e de escuta dessa comunidade quilombola no espaço acadêmico - a tecer reflexões acadêmicas que contribuam, ainda que de forma incipiente, com esse campo de estudo.

Baptista (2016), no seu texto *Estudos de Ócio e Leisure Studies: o atual debate filosófico, político e cultural*, procura analisar e contrapor-se a diferentes modos de desenvolvimento dos Estudos do Ócio (de origem ibero-americana[18]) e dos *Leisure Studies* (anglo-saxônica)[19]. Ela propõe o debate das principais diferenças e similaridades entre essas duas vertentes, levando em consideração as questões conceituais, epistemológicas e metodológicas de ambos os paradigmas científicos. Para além de tais análises, a autora traz o que ela denomina como "uma dimensão filosófica e política para o ócio na pós-modernidade", assunto que nos traz reflexões importantes para pensarmos as práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos de Lazer em São Julião.

[18] Ibero-América: região do continente americano que compreende os países ou territórios que tem como língua predominante o português ou o espanhol.
[19] Anglo-Saxônicos: que têm como principal língua o inglês, que possuem laços com o Reino Unido.

Ao propor tal tema, Baptista (2016) aponta que pretende destacar uma outra dimensão, que não foi contemplada pelos Estudos do Ócio nem pelos Estudos do Lazer. Nesse sentido, a autora complementa:

> Na linha que defende Zabala Inchaurraga no seu excelente texto <Por un ócio pós-moderno [no] violento. Interpretando desde la crisis y la hermenêutica de Gianni Vattimo> (2012), uma reconceptualização pós-moderna do conceito de ócio/lazer deverá passar necessariamente pela distinção dos diversos tipos de ócio em função dos estilos de vida, das sociedades e respetivos projetos políticos que estimulam e nos quais se enquadram (Baptista, 2016, p. 27).

Baseando-se em Inchaurraga (2012), Baptista (2016) se propõe a discutir os conceitos de "ócio forte" e "ócio débil". O ócio forte estaria ligado à racionalidade e à novidade e o ócio débil, em contraposição ao primeiro, estaria vinculado à emancipação e à não violência, levando em consideração outros elementos, como participantes, objetivos e critérios de interpretação para sua classificação.

> O forte fortalece princípios como a racionalidade (trabalho) ou como novidade (consumo). O débil, por outro lado, a emancipação e a não violência. [...] Trata-se, sem dúvida, de uma classificação filosófica-sociológica, pelo tipo de vida, sociedade, etc., que fortalecem ou tendem a debilitar. A classificação também tem em conta os participantes e os objetivos que se querem atingir: minorias, débeis, e o respeito, visibilidade, participação real e o reconhecimento dos mesmos. Essa classificação, para além disso, também se realiza com base num critério de interpretação ética: defesa de um conceito de ócio contextualizado, que respeite e comunique com o contexto e a cultura em que se insere (Inchaurraga, 2012, p. 268).

Numa dimensão política, o ócio débil estaria ligado a princípios que contribuem com um debilitamento dos princípios metafísicos e um estilo de vida dominante, com doses de subversão; enquanto o ócio forte liga-se a princípios racionalizadores e consumistas. Assim, ela aponta que a proposta é que, para além de uma análise e uma conceituação do ócio/lazer, a partir das dimensões já estabelecidas e comuns a esse campo de estudos, pudesse acrescentar uma dimensão ética e política (Baptista, 2016).

Pensando sobre a divisão do tempo do trabalho e do lazer, Baptista (2016) retoma uma discussão que aponta que a divisão demarcada desses tempos só se torna clara e abrupta com a passagem de sociedades rurais para sociedades com uma organização industrial do tempo, quando, na Europa do século XVIII, o tempo passa a ser quantificado, fragmentado e tornado um bem econômico, passível de comercialização. "A verdade é que o tempo livre só passa a ter interesse para o sistema econômico contemporâneo, quando pode ser uma atividade também econômica" (Baptista, 2016, p. 269).

Assim, considerando as questões trazidas por Baptista, faço uma análise, levando em consideração as questões éticas e políticas para pensar as práticas sociais de lazer da Comunidade Quilombola de São Julião. Embora o presente estudo seja considerado atual, São Julião é uma comunidade que ainda vivencia o tempo de acordo com um formato não fragmentado, nem mesmo comercializado. A organização da comunidade, nesse sentido, é de uma comunidade rural, onde o tempo e o ritmo da vida passam pela relação com a natureza, de modo que quando o sol nasce e quando se põe são demarcadores de tempos, o que pode ser observado em ocasiões como a abertura e o fechamento das bandeiras nas folias. A Folia de Santos Reis se inicia quando o sol se põe e a Folia de São Sebastião se encerra tendo em vista esse mesmo marco.

Se vivenciamos uma sociedade moderna ou pós-moderna, onde o tempo é demarcado pelo relógio e o tempo do trabalho impera em relação ao tempo destinado ao lazer, as análises sobre essas questões precisam ser olhadas de um outro ponto de vista em São Julião. Desde a minha primeira imersão, percebi como a relação com o tempo se dá de uma outra maneira. Nesse sentido, relato uma experiência que pode possibilitar, de alguma maneira, esse entendimento.

No Festival de Cultura Quilombola de São Julião, em 2021, o ensaio do batuque estava marcado para às 15 horas, para o evento oficial, que aconteceria às 16 horas. Eu, seguindo meu relógio, estava no local no horário marcado, as horas foram passando e as pessoas não chegavam, fiquei preocupada e aguardando o que aconteceria. Depois de algum tempo, questionei o que estava acontecendo, se o ensaio, de fato, seria realizado. As pessoas que ali estavam me responderam que sim, que estavam esperando os outros chegarem. Então, começaram a falar sobre ritmo da vida: “Valmir, ainda não chegou da roça”. E, assim, foram falando de outras pessoas também. Então, eu questionei: “Mas o ensaio estava marcado para as 15 horas?”. E eles responderam que sim. Com o passar do tempo, em outros momentos de imersão em campo, percebi que o tempo do relógio funciona apenas como uma referência, é a vida que se dá e que se leva que rege o tempo.

Um dia, conversando com Kátia sobre essa organização do tempo, ela disse: “Sabe esse relógio que você usa? Quando chegar aqui, pode guardá-lo. Aqui ele não serve para nada, se você estiver envolvida com o que está acontecendo, você sempre saberá a que horas as coisas de fato vão acontecer”. E isso é uma verdade. Usando o dia e horário como referência, as pessoas chegam nos tempos possíveis, caso seja preciso começar algo, aqueles que estão faltando serão chamados, pode ser com um grito que ecoa na natureza ou uma mensagem por aplicativo de celular (se a pessoa tiver acesso à internet). Assim, a pessoa que está em casa ou

dedicada a outros afazeres poderá ter o sinal de que a atividade agendada já começou e ela se organiza em seu tempo. É importante deixar demarcado que esse é um combinado não verbal.

Com o tempo, fui me acostumando. Se estava hospedada na casa de Richa e o almoço estava servido na casa de Kátia, passou a ser comum escutar um gripo, "uuulll, pode vim", mesmo que o horário marcado no relógio ainda não tivesse chegado. Esse tempo funciona para outras questões, como as reuniões da associação, as festas, os encontros com a juventude. O tempo lá é outro!

São Julião é uma comunidade que tem como fonte de subsistência principal a agricultura, logo o tempo de plantar e o tempo de colher vão interferir diretamente no tempo destinado ao trabalho ao longo do ano. Assim, em determinadas épocas, o tempo pode ser maior ou menor, não sendo demarcado pontualmente. Nesse sentido, é importante destacar que a vivência das práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer estão entrelaçadas com a vida, não tendo um tempo também pontualmente demarcado para elas.

Conheci pouquíssimas pessoas em São Julião que estão fora do trabalho agrícola e que trabalhavam em cargos que requeiram deles uma relação precisa com o relógio, como o cargo de agente de saúde, por exemplo. Mesmo trabalhando dentro da comunidade, é preciso seguir o tempo do trabalho de forma demarcada, sendo oito horas por dia, com um tempo estipulado para o almoço. Vi uma pessoa que, atuando como agente de saúde da comunidade, adoeceu durante o tempo em que estive por lá, pois eles não estão habituados ao ritmo acelerado do trabalho, tudo lá pede um pouco mais de calma. Percebi, também, que esse tempo delimitado e a cobrança externa faziam com que essa pessoa em específico se sentisse exausta a ponto de comprometer a participação e o envolvimento em atividades que compreendiam outras esferas da vida.

Baptista aponta:

> Têm, assim, razão os filósofos que pensaram a questão do trabalho humano, da atividade produtiva e de subsistência, por relação com o tempo de não-trabalho, mais tarde designado por lazer, ou na tradição greco-latina por ócio. Com efeito não é irrelevante se cada um de nós ocupa o seu tempo tendencialmente mais em atividades de trabalho produtivo ou de lazer. Nessa relação, não apenas quantitativa – referimo-nos ao número de horas que passamos em cada uma dessas atividades – mas também qualitativa (e não estamos aqui a bordar a possibilidade de um tempo que não distingue propriamente o trabalho do lazer, como acontece em muitas atividades criativas) se decide a nossa identidade, a nossa qualidade de vida, os nossos interesses, a nossa posição econômica e sobretudo o nosso posicionamento político e filosófico (Baptista, 2016, p. 269).

Tendo em vista uma dimensão qualitativa, a partir das minhas análises, percebo que as festas, os encontros, o brincar o batuque e as folias estão entrelaçados com o que faz sentido para eles, é ali que eles se divertem, onde constroem e reafirmam seus laços, exercitam a fé, pedem, agradecem e se comprometem com as espiritualidades, se posicionam politicamente e travam suas lutas, numa relação comunal. Esses tempos e espaços refletem os sujeitos e suas vidas, é também ali que exercitam a relação com seus ancestrais, se constituem e se fortalecem como uma comunidade quilombola que confluencia, em um movimento de circularidade. Essas vivências, que eu descrevo como práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, refletem aquela comunidade com toda a sua complexidade e amplitude.

Ao entrelaçar as questões teóricas do campo de Estudos do Lazer com a experiência empírica vivenciada em São Julião, é possível perceber que tais práticas sociais não ocorrem de forma dissociada, elas estão conectadas com a vida em todas as suas dimensões. Consigo vê-las próximas daquilo que Baptista (2016), ancorada em Inchaurraga (2012), denomina de ócio débil, que faz relação com o não violento e a emancipação, que diverge e tende a debilitar o sistema da sociedade atual.

Levando em conta os participantes e objetivos, essa comunidade poderia ser classificada como uma minoria, débil (no sentido proposto pelo texto), que se envolve com uma participação real. Numa dimensão política, eles se aproximam dos que contribuem com um debilitamento dos princípios metafísicos e de um estilo de vida dominante, com doses de subversão, como proposto pela autora. Para tais análises, é importante dizer que usei um critério de interpretação ética, em defesa de um lazer contextualizado, em comunicação permanente com o contexto e as formas ser da comunidade de São Julião.

Baptista (2013), no seu texto *Ócio, temporalidade e exigência de uma leitura à luz da fenomenologia e hermenêutica heideggereanas*", propõe uma análise interessante sobre a temporalidade, onde ela apresenta reflexões e articula o que determina, de forma central, as sociedades atuais e a conceção do tempo do ócio – que, para nós, seria o tempo do lazer -, questionando suas potencialidades e constrangimentos. Nesse exercício, ela fundamenta o que descreve como "necessidade incontornável de uma relação ociosa com a verdade, como algo se oculta e desvela, tanto na linguagem como nos modos (im)próprios de relação do *dasein*[20] à temporalidade" (Baptista, 2013, p. 173).

[20] Dasein, trazido pela autora, está relacionado ao "ser existente" ou "poder ser" de Heidegger.

Tomando a sociedade contemporânea capitalista como palco de discussão, Baptista (2013) aponta as relações estabelecidas com o tempo, realçando que são impostas duas formas de se relacionar com ele. Na primeira, os indivíduos vendem sua força de trabalho e, junto com ela, o seu tempo, que é medido e quantificado, vendido, usado ou alugado, de forma extrema, levando à exaustão e à histeria, perdendo sua dimensão subjetiva e de experiência íntima, tornando-se mercadoria. Na segunda, o desemprego faz do tempo algo sem valor, por não estar diretamente ligado ao trabalho ou ao emprego, que é o que o qualifica.

Porém, Baptista (2013) traz reflexões importantes - de interesse desse trabalho - acerca do ócio, do tempo e da temporalidade, quando trava um debate em torno do *ser-aí*, de Heidegger. A autora parte da premissa de que "o ser humano nada mais é do que tempo, ou antes, temporalidade, e só nesse horizonte se pode auto e hetero compreender" (Baptista, 2013, p. 174). Assim, ela considera "o tempo ocioso como possibilidade do ser humano, [...], permanecer na escuta do ser e da verdade, logo, o mais próximo de si próprio, que é possível" (Baptista, 2013, p. 174).

Baptista (2013), ainda aponta a dificuldade de organização da temporalidade dos sujeitos, visando a uma maior profundidade e autenticidade, nas atuais sociedades ocidentalizadas. Ela se propõe o exercício refletir sobre em que "condições poderíamos deixar emergir uma temporalidade humana ociosa e de que modo ela poderia promover a existência para um outro nível de conhecimento, desenvolvimento e de aproximação do ser humano de si próprio, na escuta do que lhe é mais íntimo e próprio" (Baptista, 2013, p. 175), baseando-se no âmbito de uma analítica existenciária do *dasein* heideggereano.

Levando em consideração essa tal sociedade contemporânea capitalista, Baptista (2013) aponta que, cada vez mais, as pessoas são tomadas pelo imediatismo, bem como pelo consumo acrítico e passivo, num contexto em que impera a lógica de mercado e da criação constante do novo, onde o sistema não inclui a criação cultural individual ou ainda impossibilita um aprofundamento de alguma esfera criativa ou re-criativa individual. Nesse sentido, estamos diante de formatos e meios que tendem a uma alienação e, assim, confirmam as previsões de Marx sobre a impossibilidade de um tempo não alienado em uma sociedade alienada ou ainda de Nietzsche e Heidegger, quando anunciaram o advento de um tempo inautêntico e não-humano, responsável pelo que chamam de desespero existencial humano em face à voragem e à velocidade, no qual estão mais perto do nada (Baptista, 2013).

Nesse contexto, Baptista (2013) diz que a necessidade atual é de reinvestimento de um tempo ocioso na vida dos indivíduos, de forma que eles modifiquem radicalmente a relação com o tempo, com a existência, bem como com o seu próprio mundo. Assim, a autora investe

na dimensão ontológica-existencial, na linha da filosofia de Heidegger, para dizer que “a temática de um tempo de ócio pode ter um efeito profundamente revolucionário na vida dos sujeitos” (Baptista, 2013, p. 176)

Baptista (2013), fazendo uma retrospectiva da relação que homens e mulheres estabeleceram com o tempo, assinala que é a partir do século XIX e de forma mais consciente no século XX, que se inicia uma relação exasperada com o tempo, pois os sujeitos, ao destituírem do caráter sagrado e salvífico um tempo eterno, se deparam com a sua própria temporalidade finita. Baseada em Heidegger, ela diz: “[...] o ser humano não apenas está mergulhado numa temporalidade finita, mas ele nada mais é do que temporalidade, única determinação essencial a partir da qual se funda possibilidade de compreender ou aceder à verdade do mundo e da terra” (Baptista, 2013, p. 177).

Tendo a temporalidade finita como marco, a autora tece considerações sobre a importância do tempo do ócio/lazer como possibilidade, ou imprescindibilidade, para uma reestruturação do que está posto.

> Quer dizer, compreender o mundo terá de necessariamente passar ela assunção de um tempo, de uma história (individual e coletiva), que nos constitui, espuma dos dias que nos consome e na qual consumimos a nossa vida. Mais do que um mergulho subjetivo num tempo ocioso e autenticamente humano e criativo é a assunção da vida, como apenas feita de temporalidades, que, para nos manter perto da possibilidade de aceder à nossa própria verdade humana, terá de ser necessariamente da ordem do ócio, quer dizer, um tempo de criação e recriação de um mundo de sentido em confronto com a terra que nos alberga (Baptista, 2013, p. 177).

A autora ainda destaca a noção de “cuidado” como forma essencial de conhecimento do *dasein*, seguindo a linha de inspiração da analítica existencial de Heidegger, para surpreender a presença de uma temporalidade ociosa. Partindo dessa base, ela diz que Heidegger sugere que o “ser no mundo” é um “ser com”, por isso “é o cuidado do mundo, da terra, dos outros e da obra de arte que conferem sentido à existência de um ser que se encontra desde o início lançado/projetado no mundo” (Baptista, 2013, p. 177).

Nesse ponto, a autora, traz de Heidegger a sugestão da recusa à pressão social (do “se”, do “eles”) para recuperar o sentido de comunidade histórica. Se as sociedades ocidentalizadas e capitalistas fazem uso do tempo de forma fragmentada, comercializável, num contexto imerso na lógica do mercado, tomadas pelo imediatismo, raso e acrítico, a comunidade de São Julião, mesmo sofrendo com a pressão do mundo exterior, estabelece uma outra relação com o tempo, e não falo apenas do tempo destinado às práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao lazer, mas com tempo da vida, em sua totalidade. Assim, essa comunidade aproxima-se,

talvez, do que Heidegger se refere como “comunidade histórica”, onde o cuidado com o outro e com o mundo é primícia. A autora finaliza seu texto dizendo que:

> Longe de o considerarmos um direito tout court, para nós o modo ocioso de viver é um desafio à nossa existência, que requer preparação, esforço e dedicação. Trata-se antes de mais de um repto a que modifiquemos a nossa relação com o tempo que nos é dado viver, com a nossa temporalidade. E assim o direito ao ócio deve tornar-se, em nosso entender, no nosso dever de promover um tempo ocioso e ainda no correlato direito que todos deveremos ter a condições educativas e culturais que nos aproxime mais da humanidade do ser humano, o que só é possível sob a condição de um tempo vivido em pleno ócio.
>
> Resta-nos a interrogação sobre as condições de possibilidade nas nossas sociedades atuais de um ‘projeto poemático do ócio’ (Baptista, 2013, p. 180).

Assim, retomo o que disse anteriormente, se as sociedades ocidentalizadas capitalistas necessitam modificar a sua relação com a temporalidade, a pesquisa empírica na Comunidade Quilombola de São Julião nos mostra que, a seus modos, mantendo suas tradições, na resistência e na luta, na relação com a ancestralidade, com os seres divinos, com eles mesmos e com o meio onde vivem, esses sujeitos têm promovido, nos seus modos de ser, um tempo ocioso ou de lazer, que os aproxima da humanidade do ser humano - ou melhor - que os aproxima de suas cosmologias, sendo eles orgânicos e diversais, como sugere Bispo dos Santos (2023).

Se os seres humanos, ou os diversais, nada mais são do que temporalidade, a Comunidade Quilombola de São Julião tem estado numa relação íntima com aquilo que são, mas isso não quer dizer que ocorra de forma fácil ou gratuita, pois é preciso resistir diariamente diante daquilo que lhes é imposto.

E se, para Baptista (2013), ainda resta uma interrogação sobre as condições de possibilidade, nas nossas sociedades atuais, de um “projeto poemático do ócio”, temos exemplos concretos nas comunidades quilombolas situadas no Sul global, pois outras pesquisas, como a pesquisa de Sônia Cristina Assis (2016) sobre as aprendizagem situada das práticas musicais na comunidade quilombola de Justinópolis-MG, demostram que não apenas São Julião é capaz de subverter a ordem instituída pelo mundo capitalista ocidental.

4.3 Compreendendo os sentidos que o lazer estabelece a partir do cotidiano da Comunidade Quilombola de São Julião

Entre os diferentes pontos que podem ser trazidos para pensar as práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer e os pontos de

convergência e divergência entre os que compõem nosso arcabouço teórico, opto por começar pela dimensão corpórea, pois acredito que todo conhecimento passa pelo corpo que, em nenhuma medida, estará dissociado de qualquer questão que seja, pois é por ele que passam os prazeres, as dores, o desejo da luta, a resistência e as aprendizagens. É ele - o corpo - que vive, dança, canta, pensa, sofre e se regozija.

Debortoli (1999) tece importantes reflexões acerca da compreensão ampliada da linguagem humana. Em diálogo com Sônia Kramer, ele afirma que "a linguagem é mais que seu entendimento de comunicação, linguagem é expressão, é capacidade de tornar-se narrador, e é muito mais que fala, uma compreensão ampliada da própria palavra" (Debortoli, 1999, p. 115). Nesse sentido, ele aponta que restringir a linguagem a uma única perspectiva de racionalidade e de pensamento humano é uma forma de empobrecimento da relação dos sujeitos e da sua realidade (Debortoli, 1999).

Pensando o corpo como linguagem, Debortoli (1999) fala da necessidade da extrapolação da linguagem para além do uso da palavra. Para isso, ele propõe uma linguagem em plena forma emancipadora, ressaltando a necessidade da reinclusão do corpo na memória e na linguagem, o que, para ele, seria a reincorporação do humano como gesto lúdico. Partindo dessa compreensão, o autor afirma que:

> Se se pode caracterizar as interações entre os sujeitos como jogos de linguagem, podemos então ressaltar que a linguagem presentifica a experiência, dá ênfase às manifestações humanas, aos laços de coletividade, ao riso, às lágrimas, à imaginação, ao sentimento, ao dito e ao não-dito, às expressões de poder e às possibilidades de rompê-lo (Debortoli, 1999, p. 115).

Boaventura de Souza Santos (2019) diz que, nas lutas sociais, a alegria e a revolta andam, muitas vezes, juntas, de modo que a alegria é o que melhor expressa o valor da solidariedade e a vontade de vencer. Parafraseando Spinola, o autor diz que "[...] a alegria é a emoção que faz crescer o desejo de persistir, tanto individual como coletivamente" (Santos, 2019, p. 149). E, para falar dessa alegria que mobiliza para a luta, ele recorre à dimensão corpórea, pois, antes de passar por conceitos, teorias e análises, a luta e a alegria, que lhe é combustível, passa pelo corpo.

> O caráter corpóreo do conhecimento que mobiliza os indivíduos lutadores implica que o conhecimento nunca é mobilizado apenas com base em razões, conceitos, pensamentos, análises ou argumentos. Por mais importantes que possam ser para formular os termos de luta e os meios de levar a cabo, por si mesmos não se tornam ação, especialmente se essa ação implica risco existencial, a não ser que estejam impregnados de emoções, afetos e sentimentos (Santos, 2019, p. 149).

Bispo dos Santos (2023), por sua vez, diz não querer galgar conceitos, pois entende que eles pertencem à academia. Por outro lado, ele se propõe a traduzir as formas de ser do seu povo para ir contra os colonialistas e, em consequência disso, semeia palavras contracoloniais. Trazendo para a linguagem escrita o que é vivido no cotidiano da sua comunidade, Bispo fala de suas práticas, das relações, do que e como compartilham, das formas que se movem, das relações que estabelecem, das festas, da comida, dos desejos, das lutas, da resistência, assim como traduz a visão colonialista para os seus, para que eles entendam de onde vêm, o que pensam e como agem aqueles que os atacam. Tudo aquilo a que se dedica Bispo dos Santos passa pelo corpo e, como ele mesmo diz, é traduzido para a escrita apenas por necessidade.

Bispo dos Santos, em uma formação do Intervozes (2023), diz que os colonialistas, quando trouxeram os povos de África pra cá, a primeira coisa que quiseram fazer foi apagar a memória, bloquear a comunicação, bloquear o conhecimento, mas não conseguiram, pois eles (os colonialistas) falam uma única linguagem, que é a linguagem escriturada, e os povos africanos, os povos dos quilombos, falam várias linguagens, "a oralizada, a imaginada, a perfumada, a paladatizada (vou inventar aqui uma palavra), que vem pelo paladar, nós falamos várias linguagens, nós falamos a linguagem cosmológica" (Intervozes, 2023). Ele complementa, dizendo que, no atual momento, o povo da oralidade está escrevendo para ensinar o povo da escritura a falar.

Maria Manuel Baptista (2009), em contrapartida, no seu texto *Estudos Culturais: o quê e o como da investigação*, tende a não descartar os conhecimentos que passam pelo corpo, porém dá centralidade à teoria.

> A teoria ocupa um lugar central e determinante nos Estudos Culturais, pois proporciona os instrumentos lógicos para pensar o mundo de um modo mais profundo, crítico e rigoroso. Na verdade, os Estudos Culturais rejeitam a ideia empiricista de que o conhecimento é simplesmente uma questão de coligir factos, a partir dos quais as teorias seriam deduzidas para, em seguida, serem elas próprias testadas e validadas pelos fatos (Baptista, 2009, p. 457).

Mesmo colocando a atual pesquisa no bojo dos Estudos Culturais, é preciso dizer que prefiro me aproximar de referências como Boaventura de Souza Santos, José Alfredo Oliveira Debortoli e Nego Bispo no que tange ao corpo como centralidade. A meu ver, são necessários, cada vez mais, estudos que busquem estabelecer diálogos com as práticas. Isso não significa colocar a teoria em segundo plano, mas a considerar como apoio na elaboração das compreensões daquilo que foi visto, sentido, vivido, compartilhado, degustado, escutado, daqueles que sabem e vivem as práticas relacionadas ao campo de Estudos do Lazer.

Compreendo a empiria como teoria por si só, que pode dialogar (ou não) com outras teorias pré-existentes.

No que tange ao território, entendo que é fundamental delineá-lo, pois nenhuma teoria dará conta de definir ou mesmo dar suporte ao desconhecido. Ao delinear o território, é possível perceber de que lugar se fala, suas peculiaridades, costumes, formas de ser e de pensar, bem como as inquietações que lhe são próprias. Pensando nesse sentido e levando em consideração a diversidade existente no mundo atual, teremos realidades muito particulares, de modo que determinadas teorias irão dialogar de forma plena outras em partes e outras, em nenhuma medida e essa não é uma peculiaridade do campo dos Estudos do Lazer, nem mesmo da comunidade aqui estudada.

Nego Bispo fala da globalização e do entendimento errôneo da convivência ampla:

> Os humanistas querem nos convencer de que a globalização é uma convivência ampla, quando de fato não é. Em vez de compreender o globo de forma diversal, como vários ecossistemas, vários idiomas, várias espécies e vários reinos, como dizem, quando eles falam em "globalizar", estão dizendo em "unificar". Estão dizendo moeda única, língua única, mentes poucas. A globalização para os humanos não existe, o que existe pra eles é a história do eurocentrismo – da centralidade, da unicidade. O que chamam de globalização é universalidade. Não no sentido que nós entendemos por universalidade, mas no sentido da unicidade (Bispo dos Santos, 2023, p. 31).

Se somos diversos – com vários ecossistemas, vários idiomas, várias espécies, vários reinos, várias formas de nos colocar perante a vida - como poderia uma só teoria dar conta dos estudos do lazer ou do ócio? O que temos são pilares norteadores de um campo amplo e diverso, onde estudos como esse e tantos outros, a partir de cada lugar, de cada território, dirá daquilo que é vivo, que ocorre, que faz sentido para aquele que vive no cotidiano as práticas que nos dedicamos a estudar. Ao trazer a realidade vivida em São Julião, teremos relações específicas com o tempo, com o corpo individual e coletivo e ainda os sentidos que se estabelecem em determinadas práticas. Assim sendo, precisamos, a partir dos pilares estabelecidos, delinear novas possibilidades teóricas ao longo dos tempos, para que a teoria dê conta de falar de algo real e palpável sobre aqueles que, de fato, vivenciam tais práticas.

Por fim, retomo o tempo, ao estabelecer um diálogo com o Norte epistêmico para falar sobre ele. Foi preciso delinear de que tempo falo em São Julião, pois a organização do tempo vivido naquela comunidade pouco tem a ver com os tempos estabelecidos em sociedades capitalistas contemporâneas. O estudo empírico mostrou que a Comunidade Quilombola de São Julião se aproxima de um tempo que passa a ser necessário, que Baptista (2013) vislumbra como uma saída imprescindível frente à atual organização de uma sociedade contemporânea

capitalista. Ao descrever o ser humano – ou aqui diversais - como temporalidade, ela propõe que se viva uma temporalidade do ócio/lazer, que possibilite aos sujeitos condições de serem críticos, capazes de tecer reflexões acerca de si mesmos e do mundo, capazes de subverter a ordem imposta pelo sistema, aproximando-se de si mesmos em sua essência.

Assim, os sujeitos da comunidade que me propus estudar, mesmo sem terem conhecimento dos conceitos que aqui faço o exercício de aproximar das práticas vividas por eles, vivenciam suas experiências como práticas sociais relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, estabelecendo algo parecido com o que Baptista (2013) chama de ócio débil e que está ligado a princípios que contribuem com um debilitamento dos princípios metafísicos e de um estilo de vida dominante, com doses de subversão.

Retomo a colocação de Gomes (2014, p. 7), trazida ainda na introdução dessa tese, que compreende o lazer "como uma necessidade humana e dimensão da cultura que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, estando presente na vida cotidiana em todos os tempos, lugares e contextos". Tendo tal noção como ponto de partida, desenho os caminhos e do que denomino de práticas sociais vivenciadas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do lazer, considerando as peculiaridades da Comunidade Quilombola de São Julião. Tenho consciência, conforme explicam Simas e Rufino (2018), de que o pensamento moderno pactuou com o efeito de reduzir as cosmovisões negro-africanas e indígenas aos limites do pensamento ocidental, normatizando, de forma canônica, mentalidades blindadas pelo colonialismo e interditando outras perspectivas de mundo.

Tal construção canônica ocidental permeou os mais diversos campos de conhecimento e o campo dos Estudos do Lazer não se furtou de seus efeitos. Mas, assim como Simas e Rufino (2018), acredito que

> A pretensão de grandeza do cânone, na busca por ser o único modo de saber possível, provocou o desmantelamento cognitivo, o desarranjo das memórias, o trauma físico, simbólico e a perda da potência de milhares de mulheres e homens que tiveram como única opção o enquadramento na norma. Porém, em meio a essas travessias sempre existiram encruzilhadas para serem praticadas (Simas; Rufino, 2018).

Nas práticas das encruzilhadas, encontro oportunidade de me aproximar dos sentidos que o lazer estabelece a partir do cotidiano da Comunidade Quilombola de São Julião, onde o corpo é morada das lutas, onde o tempo é regido pela natureza que os abriga, onde as pessoas confluenciam. Ao brincarem o batuque e vivenciarem todas as outras práticas sociais relacionadas ao campo de Estudos do Lazer, os sujeitos garantem que a alegria e a luta andem de mãos dadas. Nesse sentido, compartilho com Debortoli (1999, p. 115) a ideia de que "ater a

nossa atenção à expressão de ludicidade humana é voltar o nosso olhar para compreensão de seres humanos que se expressam no mundo como sujeitos". Essas práticas as quais me dedico a estudar falam da essência de um povo que existe e (re)existe, dia após dia.

Ao descrever o lazer a partir da vida cotidiana, a ideia foi pensá-lo num contexto comunal da existência. A vida, em sua diversidade, tem um fluxo cotidiano que nos invoca a pensar a emergência de um lazer que é inteiro, que não é fraturado, que não é o contrário do trabalho, que é uma forma de expressão da práxis, uma forma de expressão da vida, uma forma ritual, estética, ética, comunal da vida. Assim, as práticas sociais vivenciadas no cotidiano dessa comunidade e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer estão refletidas ou apenas são os modos de ser desse grupo social.

Assim, sigo para as considerações finais deste trabalho, onde ainda pretendo apontar experiências vivenciadas na e com a comunidade e caminhos de pesquisas possíveis, que demonstram as pressões exteriores e interiores, a importância das lutas travadas em São Julião, elementos dos quais o lazer não está dissociado.

5 REPERCURSSÕES

Exu matou um pássaro ontem com
uma pedra que só jogou hoje (Dito popular iorubá).

Começo essas considerações finais retomando as epistemologias participativas, descritas por Arturo Escobar (2020) tendo em vista o pressuposto de que toda pesquisa deve promover transformação social, sendo chamada de participação militante. A seguir, descrevo um projeto de acesso e permanência dos jovens de São Julião na universidade, que muito diz sobre as pressões do mundo globalização (capitalista, colonialista e patriarcal), atingindo diretamente as tramas comunitárias, que são todas as realizações comunais dos povos e coletivos contra as colisões e tramas de corporações transnacionais que querem incorporar-se de tudo.

Durante o tempo de permanência na Comunidade Quilombola de São Julião para desenvolvimento desta pesquisa, estive imersa em todos os processos que me foram oportunizados, relacionados à vida cotidiana daquela comunidade. Logo no início da minha imersão em campo, ainda no segundo semestre de 2021, fui convidada a pensar sobre os limites impostos àquela juventude que os impossibilitava acessar a universidade. Até aquele ano, não havia registro de um movimento da juventude para entrada na universidade, apesar de serem jovens envolvidos com as questões escolares e de ser a educação uma pauta de luta perene da comunidade.

Atualmente, as crianças e jovens dessa comunidade têm uma vida escolar assegurada, mas encontram alguns limitadores ao longo do caminho. A comunidade abriga uma escola de ensino fundamental I (intitulada como uma escola quilombola, porém sem ações efetivas que assim a configure), que vai do primeiro ao quinto ano, com salas multisseriadas. O ensino fundamental II e médio são cursados no distrito de Maravilha. Apesar da presença da escola na comunidade, a educação ainda está pautada em um formato que, muitas vezes, não estabelece um diálogo com as especificidades de uma educação do campo, de uma educação quilombola, pois não se configura como instrumento de luta e resistência contra os processos colonizadores.

Digo isso ao refletir e comungar com o que diz Nilma Lino Gomes em "*Educação e identidade Negra*, obra em que tece reflexões importantes sobre a educação e a constituição da identidade negra. Gomes (2002) entende que educação é um processo amplo, constituinte da nossa humanização e que não acontece somente na instituição escola, mas nas diferentes esferas da vida. Porém, ao dar centralidade à escola, ela a compreende como um lugar onde se aprende e se compartilha não só conteúdos e saberes.

Gomes (2002) diz que a constituição da identidade pressupões interação e que a escola pode ser considerada um dos espaços que interferem na construção da identidade negra, uma vez que a instituição pode valorizar ou estigmatizar, discriminar, segregar ou até mesmo negar essa identidade. A autora fala das potencialidades e desafios de uma educação que colabore com processos de constituição da identidade negra, considerando seus processos históricos e sociais. Ela propõe a construção de uma pedagogia da diversidade, tendo em vista que vivemos no Brasil, sob o mito da democracia racial, e que padecemos de um racismo ambíguo, num contexto em que racismo e desigualdade socioeconômica caminham juntos.

Os caminhos da educação são sinuosos em todo o percurso da vida escolar desses sujeitos, mas o seu maior desafio diz respeito ao acesso à universidade, em que pese o esforço e a luta da comunidade para superar essa realidade, ela se impõe. Diante disso, fui convidada pelas instituições parceiras da comunidade (Carretel Cultural e Associação Mucury Cultural) e pela própria Associação Quilombola Vaz Pereira a pensar caminhos possíveis de superação dessas barreiras impostas.

Num movimento de confluência, me dispus a refletir, junto com eles, sobre esses processos, na busca de uma construção coletiva de possibilidades. Na minha primeira imersão em São Julião, essa já foi uma conversa iniciada. Ao falar sobre a pesquisa com Kátia e explicar detalhadamente o que é um doutorado e como ele é desenvolvido, surgiu o interesse sobre conversas que poderiam ser feitas com a juventude, sobre a minha experiência com a universidade, por ser eu uma pesquisadora que estaria ali com eles durante um tempo considerável.

Confesso que isso me causava uma certa preocupação, pois eu não queria pensar e agir como quem desconsidera ou incredibiliza as inúmeras formas de experiência como formação. Não queria que, aos jovens de São Julião, fosse imposta a entrada na universidade como única forma de formação profissional, de ascensão ou qualquer coisa nesse sentido. Aceitei fazer essas conversas e pensar um caminho, junto com eles, para que a universidade fosse umas de suas possibilidades, mas não a única.

Após essa primeira conversa presencial, foi montado um grupo de WhatsApp com alguns jovens e fomos conversando à distância. A juventude se mobilizou em torno dessa questão. Em setembro de 2021, fui convidada a ir a São Julião para fazer uma conversa com a juventude, para que juntos pudéssemos traçar caminhos reais para esse acesso à universidade. Porém, nenhum daqueles jovens havia feito as inscrições para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), principal porta de entrada para a universidade no atual momento. Apesar de os

jovens terem diferentes sonhos de formação, naquele ano, não seria possível fazer nada nesse sentido.

Nesse encontro, em setembro de 2021, conversei com eles sobre o curso de Licenciatura em Educação do Campo, que eles nem sabiam da existência. Pensei nesse curso pelo diálogo que ele estabelece com a vida dos povos do campo, bem como pelas possibilidades de outras formas de entrada na universidade, sem extinguir a possibilidade de eles prestarem o Enem no ano de 2022. Fizemos a primeira reunião com a juventude, onde estiveram presentes 25 famílias com interesse no tema. Vieram também pessoas de comunidades vizinhas.

Convidamos duas pessoas para falar sobre o Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Cleia (jovem da Comunidade Quilombola de Santa Cruz, egressa do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, que alguns jovens já conheciam, por ser uma liderança da juventude quilombola) falou da sua experiência, da formação, das possiblidades e limitações. Ivana Lovo (professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri campus Diamantina) falou sobre as políticas de entrada e permanência no curso daquela universidade. Tiveram destaque o vestibular específico para o curso; a bolsa permanência, que é uma bolsa destinada, nesse contexto, a jovens quilombolas e possibilita sua permanência nas instituições; e a pedagogia da alternância, proposta de acordo com a qual os jovens passam parte do tempo na universidade e parte na comunidade, possibilitando que eles façam o curso sem precisar se distanciar da comunidade durante todo o período de formação e considerando legítimos os conhecimentos oriundos da comunidade.

Saímos com um número considerável de estudantes que se interessaram pelo curso, mantivemos nossas conversas pelo aplicativo, alguns jovens lideraram essa conversa e tinham o papel de compartilhar com os demais. No ano de 2021, já não era possível fazer as provas, então trabalhamos para o desenvolvimento da proposta para o ano de 2022. Quando chegou a data das inscrições para o Enem, no ano de 2022, tentamos que o maior número de jovens pedisse a isenção de taxa e fizesse a inscrição. Estive a disposição para ajudá-los, mesmo estando distante fisicamente.

Infelizmente, percebemos que essa distância física foi um limitador, pois, mesmo conversando individualmente, por telefone, por aplicativo, apenas duas jovens conseguiram fazer as inscrições, mas enfrentaram dificuldades que impediram, mais tarde, que as provas fossem realizadas.

Ainda quanto às inscrições do Enem, houve inúmeros limitadores. No site da inscrição, era pedido o CEP do local e a comunidade não tem um CEP, pois está localizada na zona rural,

então elas precisaram usar o CEP do lugar mais próximo que tem esse registro, o que já é um problema, pois o endereço real não constava nas suas inscrições; outro limitador foi a dificuldade de acesso à internet e de lidar com as ferramentas necessárias para realização das inscrições; outra questão foi o número de telefone, as duas jovens que conseguiram realizar as inscrições perderam a senha do site do governo (gov.br) onde as inscrições foram feitas, e o resgate das senhas é realizado por mensagem de SMS. Como não há rede telefônica na comunidade, outra forma de resgate seria por conta bancária, que elas também não possuíam; ou pelo e-mail, que elas também não tinham acesso, visto que o e-mail não é uma ferramenta utilizada por elas com frequência.

Logo depois das inscrições malsucedidas para o Enem, saiu o edital para o vestibular específico para entrada no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, campus Diamantina. Diante da experiência malsucedida decorrente, em parte, da distância física, fui pessoalmente, levando os equipamentos necessários para fazer o pedido de isenção das inscrições e, logo depois, as inscrições. Nessas duas visitas, também estudamos juntos o edital.

Nesse movimento de inscrições, estudo e mobilização, fizemos as inscrições de 12 jovens para o vestibular. Feitas as inscrições, tínhamos um problema, os jovens da comunidade não estão habituados a realizar provas de seleção, não faz parte dos modos de vida deles. Então, pensamos em possibilidades para que, ao fazerem as provas, eles não tivessem o compromisso de serem aprovados, mas precisávamos pensar em estratégias para que eles não se sentissem constrangidos diante daquela situação que se inaugurava.

Assim, fizemos um trabalho de mobilização de professoras e professores da cidade de Teófilo Otoni para que eles fossem até a comunidade de São Julião para desenvolver um projeto para capacitar a juventude para realizar a prova. Dentre essas professoras e professores, estavam sujeitos de diferentes escolas particulares da cidade, de cursinhos e da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, campus Teófilo Otoni. Estudamos juntos o edital, esses professores se dividiram, assumindo cada um sua área de conhecimento e atendendo tudo aquilo que pedia o edital.

Fizemos uma agenda de visita das professoras e professores, de modo que grupos de três professoras e professores iam até a comunidade para fazer o preparatório aos finais de semana. Os custos eram divididos entre as instituições parceiras desse projeto e uma parte foi custeada pelos próprios professores e professoras. A comunidade se mobilizou para oferecer a hospedagem e a alimentação. Esses professores e professoras foram de suma importância, pois, como conversamos anteriormente, eles tiveram uma abordagem que estabelecia um diálogo

possível com esses jovens, onde trabalhavam os conteúdos do edital pautados pela realidade dos jovens e da comunidade. Focaram no desenvolvimento da prova, trabalharam questões relacionadas ao tempo de prova, a como se portar diante das questões mais difíceis, como preencher o gabarito, o que fez total diferença na forma como eles passaram a lidar com esse tema.

Chegando próximo aos dias da prova, tínhamos mais um problema a resolver, precisávamos de transporte e hospedagem, pois as provas seriam realizadas na cidade de Teófilo Otoni. Então, entramos em contato com uma vereadora da cidade e ela nos apoiou, disponibilizando o transporte pela prefeitura e organizando a hospedagem dos jovens em uma instituição parceira. As professoras e professores se mobilizaram para encontrar com eles no dia que antecedia a prova e para acompanhá-los no dia da prova.

Nove jovens foram fazer a prova do vestibular e, para nossa alegria, os nove foram aprovados. A comunidade ficou em festa por esse feito, pois isso era algo distante da realidade deles. Desde então, começamos a pensar e a trabalhar para tornar possível a ida deles para universidade. Assim que saiu o edital de matrícula, fizemos um encontro para estudarmos juntos o documento, buscando informações sobre a documentação necessária e os meios para consegui-la. Entramos em contato com a escola, que emitiu os documentos para todos os estudantes que iriam se matricular.

Oito dos estudantes (sendo um jovem do sexo masculino e sente do sexo feminino) que fizeram a prova se matricularam no curso. Assumi o contato via telefone (pois São Julião não tem rede telefônica) com a universidade, bem como o contato com a vereadora que nos ajudou anteriormente. Precisávamos do transporte para ida e volta de Diamantina, que foi custeado pela prefeitura de Teófilo Otoni. Já a universidade garantiu o valor, em dinheiro, destinado à hospedagem, além de nos indicar um lugar adequado, de modo que conversamos e acertamos com antecedência a estadia dos estudantes. Enfim, foram para universidade.

Acompanhei à distância esse processo, sentia uma certa responsabilidade sobre o que estava acontecendo e queria assegurar que tudo daria certo. Logo nos primeiros dias, ele e elas tiveram dificuldade com o transporte local (entre o local onde estavam hospedados e o local onde seriam realizadas as aulas). A universidade disponibilizou o transporte, porém, como ainda não haviam passado por uma avaliação socioeconômica, eles não possuíam uma carteirinha que lhes daria prioridade no acesso ao transporte, logo os ônibus passavam lotados e eles nunca conseguiam acessar o transporte.

Os jovens e suas famílias não tinham condições financeiras de custear o transporte diário. Então, a comunidade se reuniu e resolveu que eles usariam um valor, que estava

reservado em uma conta da juventude e era um recurso vindo de um projeto de cunho cultural realizado na comunidade em tempos anteriores. Assim, eles conseguiram custear o transporte que não estava previsto, pois acreditávamos que a universidade disponibilizaria o transporte, como anunciado. A alimentação foi, de fato, custeada pela universidade e pelo relato dos estudantes era de boa qualidade.

Durante esse período, marcávamos reuniões on-line e eles relatavam como estavam lidando com essa nova fase, disseram que, muitas vezes, precisavam usar dicionários para entender o que os professores estavam falando, três alunas tiveram crise de ansiedade, uma delas foi parar no pronto atendimento. Íamos conversando e tentando fazer com que as barreiras que se apresentavam fossem transpostas, ou mediadas pelos professores e demais funcionários da instituição. Em alguma medida, eles foram acolhidos. Ao mesmo tempo em que eram surpreendidos com questões que fugiam a realidade vivida por eles, e isso era limitador, também ficaram impactados e satisfeitos por conhecer e vivenciar aquilo que alguns chamaram de "outro mundo".

Depois do primeiro período de permanência, retornaram para a comunidade, dois deles já desmotivados, mas continuávamos conversando e tentando possibilidades de permanecerem na universidade. A universidade soltou o primeiro edital, que ainda não era o de acesso à bolsa quilombola, mas sim um edital interno, para fazer o levantamento socioeconômico dos discentes. Nesse dia, Carlinha, que estava nesse grupo de estudantes, me ligou pedindo ajuda para pensar possibilidades de preenchimento do formulário. Confesso que fiquei impactada com tamanha burocracia.

Esse edital foi um divisor de águas, o grupo de estudantes que estava empolgado com esse novo caminho se dissolveu. Ou melhor, se uniu e, em um sentido comunal, resolveram por uma desistência coletiva. Entrei em contato com a universidade, especialmente com a Ivana, professora que tinha acompanhado esse processo desde o início. Os professores se mobilizaram, conseguiram uma extensão do prazo de entrega dos documentos (que inicialmente era de uma semana) como também entraram em contato com esses estudantes. Essa professora em específico se disponibilizou a custear os documentos necessários. Outros jovens quilombolas de outras comunidades também fizeram um movimento para que eles não desistissem.

Entrei em contato várias vezes, mas elas e ele estavam irredutíveis, não estavam mais dispostos a lutar contra o sistema naquele momento. Conversamos muito sobre todo o processo, e agora deixo aqui o relato de uma última conversa com Carlinha, líder comunitária da juventude, sobre esse assunto:

> Foi uma coisa muito interessante para mim e acredito para os demais também, na verdade a gente não esperava...na verdade, a gente até se surpreendeu, quando a gente fez os estudos e conseguiu passar na prova, foi uma coisa bem forte pra todo mundo, foi uma coisa que a gente almejava. A preparação para o vestibular foi uma coisa bem tranquila, eu acredito que foi uma coisa nova para nós, porque nunca tinha havido de professores vim nos ajudar e facilitar os estudos para a gente conseguir passar no vestibular. Depois o processo de ir para vestibular que a gente conseguiu apoio da vereadora, que nos fortaleceu bastante, nos ajudou. Quando todo mundo passou, foi uma alegria imensa, a gente se surpreendeu, porque a gente não esperava que todos fossem passar, a gente achou que não iria conseguir, mas foi muito bom.
>
> A ida para a universidade foi uma coisa nova, foi conhecer outras coisas, uma realidade diferente, aonde a gente... ao chegar lá, a gente conheceu outro mundo, foi um processo que foi bom, foi de conhecimento, foi de troca de experiências, mas também foi onde a gente passou algumas dificuldades, porque a gente saiu da comunidade, foi para Diamantina, sabendo que a gente não iria pagar o transporte para a universidade, chegando lá, foi todo mundo surpreendido, pois não tínhamos esse valor para custear as passagens, muitos queriam desistir no primeiro dia.
>
> A universidade de forma conjunta tentou mediar que a gente não desistisse, mas eu entendi que o coletivo já havia desistido, alguns que já tinham vindo de lá em mente que não era aquilo, mas a causa mesmo foi por questões financeiras, de não conseguir sustentar os gastos até a gente voltar para o próximo TU (Tempo Universidade). Como a gente tinha que custear, os colegas que deram apoio a gente (de outros períodos), disseram que a gente tinha que ter o apoio da comunidade, dos pais, para poder custear até a bolsa sair, que seria no próximo TU. Então, a questão financeira levou a desistência dos jovens.
>
> Acredito eu que foi um baque bem grande para os jovens de São Julião, por tentar acessar a universidade e saber que é uma coisa que é de direito da gente, que reza no próprio vestibular, que é um direito da gente, mas para ter esse direito é inviável, então é como se a gente não tivesse direito. Nós temos que lutar, lutar, lutar e, ainda assim, para ver se vai conseguir, porque a gente nem tem certeza se a gente iria conseguir a bolsa. Se você for com um documento errado, eles cancelam a documentação e cancelam a bolsa. Eles dão o direito e tomam novamente. Por a gente ter imaginado outra dimensão da universidade foi um baque muito grande e realmente foi um choque para todo mundo (Carlinha).

Relato essa experiência, já nas considerações finais, por entender que esse tema carece de aprofundamentos, de pesquisas que abordem a questão do acesso e da permanência de jovens quilombolas na universidade, não só os jovens de São Julião. Trata-se de um campo em aberto, com questões que precisam ser desenvolvidas. Mas trago tal tema para discutir e voltar a questões pertinentes a essa tese, que diz respeito à temporalidade, ao território desses sujeitos, à relação com a vida cotidiana e com os saberes.

Essa conquista de inserção, como possibilidade de formação universitária, está diretamente ligada com a história de vida deles. Apesar de serem eles alunos aplicados, dispostos e preocupados com as questões relacionadas à educação, não conseguiram se manter dentro da universidade, mesmo estando vinculados a um curso que, "[...] visa domínio dos saberes das diversas áreas do conhecimento, contempladas na matriz curricular do curso, visando não só a mediação na docência, mas também a produção de novos saberes, e a posição crítica em relação às situações educativas, assumindo compromisso com a realidade social

contemporânea das populações do campo[...]" (LEC, 2019, n.p.), que tem por objetivo "promover a formação de professores contextualizada na realidade dos povos do campo, fundamentação importante para a materialização das políticas públicas [...]" (LEC, 2019, n.p.). A universidade, atuando enquanto ferramenta do sistema, ainda conseguiu cercear esse direito. Esses estudantes descobriram na prática que não é possível atingir determinados lugares, sem olharem para quem eles são.

Outra etapa do processo metodológico que é preciso ainda descrever é que, após essa tese estar escrita, eu e Kátia, fizemos um encontro on-line (devido à distância geográfica), para que ela pudesse ter acesso à versão final deste trabalho. O que chamo de "encontro", difere de uma orientação acadêmica, mas tem equivalência, pois foi uma conversa em que falamos sobre o que foi evidenciado em cada eixo (que já era de seu conhecimento); apresentei as falas trazidas na íntegra, as fotos que compõe o texto, além de oportunizar que ela opinasse sobre o estudo, indicando que eu estava aberta para a discussão de qualquer ponto que devesse ser modificado.

Nesse encontro, ainda tive acesso a uma outra informação que acordamos que era importante que estivesse aqui, bem como foi possível identificar outras possibilidades de aprofundamento para pesquisas futuras. O assunto tratado faz relação com as lutas diárias das mulheres e, de forma mais específica e interna, das mulheres da Comunidade Quilombola de São Julião.

Como disse no início desta tese, Kátia é a primeira mulher a assumir a presidência da Associação Vaz Pereira, que representa a comunidade como pessoa jurídica. Para que ela assumisse esse cargo, além de passar por um processo de eleição por votação, foi preciso também um movimento de resistência. Quando Kátia ganhou as eleições, que foram feitas de forma democrática, alguns homens da comunidade, em especial o seu companheiro, disse que ela não tinha condições de assumir esse cargo por ser mulher. Kátia se manteve quieta nesse momento, mas as outras mulheres, que compõem o grupo de mulheres "Célia Rodrigues", se manifestaram e disseram que fariam valer o processo eleitoral. Assim, Kátia assumiu o cargo. Quando cheguei na comunidade, esse processo havia acabado de acontecer e ainda era possível sentir a atmosfera que esse conflito gerou.

No atual momento, outro conflito em torno dessa mesma questão está em erupção e só tomei conhecimento disso nesse último encontro antes da entrega da tese. Ela me contou que um grupo de homens resolveu criar uma nova associação, para também responder juridicamente pela comunidade. A motivação ainda está relacionada ao patriarcado, pois, ao longo desses anos, Kátia e as demais mulheres, além de se manterem no coletivo de mulheres, desenvolveram

ações que as fortaleceram, exemplo disso é a fábrica de farinha, a produção de sabão e as conversas com outras mulheres (de fora da comunidade) para falar sobre violência doméstica e outros assuntos relacionados. Acordamos que, mesmo nessa etapa final, seria necessário tratar desse assunto, para dizer que São Julião também sente as pressões exteriores do mundo globalização, que nos impõe o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado e que, igualmente, sofre pressões interiores relacionadas a esse conjunto de elementos. Lá é preciso resistir dia após dia, para que a luta seja vencida diariamente!

Tudo isso que aqui relato faz uma relação direta com lazer como processo de tomada de consciência. Na medida em que realizo um processo de pesquisa que faz emergir, de forma relacional, as experiências éticas e estéticas da vida cotidiana em São Julião, nós nos apropriamos juntos de questões como essa de acesso e permanência na universidade, bem como a situação das mulheres na sociedade atual. Se me disponho a escrever uma tese sobre o lazer e a vida cotidiana, ela provoca o tensionamento das barreiras e das possibilidades que essa vida impõe.

Esse processo relacional possibilitou a descrição das experiências festivas; permitiu o desenho do território, de modo que emergissem as formas de ser e estar no mundo da comunidade de São Julião, aproximando-a de outras comunidades de quilombolas por meio do diálogo com Nego Bispo; e tornou possível estabelecer um diálogo com elementos como o tempo, o território e o corpo para refletir sobre as práticas sociais vivenciadas no cotidiano que fazem relação com o campo de Estudos do Lazer.

O compreender pelo viver e pelo sentir possibilitou encarar a vida cotidiana como um campo de possibilidades, tendo clareza sobre o lugar do tempo e do território como produção da vida e, nas relações estabelecidas, foi possível tomar consciência da história de um lugar em que o lazer emerge, o ritual emerge, as práticas situadas emergem das relações concretas da vida. As práticas sociais vividas no cotidiano e relacionadas ao campo de Estudos do Lazer da comunidade em estudo são expressão da *práxis*, expressão da vida, uma forma ritual, estética, ética e comunal.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Sônia Cristina. **Música e dança na Festa de Reis em Carmo do Cajuru - MG**: uma etnografia construída no envolvimento e no movimento de pessoas, instrumentos e sonoridades. 2016. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos Culturais: o que e o como das investigações. **Open Edtion Journal**, Premiere Serie I, número especial, p. 451- 461, 2009.

BAPTISTA, Maria Manuel. Ócio, temporalidade e existência uma leitura à luz da fenomenologia e hermenêutica heideggereanas. **Revista Lusófona de Estudos Culturais,** v. 1, n. 2, p. 173-182, 2013.

BAPTISTA, M. M. Estudos de ócio e leisure studies: o atual debate filosófico, político e cultural. **Revista Brasileira dos Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 20-30, 2016.

BENTO, B. D.; BOTELHO, M. R. **Casa do batuque**: tecnologia social de bioconstrução. Entrega à comunidade e a financiadora, 2019. No prelo.

BICHOS de Nalva. Direção Mucuri Cultural. 2018. Disponível em: https://youtu.be/O4Ckdz1Q_aw?si=huK6aZlqvFTYMiDp. Acesso em: 28 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares da Pedagogia da Alternância na Educação Básica e na Educação Superior. **Resolução CNE/CP Nº 1**. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/estrutura-organizacional/orgao-colegiado/cne/resolucao-cne-cp. Acesso em: 02 fev. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Palavras Germinantes: entrevista com Nego Bispo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo. v. 26, n.1 e 2, p.14 a 26, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Somos da terra. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Antônio.** Entrevista Coletiva. 2020. Disponível em: https://www.coletiva.org/dossie-emergencia-climatica-n27-entrevista-com-antonio-bispo. Acessado em: 15 marc. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Vida, memória e aprendizado quilombola.** Itaú Cultural, 15 mar. 2021, 15m:54s. Disponível em: https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=nego+bispo#fpstate=ive&vld=cid:2f1060ec,vid:gLo9ZNdgJxw,st:0,. Acesso em: 18 set. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Dois e dois são dois: Renato Nogueira e Nego Bispo. [Entrevista concedida a] Renato Noguera. **Amarello**, n. 40, 2022. Disponível em: Dois e dois são dois: Renato Noguera e Nêgo Bispo - Revista Amarello. Acesso em: 20 mar. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, Piseagrama, 2023.

CAETANO, Erica. **Folia de Reis**. Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/folclore/folia-de-reis.htm. Acesso. Acessado em: 08 mar. 2023.

CASSOLA, Caio. A importância de ativar suas firmezas. Disponível em: https://www.tluestreladeoxala.com.br/noticias/a-importancia-de-ativar-suas-firmezas. Acessado em 23 de mar. 2023.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. **Com olhos de criança:** a ludicidade como dimensão fundamental da construção da linguagem e da formação humana. Licere, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 105-117, 1999.

ESCOBAR, Arturo. **Contra o terricídio**. Tradução de Maria Cristina Ibarra Hernandez. Palestra da 16a Participatory Design Conference 2020, Manizales (Colômbia). Publicado pela N-1 edições, 2020. Disponível em: https://www.n-1edicoes.org/textos/190. Acesso em: 19 out. 2022.

FAVRET-SAADA, Jeanne (2005), "Ser afetado", Cadernos de Campo, 13, 155-161.
FAVRET-SAADA, Jeanne (1977), Les Mots, la mort, les sorts, Paris, Gallimard. LAHIRE, Bernard (2006), A cultura dos indivíduos, Porto Alegre, Artmed.GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GOMES, C.L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. In**: Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GOMES. Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. Belo Horizonte: Aletria, 2002.

INCHAURRAGA, Z. Z. Por un ocio posmoderno [no] violento. Interpretado desde la crisis y la hermenéutica de Giane Vattimo. *In:* AMIGO, J. C. Amigo J. D. M. (eds**.). El Ocio Transformado[r]**: Resignificaciones y Tendencias Ocio em Tiempos de Crisis. Bilbao: Universidade de Deusto, 2012.

INTERVOZES. **Defender a alegria, organizar a raiva**, com Nêgo Bispo e Jerá Guarani, 06 de setembro de 2023, 2h e 46 min, disponível em: https://www.youtube.com/live/YTAPvi_Dlrk?si=TJZEsfgRnpCTJuvy. Acesso em: 10 set. 2023.

LAVE, J.; WENGER. **Aprendizagem situada:** participação periférica legitimada. Belo Horizonte: UFMG, 2022.

LEC. **Licenciatura em Educação do Campo**, Diamantina. Diamantina, 1999. Disponível em: https://portal.ufvjm.edu.br/a-universidade/cursos/lec. Acesso em: 25 de març. 2023.

PAULA, João Teixeira. **Dicionário Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo**. São Paulo: Banco Cultural Brasileiro, 1970.

PEREZ, Léa Freitas. Do lazer à festa: em questão o solo epistêmico da modernidade ocidental. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun./2009.

RÖHR, Ferdinand. **Educação e espiritualidade**: contribuições para uma compreensão, multidimensional da realidade do homem e da educação. São Paulo: Mercado das Letras, 2013.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SEGATO, R. L. Gênero e Colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos CES**, 107-131, 2012. Disponível em: http://journals.openedition.org/eces/1533. Acesso em: 11 nov. 2020.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo o mato:** a ciência encantada as macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

TRAVALHA, C. C. X. **Educação e espiritualidade na UFMG: desafios e limites de uma proposta de pesquisa e estudos. In: Educação Espiritualidade [recurso eletrônico]: tessituras para contrução de cultura de paz/org**. Eliana do Sacramento Soares, Jane Rech. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, páginas 52 a 70.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Paisagens arruinadas** (e a delicada arte de coletar cogumelos). Traduzido por Filipi Pompeu e Mariana Canazaro Coutinho. In: Cadernos do Lepaarq, v. XV, n.30, p.366-382, 2018.